CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto vol. 4

para gostar de aprender

www.lpm.com.br

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras, e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.
Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.
Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.
Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.
Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala
A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.
Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.
Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora
É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".
Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.
Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.
Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.
Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

No dia do casamento, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**

[Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, "outro valor mais alto se alevanta" – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em "Por que atacam, os iraquianos?" é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para "Por que os iraquianos atacam?" – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo "errado"; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa "inovação"? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não "por causa") da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de "rebeldia pontuacional" vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva "errado", mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve "certo". Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> "Blá, blá, blá." **Pausa**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: "Blé, blé, blé."

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> "Blá, blá, blá." **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." "Blé, blé, blé." **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último "blá", tão sofrido, e o primeiro "blé"?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> "Blá, blá, blá." [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] "Blé, blé, blé."

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: “Quem deu, dará; quem pediu, pedirá”. “Quem vai, vai; quem fica, fica”. “Quem sabe, sabe”. “Quem pode, pode” – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: “Quem quiser, **peça**”; “Quem ama, **cobra**”; “Quem teme, **ameaça**”; “Quem deseja, **casa**” (não se trata de alguém que “quer peça”, ou “ama cobra”, ou “teme ameaça”, ou “deseja casa”).
Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: “La vida es sueño, e sueños, sueños son” (em Português, “e sonhos, sonhos são”). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.
Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.
Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas "regras", devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** ("a pessoa que não lê") do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a "regra", e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo "a pessoa que não LÊ MAL" –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: "A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê".

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?
A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.
Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de “é”

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi “Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...”. Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) “exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER”. Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate".

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: "O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate".

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: "É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais". Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre "Ana" e "Denise". Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria "filhos", vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas "de seus pais"...): "É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais".

Vírgulas e pausas não coincidem

Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.

Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?

Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!

Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?

Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?

Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. "Quem ama educa" e "Quem ama, educa" são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

> 1 – A, B, C e D fundaram um clube.
>
> 2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.
>
> 3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc.*, isto é, quando *etc.* vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?

Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

Você quer água OU vinho?

Não tenho tempo NEM dinheiro.

Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

(1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.

(2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.

(3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com "é assegurado", nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por "E", com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O "E" com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma "mentira piedosa", justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

"E" com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao "E" o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por "E" for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – "Ele é riquíssimo, E não paga suas contas" –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o "E" também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é "Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta". Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?

Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.

Sim, acho que podemos aceitá-la de volta.

Acho que podemos aceitá-la de volta.

A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.

***E sim**, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

*A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – "Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta". Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *"Não devemos desanimar, persistir na luta".

Vírgula estranha antes do "E"

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX".

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do "E" por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação "relativo ao pedido nº 256" (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX".

Quando "E" não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o "E" só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o "E" pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: "Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer".

3 – Separando o

adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

(1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.

(2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.

(3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

(1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.

(2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

(1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.

(2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.

(3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.

(4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.

HOJE eu não tenho tempo.

NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.

TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão "desta feita", ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *"Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...".*

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: **adjunto adverbial deslocado**

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.

Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.

O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

venda.

Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.
Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.
Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.
Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?
>
> Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

VAGABUNDO, vai estudar!

Vai, VAGABUNDO, estudar!

Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

Professor Moreno: na expressão "Valeu! Mestre!", temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: "Valeu, **mestre**!"; "Cuidado, **Corisco**!"; "Epa, **camarada**!"; "Vade-retro, **Satanás**" – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo "Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu", quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – "meus amigos" – e deverá ser pontuada assim: "Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu". Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito ("Ninguém") e o verbo ("poderá") apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como "**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu", ou "Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**" – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

Professor, o senhor pode me ajudar?
Existe diferença de sentido entre "Homem trabalha" e "Homem, trabalha"? E entre "Você entende Joaquim" e "Você entende, Joaquim"?

Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em "**Homem**, trabalha", a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de "homem". O mesmo acontece com "Você entende, **Joaquim**", em que estamos nos dirigindo a alguém chamado "Joaquim". A versão SEM vírgula diz outra coisa; em "**Homem** trabalha", "homem" é o sujeito da frase, semelhante a "**Pedro** trabalha", "**Ele** trabalha", "**Todo o mundo** trabalha". Em "Você entende **Joaquim**", estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em "Você entende **Inglês**", "Você entende **toda a matéria**", "Você entende **minha ansiedade**").

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.

Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.

A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.

Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.
É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?"

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: "Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.

Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?

Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

(1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM

(2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.

(3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), “mas” e “por não ter havido quórum” **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de “por”. Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: “São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial”.

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: “Muito barulho por nada”. Que vantagem você pensa

obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

Eu, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.

Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.

O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

(1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)

(2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)

(3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)

(4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

(5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.

(6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.

(7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.

(8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.

(9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.

(10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).

ALÉM DISSO:

(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.

Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.

Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.

Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.

Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.

As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.
O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.
(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

cerimônia.

O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.
Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.
Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.
A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.
O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.

As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.
A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.
Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.

O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.

O resultado dos testes foi como você predisse que seria.

O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.

Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.

Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público". Pergunto: aquela vírgula após a palavra "Ilustrada" é necessária?

Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO" – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

Prof. Moreno, na frase "Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR", classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.

Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração "que quero comprar" realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

Por favor, professor, qual a forma correta? "Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia" ou "Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...". É restritiva ou explicativa?

Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em "Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada", a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em "Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais", a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?

Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

Caro Professor: na frase "não faça como eu QUE NÃO APRENDI", há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, "não faça como eu que não aprendeu!". Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?

Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria "Não faça como eu, que não aprendi". Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário "eu"). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como "marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto". Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando
enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações
coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a n<u>o</u> 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a n<u>o</u> 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as "regras" de pontuação têm quase a natureza de "recomendações"), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa,*** *mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.

Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.

Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.

Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – "Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos"–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um "período composto por coordenação", já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1o de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.
Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.
Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração
Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** ("os três países mencionados no

relatório”), um **verbo de ligação** (“eram”) e um **predicativo** (“o Brasil, a Venezuela e a Argentina”). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é “vários ingredientes esquisitos”; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é “as seguintes equipes”. As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: “Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem”.

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, “verbos de dizer”): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** “Colhe os frutos que a vida te oferece”.
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: “Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções”.
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: “Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem”.

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: “A polícia esteve duas vezes aqui no prédio”.
>
> A diretora respondeu: “Não pretendo atender o pedido de vocês”.

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de "risca de quadratim", e o segundo de "risca de meio-quadratim", ou "meia-risca".

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado "puro", seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ("porta") e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações "originais" que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?"

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**

> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o “dilema” de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:
EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – "Os colegas concordam comigo?" –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.
Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma "pergunta retórica"? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta "verdadeira", pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, "O que é uma pergunta retórica?" é uma pergunta **verdadeira**, assim como "A que horas começa o filme?", "Quem vai no carro conosco?" e "Onde puseram a conta da luz?".

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).
Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).
Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.
Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.
Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.
Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

Você aí!

Antônio! Júlio! Onde estão vocês?

Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

Filho, desce daí.

Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o "!?". Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses "?!?!", "??!!" ou "????" que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, "o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**". Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.

A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

O cafeeiro é originário da distante Etiópia...

Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...

Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

para não ficar muito mais alto que um homem...
A florescência do café depende da chegada da chuva...
Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: "Não tenho relacionamento algum com este senhor".

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo "O" em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> "Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser."

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

morrer.

Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.

Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

(1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,

(2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,

(3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

(1) o professor que só atua na graduação,

(2) o professor que só atua na pós-graduação e

(3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.
Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]"

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.
Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.
Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional "Prezado Senhor" é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente "antiestético"; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal "burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!". Segundo ele, o ideal – "para ênfase, sentimento, calor no papel" – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, "a melhor pontuação é nenhuma". Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o "conselho áureo" para quem escreve:

> "Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)".

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: "João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio"**.** *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

João toma banho quente e sua. "Mãe", diz ele, "quero banho frio".

A chave é o vocábulo "**sua**", aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

> Três belas que belas são
> Querem que por minha fé
> Eu diga qual delas é
> Que adora o meu coração
> Se consultar a razão
> Digo que amo Soledade
> Não Lia cuja bondade
> Ser humano não teria
> Não aspiro à mão de Iria
> Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.
SOLUÇÕES:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

> Se consultar a razão,
> digo que amo SOLEDADE.
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria.
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não! Aspiro à mão de IRIA,
> que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! LIA, cuja bondade
> ser humano não teria!
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Table of Contents

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto vol. 3

para gostar de aprender

www.lpm.com.br

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: “Por que devemos fazer isto, e não aquilo?”. Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)

2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)

3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)

4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)

5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)

6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)

7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)

8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como "Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**", o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

> O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

*Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de **no sábado** é de **adjunto adverbial de tempo.** Ora, a palavra **sábado** é um **substantivo,** mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como **substantivo** (mesmo sendo **adjunto adverbial** na sintaxe), ou se classifica como **advérbio.** Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

*Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo **viver** é **intransitivo**. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como **verbo de ligação** na frase "Mário **vive** cansado" – como é o caso do verbo **andar** na frase "Mário **anda** cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais

longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o ***sujeito oculto*** *foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, "abolido".

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

> Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à ***NGB*** *– Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em "complemento terminativo" ou "complemento relativo", ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim ***sujeito oracional****. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em “Nós esperamos que você volte logo”, a oração principal é “Nós esperamos”. Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – “que você volte logo” –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, “o que era indispensável”? **Que eu voltasse cedo**. “O que é que convém?” **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock

Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; "o que é importante"? **Estudar**. "O que pode trazer sérias consequências"? **Ficarmos aqui**. O que "era uma tarefa para Sherlock Holmes"? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de "**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**" é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico". Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

> É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "**Fui eu quem fez**" ou "**Foi eu que fiz**"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

> Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, "****Os alunos acharam a prova difícil****"? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

a veterinária	encontrou	o leão	ferido
sujeito	verbo	obj. direto	predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

*Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento **desses assuntos** é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**", **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

*Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora **na Rua das Acácias,** foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é **complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

*Professor, qual seria a classificação sintática do elemento **no Brasil** na frase "Morar **no Brasil** é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como **adjunto adverbial**, uma vez que o verbo **morar** parece exigir um **objeto indireto** (quem **mora**, **mora** em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. "Alugar **o filme**" (compl. verbal) transforma-se em "aluguel **do filme**" (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em "**Eram seis galinhas**" e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: "Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?".

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, "retos" e "oblíquos", muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase "O professor contratou o cantor". No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos ("O professor o cantor contratou", "Contratou o professor o cantor", etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição "postiça" que todos nós conhecemos: "Ao cantor o professor contratou", "Contratou o professor ao cantor". No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse "O **professor** contratou o **cantorum**" (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em "O **cantorum** o professor contratou", ou em "Contratou o professor o **cantorum**", ou até mesmo em "O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

> As armas e os Barões assinalados
> Que da Ocidental praia Lusitana
> Por mares nunca de antes navegados
> Passaram ainda além da Taprobana,
> Em perigos e guerras esforçados
> Mais do que prometia a força humana,
> E entre gente remota edificaram
> Novo Reino, que tanto sublimaram;
>
> E também as memórias gloriosas
> Daqueles Reis que foram dilatando
> A Fé, o Império, e as terras viciosas
> De África e de Ásia andaram devastando,
> E aqueles que por obras valerosas
> Se vão da lei da Morte libertando,
> Cantando ESPALHAREI por toda parte,
> Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu "uma vida toda como professor de Português me deu...", enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir "o livro **se encontra**", "todos **me esperavam**, "eu **me confundo**" – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação "brasileira" do pronome

Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo ***antes*** *do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes*

*oblíquos átonos é **depois** do verbo (**ênclise**); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe **língua brasileira**; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise”, como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – ”**devo-te**”, “**espera-me**”. E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever “Amanhã **lhe devolverei** o documento”. Pode ser assim mesmo, ou “Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento” fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar+(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: "Mesóclise, mesóclise!". Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, "Amanhã **lhe devolverei** o documento", o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando "**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã". Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em "**tendo-se tornado** um líder", ou posso escrever "**tendo se tornado**", sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

*Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o **mesmo** encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra **mesmo** como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

"mesmo" sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.
Que tal?

o eu pode vir primeiro?

> Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? "**Eu**, Fulano e Beltrano" ou "Fulano, Beltrano e **Eu**"?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: "**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia". Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração ("Fulano, Beltrano e **eu**"). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto ("**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria"); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim ("Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso"). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do **lhe**

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

*Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo **lhe** com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar**, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo **lhe**, mas sim os complementos **a ele**, **a ela**, **a eles**, **a elas**. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome **lhe**. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, “cheia de regrinhas”, “repleta de exceções”. Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos “com substantivos **humanos**”) – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder "se eu usei, é claro que deve estar certo". Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: "Bateram-**me** a carteira" = bateram **minha** carteira; "Beijo-**lhe** as mãos, senhora" = beijo **suas** mãos. Na minha frase, "...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos", o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer "apontar **seus** defeitos".

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

> Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo ***conhecer****. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: "Eu* ***lhe*** *conheço" ou "Eu* ***a*** *conheço"? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua "enorme" dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo "**o**": "Eu **o** conheço" (homem), "Eu **a** conheço" (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde "**o**" representa especificamente **objetos diretos**, enquanto "**lhe**" representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome "**o**", passando-se a usar "**ele**" como complemento de verbos transitivos diretos: "Eu vi **ele**", "Encontrei **ela**", etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o "**lhe**" desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa "eu **te** conheço", "eu **te** vi" para uma pessoa íntima, prefere-se "eu **lhe** conheço", "eu **lhe** vi" para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria "eu **o** conheço", "eu **o** vi".

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre "**o**" e "**lhe**"; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o "**te**" (para os mais próximos) e o "**lhe**" (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria "Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão". Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do "**pra**" e do "**que nem**" numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: "**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**". Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: "Isso veio para **eu fazer**", "Ele disse que é para **eu levar** os ingressos". Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para "Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão", ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: "**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão" (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: "Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?".

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: "Fazei isso em **minha** memória". Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão

ambígua, pois pode ser interpretada como "a memória que vocês terão de mim" (que é a intenção original), ou "a memória que eu tenho das coisas, na minha mente". Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma "**Convidamos-lhes** para o evento" está correta. Acrescenta: "Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?".

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos "conformes", a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma "**O convidamos**" não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase "Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**" dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, "À Empresa X. **Nesta**.", a palavra **nesta** significa "nesta empresa" ou "nesta correspondência"?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa "Nesta Cidade". Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: "Nesta Universidade", "Nesta Administração", etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de "veduchovny" diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer "Cabe a **mim** tomar uma atitude". Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase "Cabe **a mim** tomar uma atitude" está correta. Note que ela poderia ser invertida: "Tomar uma atitude cabe **a mim**", ou "**A mim**, cabe tomar uma atitude". Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: "Ele deu **o livro a Joana**", em castelhano, seria "Él **se lo** dio". E no Brasil? "Ele **lhe** deu o livro"?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: "Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei". "Deram-me a notícia = Deram-**ma**". Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

> Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

*Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa **a** quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa **em** quem doer”? Afinal, o que dói, dói **em** alguém, e não **a** alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

> Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase "chutou **por sobre** o gol"; veja como isso não é tão raro assim.

Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer "ele chutou ***por sobre*** *o gol". Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de* ***duas preposições juntas****? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo "****por sobre****" em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam "**por sobre** os chapadões desnudos", do valente sertanejo que, "saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante", do combatente que "distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos". **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue "saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro"; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam "**por sobre** o tapete", fala do canto dos muezins "**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria" e se encanta com o sol, que, "sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia".

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: "E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

> **José Silva** ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de ***preposição*** *e* ***conjunção*** *nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias* ***Silva*** *e* ***Santos*** *estão sempre acompanhados de preposição (****da*** *Silva,* ***dos*** *Santos). Examinando os exemplos (1)* ***José Luís da Silva Lima****, (2)* ***José Luís Lima da Silva****, (3)* ***Pedro dos Santos Alencar*** *e (4)* ***Pedro Alencar dos Santos****, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção* ***E****, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria "entendo que a preposição **deveria**...". A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender "como deveria" se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão "linguístico" para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o "**de**", por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

> Se **suicídio** já quer dizer "matar a si mesmo", não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

Caro Professor, sabemos que ***suicídio*** *é o ato de* ***matar-se; suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para ***aonde*** *e* ***onde****?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

“Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito”.

“Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?”

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,

Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

“Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava.”

"Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?"

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que "os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**". Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que "é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos". Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

> "A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços." – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

*Prezado Professor, aprendi que o verbo **implicar** no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo **direto**: "A assinatura do presente contrato **implica a aceitação** de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica **que** a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

*Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase **O noivo chegou atrasado na igreja** houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma "correta" da frase seria "O noivo chegou atrasado **À igreja**", com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

*Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: "Devemos usar o verbo **assistir** (sentido de 'atender') seguido de **ao** ou de **o**? É assistir **AO** trabalhador ou assistir O trabalhador?".*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: "O Estado deve **assistir o trabalhador**", "devemos **assisti-lo**", "ele deve **ser assistido** pelo Estado" (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de "ver, presenciar", tem regência **indireta** no Português culto formal: "Nós assistimos **à peça**", "Eu não assisti **ao jogo**". Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): "*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores" seria uma versão inaceitável de "Cem mil espectadores assistiram ao jogo".

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como "Vou assistir o jogo", "As peças que assisti", "Qualquer espetáculo que você assista", "Vamos assistir a sessão", etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

*Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho "assim ela já vai, achar um cara que **lhe queira**, como você não quis...", na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. "O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser 'um cara que **a queira**'?"*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: "eu quero **o** contrato, **quero-o**". No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: "eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito".

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase "**atende as necessidades** básicas do decoro". Curioso, pergunta: "**Atender** não é um verbo transitivo **indireto**? Assim, você não deveria ter escrito 'atende **às** necessidades básicas do decoro?'."*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva ("as necessidades **foram atendidas**") – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada".

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse "**feito de** plástico", seriam outros quinhentos). "Produzido **com**" é a preferível; "produzido **em**" também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como "**consta da** norma" ou "**tenho de** ir". "Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?"

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: "meu nome consta **na lista**"; "o detalhe não constava **no** edital". **Constar de** é outra coisa: significa "ser composto de" – "O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa".

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de "dever", a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: "Nós temos **de** fazer", "Vocês têm **de** entender", e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: "Quando falo com um amigo, está correto dizer "eu **te** obedeço"; agora, como devo falar a meu diretor? "Eu **lhe** obedeço" ou "Eu obedeço **ao Sr**."?

Prezado Eduardo, você pode usar "Eu **lhe** obedeço" com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: "Eu obedeço **ao senhor**", "obedeço **a V. Senhoria**", "obedeço **a V. Majestade**". Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é "proceder **o** integral cumprimento da obrigação" ou "proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?"

Prezada Silmara, "vamos proceder **ao** sorteio", "vamos proceder **à** escolha" – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição "**A**".

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: "Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos" (Lc. 6,13); "Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes" (Mt. 25,2);"Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos" (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos),

como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas "autoridades" por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que "ensinar", porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro".

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é "residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro". Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro". Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: "Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva"?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.
transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?".

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. "**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe" = "a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)".

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: "Empresários reclamam atraso dos pagamentos" ou "Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos"?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: "O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia" ou "O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia"?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino "ao contrário", pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor***, ***escreveu à lápis***, ***começou à chorar***, ***entregou à ela***, ***trafegava à 60km***. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

*dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de **Recife**, no **Guia Prático 2**, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "**de** Recife" quanto "**do** Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à **Bahia**? Poderia ser dito "venho **de** Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou **à** Bahia" ou "vou **a** Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se vou a e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

*emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: "Meus alunos: se vou **a** e volto **da**, crase **há**; mas se vou **a** e volto **de**, crase para quê"? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada "**A**" na frase "Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel", aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: "Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel" – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase ("Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel"). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

*Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo. (2) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre "o carro **de** Marta" e "o carro **da** Marta", "o livro **de** Pedro" ou "o livro **do** Pedro". Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada "moderna" por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever "**em** França" e não "**na** França". Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes "**em**

França", "**em** África". No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem "**na** França", "**na** África", pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

*Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial **a que** se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial **às que** se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): "Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai" pode ficar "Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai"; "Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde" pode ficar "Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde". Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, "apelação e remessa oficial ***às que**...". A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é "aproximei-me **O** quanto pude" ou "aproximei-me quanto pude".

Meu caro Francisco: "aproximei-me **O** que pude", "aproximei-me **O** máximo que pude", "leve **O** quanto puder", "gastei **O** mínimo", etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como "gaste [**o**] quanto quiser", "economize [**o**] quanto puder", mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente “**todo mundo** vai querer imitar você”, com o sentido de “**todas as** pessoas”. Ela pergunta se o certo não seria “**todo o mundo** vai querer imitar você”.

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** “**todo o** mundo” ou “**todo** mundo” sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, “dizido é uma coisa, escrevido é outra”. Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: “foi para **o Cubatão**” (análogo a “foi para **o** Rio de Janeiro), ou “foi para **Cubatão**” (análogo a “foi para São Paulo”)?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é "Secretaria Municipal **de** Saúde" ou "Secretaria Municipal **da** Saúde".

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever "Secretaria **da** Saúde".

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É "onde você colocou **meu** casaco" ou "onde você colocou **O meu** casaco"?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: "Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?".

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma "seção", será feminina; se for um "centro", por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição "**A**", a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: "Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer 'este livro é **de** mamãe', 'os sapatos **de** Laurinha'; no Sul, dizemos normalmente 'este livro é **da** mamãe' ou 'os sapatos **da** Laurinha'. O que é correto?".

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: "leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

*Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? **À Maria** ou simplesmente **A Maria**, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> "Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?".

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): "Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**". Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a "medicações erradas", indefinidamente. Este é o mesmo caso de "o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de "o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava "a dar aulas de gramática" a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler "lavagem À seco". Mas, aí, lembrei do caso do "tinta À óleo" em que está implícito "à maneira de" e mencionei tal regra para confirmar o acerto de "lavagem À seco". Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

*Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar **a vista** e não **a prazo**" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

> Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a* ***Terra****". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

*Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra **masculina**, o uso de **àquele** (contração da preposição **A** com o pronome demonstrativo **aquele**) – "Diga **àquele** rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A** + **artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

*Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me **À** sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em "vimos solicitar **A** Vossa Excelência", o "**A**" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar **a (a)** Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "**A**s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "**À** minha amiga Maricota" ou "**A** minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

*(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita **à** muitas mãos" ou "A revista foi feita **a** muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de **muitas** ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem **a** vácuo" e "empacotado **a** vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma **maneira** de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis –** todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em **atendimento especial a clientes**, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado **à** ouro ou folheado **a** ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra **ouro** ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse "folheado **a prata**", também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o "**A**" é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre "das 8h **as** 12h" ou "das 8h **às** 12h", "de segunda **a** sexta" ou "de segunda **à** sexta".

*Devemos escrever "**das 8h as 12h"** ou "**das 8h às 12h"**? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é "**de segunda a quinta-feira"** ou "**de segunda à quinta-feira"**? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** "**A**" com o **artigo** "**A**". Na sua pergunta, quando você escreve "**das** 8h", fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de "12h" ele também deverá estar: "**das** 8h **às** 12h" – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria "ele trabalha **de oito a doze horas** por dia"; neste caso, "**de** oito a **doze**" não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção "**de** segunda **a** sexta-feira". O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: "**de** segunda **a** sábado".

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: "**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino **à distância**

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: "A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]".

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: "Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura".

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão "**de 1998 a 1999**" é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este "**A**" é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino "**O**".

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: "A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença". Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele "**A**"?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. "**Dado o** mau tempo", "**dados os** resultados", "**dada a** falta de luz" – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: "devido **ao** mau tempo", "devido **à** falta de luz".

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que "voltei **a** São Paulo" não tem acento de crase, enquanto "vou **à** João Mendes (praça)" tem; existe alguma regra do tipo "antes de cidade" ou "antes de praça"?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, "vou **à** João Mendes". É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria "**O**", e não "**A**". Teríamos, então, "**ao frio**".

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

“Entendi sua resposta, mas se nós, na frase ‘revestimento **à frio**’, considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?”

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O “**A**” que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: “Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo”. Sua dúvida é se o “**A**” deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é “proposta **a** sócio” (qualquer), e não “**ao** sócio” (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: “Proposta **a** Sócia Executiva”.

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou "que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina"; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: "Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma".

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que "só pode ocorrer crase antes de palavra feminina", o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo "**A**" com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo "**A**" antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase "**Associação entrega prêmio à jornalistas**" e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: "Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?".

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste "**A**", que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um "**AS**", então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: "Associação entrega prêmio **às** jornalistas" – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão "dados sujeitos **a** revisão", não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em "dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**", o artigo aparece e, com ele, o acento. "Posso pensar assim?"

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando "penalidade sujeita **a** multa" (a uma multa, indefinida) com "penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos".

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em "desrespeitarem **as** normas de trânsito".

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto ("eu desrespeito **o** regulamento", não "**ao**") e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase "devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio" existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: "Devido **ao** grande número...". Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: "Devido **à** variedade..."; "Devido **à** falta de provas"; "Devido **às** fortes chuvas de ontem".

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o "A" é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase "A reunião está marcada para **as** 9 horas". Diz ela: "Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?".

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é "para **as** nove".

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão "com destino **a Sorocaba**", como defendem os seus colegas de trabalho. "Para mim, ela equivale a 'com destino **para** Sorocaba' (e não '* **para a** Sorocaba'), o que indicaria que a crase não é possível."

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz "Movimento de apoio **a** Marilda", visto em uma campanha eleitoral, está correto. "Não utilizamos acento de crase nesse **A**?"

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz "Movimento de apoio **a** José" quanto "Movimento de apoio **ao** José". É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: "Movimento de apoio **a** Marilda" (só preposição) ou "Movimento de apoio **à** Marilda" (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos "*à lenha", "*ao óleo", "*ao gás".

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em "ensino **de** primeira **a** quarta séries", e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos ("**de** 1a **a** 4a séries").

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: "**de** primeira **a** quarta séries". Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: "**da** primeira **à** quarta série". Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: "**de** 1a **a** 4a séries" ou "**da** 1a **à** 4a série".

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão "contas **à** pagar"; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: "Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!"; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: “Posso escrever **mês à mês**?”.

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em “**mês a mês**”.

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o “**A**” depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição “**A”**; se este “**A”** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase “Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde”. Vai acento de crase em cima do “**A**”?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses “**As**”.

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. "Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse 'truque' funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte."

Meu caro Francisco, isso não é "truque"; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: "Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); "Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações". É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase "A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba", se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

*Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, **falta** só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser **faltam**, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre "Caso **haja**" ou "Caso **hajam** dúvidas ou correções". Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente "cruel" (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase "não **havia dinheiro** no cofre" é sinônima de "não **existia** dinheiro no cofre". No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter "não **havia cheques**", mas na segunda teremos "não **existiam cheques**". O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse "reenquadramento" de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: "Caso **haja** dúvidas", "As dúvidas que **houver**", "**Havia** dúvidas", "**Pode haver** dúvidas" – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma "**hão de haver** boas músicas lá", só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim "**há de haver** boas músicas...". Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer "Eu **hei** de conseguir isto", bem como "As músicas **hão** de existir". Pode-se substituir o verbo "**existir**" por "**haver**"; logo, "**Hão de haver** músicas". Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer, ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta ("a orientação que me deram ..."), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de "acontecer", é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: "**houve** muitos acidentes", "**pode** haver acidentes", "**deve** ter havido acidentes" – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: "**Ocorreram** muitos acidentes", "**haviam** ocorrido muitos acidentes". Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado "erro" da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos “velhos”, dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL ***Tinha-se** comprado estas terras.
INACEITÁVEL ***Deve-se** respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "***Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: "Meu problema **é** os olhos" ou "Meu problema **são** os olhos"? "Tudo **é** vaidades" ou "Tudo **são** vaidades"?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: "As lembranças **é** tudo o que fica na memória" ou "As lembranças **são** tudo o que fica na memória"? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como "O pinheiro é muito alto", não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como "**A responsável** é **ela**", já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: "*A responsável **é** tu". Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será "A responsável **és tu**".

Alguns autores afirmam que, aqui, "o verbo está concordando com o predicativo"! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: "Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!". Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: "O pior **são os vizinhos**"; "O inferno **são os outros**"; "**Minha filha é** meus cuidados".

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: "A responsável **és tu**"; "O responsável **sou eu**"; "Os interessados **somos nós**".

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: "Meu problema **são os dentes**"; "**Os tijolos são** um material barato".

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: "Tudo **são mentiras**"; "Aquilo são **invenções**". Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: "**As lembranças são** tudo o que fica na memória".

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: "**São** quase **duas horas**"; "É **uma e meia**"; "Daqui ao centro são **três quilômetros**"; "Aqui está a conta: são **dois mil reais**". Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: "**Eram dez** de setembro"; "**São dois** de julho". O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo "**Era** [o dia] dez de setembro"; "**É** [o dia] dois de julho". No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

"A gente **somos** inútil" – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado "Popozuda"). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: "Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?". Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. "**A gente**" é um "**terrível mau uso**" ou "**apenas uma cacofonia**"? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: "a gente **decidiu**", "a gente precisa **entender**", etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como "*a gente trouxe **nossos** ingressos", "*a gente precisa entender **nosso** pai" – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão "terrível" assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo "***agente** precisa tomar cuidado", "***agente** não sabia o que estava acontecendo". Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer "**a gente vamos**", pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo "gente". Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar "*a gente vamos": isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com "gente" é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: "A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor". Note que não se trata de "***a gente decidimos**". Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca "Popozuda"...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: "**A gente somos inútil**!".

o povo brasileiro somos

*Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase **O povo brasileiro somos patriotas** está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é "O povo brasileiro **é patriota**" – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse "**muito**"!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* ("pelo sentido"), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: "Os brasileiros **somos**".

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: "**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais..." – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, "**o povo brasileiro somos**..." – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para "**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...". Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra ***Estados Unidos*** *é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a* ***concordância do verbo****: "Os Estados Unidos* ***é*** *ou* ***são*** *uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar* ***o verbo no plural –*** *e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas",

etc.).

mais sobre Estados Unidos

*Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é **Estados Unidos** e gostaria de saber, nas frases "os EUA **é/são** o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não **pode/podem** deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: "20% da renda ***serão destinados*** *às instituições de caridade...". Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com* ***renda****. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: "****Serão destinados*** *20% da renda às instituições...". Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma "regra" da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: "2,5% da quota **valem** muito", "30% da assembleia **votaram**...". É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: "2,5% da quota **vale** muito", "30% da assembleia **votou**". Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: "a **metade** dos alunos", "**grande parte** dos eleitores". A concordância normal é com o **núcleo**: "a **metade** dos alunos **faltou**", "grande **parte** dos eleitores se **absteve**"; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) "a metade dos **alunos faltaram**", "grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**". Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por "licença" de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como "folclórico", "peculiar", etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de "**20% da renda serão destinados**" passou para "**serão destinados 20% da renda**"! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem "sujeito-verbo" para "verbo-sujeito" não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: "**Não fui eu que comecei**". Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele "*foi eu", como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome "vazio", isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

> Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

*Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando **errada** a concordância na frase "A maioria dos homens **fica encabulada** de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens **ficam encabulados** de fazer*

os exames de próstata".

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: "**notifique**-se os interessados" ou "**notifiquem**-se os interessados".

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: "Na frase 'a maioria das pessoas **tem**', ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase 'Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**'?".

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em "a maioria das pessoas **tem**", o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em "obrigação que qualquer das partes **tem**", o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: "**Qualquer** um dos alunos **sabe**", "**Qualquer** um dos candidatos **afirma**", e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina "Pigmeu", de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: "Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação". "A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**", diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: "quando mais de um nível de tensão **for modelado**". Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. "Mais de **um** deputado **votou**", "mais de **dois** deputados **votaram**".

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever "Fomos nós **quem fez**". O correto não seria "fomos nós **quem fizeram**"?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: "fomos nós **quem fez**", "foram eles **quem fez**". Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) "É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo"; (2) "É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo"; ou (3)"**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo"?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase "É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo", na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece

obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: "**é** meio-dia e vinte", "**é** meia-noite e quinze", "**é** uma e dezesseis", e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: "A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: 'O prazo **é de** 10 dias', mas parece que também estaria correto 'O prazo **são de** 10 dias'. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque..."

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição "**de**": "o prazo **é de** 10 dias". Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto "o prazo **são** 10 dias". Agora, "*o prazo **são de** dez dias" é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: "Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: 'The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration'. O plural dos verbos (neste caso, "**are**" ou "**have**") não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas".

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. "The U.S.A. **is**", "people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "*Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

*Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o **lhe** dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu **lhe** darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por **você**. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: "**liga** agora para nossa central", "**escreve** aqui para a rádio", "**olha** a postura!". A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria "**ligue**", "**escreva**" e "**olhe**", correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o "**tu**", com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase "se a **TI** me confiou..."), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: "...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**". Acho que o "**E**" de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

*Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do **se**: "**Se** liga", "**se** cuida", "**se** levanta", etc. O certo não seria "**te** liga", "**te** cuida", "**te** levanta"? Nesse caso, o **se** não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

*Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de **doutor**, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que **doutores** eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

*jus ao título de **doutor**. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do **doutor** antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

> O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d'água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer "isto é um problema **seu**", até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: "Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?".

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: "**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**" com "**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**". É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é "**Faz** um 21", enquanto outros defendem "**Faça** um 21". Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá "**faça** um 21"; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá "**faz** um 21". É a mesma diferença que existe entre "**toma/tome** cuidado", "**fica/fique** quieto",

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: "Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É 'Colocamo-nos à **vossa disposição**' ou 'à **sua disposição**'?".

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, "Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**"; "Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**"; "Coloco-me à **sua** inteira disposição"; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz "Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**..." – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** ("Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: "Meu Rei, **concedei-nos** um aumento", ou "Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina".

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. "Quando é que devo utilizar cada uma das formas?"

Meu caro José, "**não faças isso**" é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. "**Não faça isso**" é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, "**não faz isso**" é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em "adoro **você**".

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar "estes sapatos são **caros**" com "estes sapatos custaram **caro**"; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da "**cerveja que desce redondo**".

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: "A águia voava **alto**"; "Cães de fila custam **caro**"; "Ela não senta **direito**". Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler "ela desceu **maquilada**" ou "eles chegaram **tristes**" como "**ela** estava **maquilada** quando desceu" e "**eles** estavam **tristes** quando chegaram". Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, "ela desceu **rápido**" significa "ela desceu **rapidamente**". Quando uso **baixo** em "eles falavam **baixo**", estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de "suave, macio", não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem

por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como "a cerveja desceu **gelado**" será rejeitada por quase todos, pois aqui "**gelado**" é nitidamente um atributo do sujeito ("a **cerveja** estava **gelada** quando desceu").

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro**ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

*Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: "A nacionalidade de João é **brasileira**" ou "A nacionalidade de João é **brasileiro**"? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção "a nacionalidade de João é..." só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: "Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa", "os atletas de nacionalidade alemã", e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo "Nacionalidade" ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo "Estado Civil", vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

*Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para **seu próprio umbigo**". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para **seus próprios umbigos**", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

*Professor Moreno, por que o plural de **gravata cinza** é **gravatas cinza** (não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de **terno azul** é **ternos azuis** (aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de "cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**", etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: "camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**"; "gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**".

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse "**cor de**": posso dizer "vestido **cor de rosa**" ou "vestido **rosa**", "sapato **cor de pinhão**" ou simplesmente "sapato **pinhão**". Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: "camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas"** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas "camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**" (são **substantivos** que figuram na expressão "cor de X"). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei "quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...". O que me intrigou foi a expressão "**em anexo**". Sou avesso à preposição "em" no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os ***em anexo*** *nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

O Professor explica por que **não** se concorda em “**gênero**, **número** e **grau**”.

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em “a minha nova **jaqueta** amarela”, todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles “**concordam**” em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de "um **livrinho fininho**", posso ter "um **livrinho fino**" ou "um **livro fininho**".

A expressão correta, na verdade, é "concordo em **gênero**, **número** e **caso**" – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

Haja vista ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era "O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ..." . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: "**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos”. Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de “fóssil morfossintático”, que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: “**haja vista os acontecimentos**”, “**haja vista o preço**”. Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: “**hajam** vista **os acontecimentos**”, “**haja** vista **o acontecimento**”. Como você escreveu “**haja** vista **a preocupação**”, continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: “haja **vistos os acontecimentos**”, “haja **vistas as provas**”, “haja **visto o livro**”. Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever “haja vista **a preocupação**”.

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de “haja **visto** a preocupação” não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: “Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa” (“tenha visto”) – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer "O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**" e "Deparei com fatos e situações **inesperadas**".

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. "Automóveis e frutas **argentinos**" (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou "Automóveis e frutas **argentinas**" (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com "fatos e situações **inesperadas**" (é a segunda hipótese); estaria correto também "fatos e situações **inesperados**".

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: "**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos".

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos "adjetivos verbais"), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos "**dada** a importância", "**dadas** as últimas notícias", "**dado** o alto custo dos medicamentos", "**dados** os últimos acontecimentos".

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, **federais**

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre "a área fica **próximo** à delegacia" ou "fica **próxima** à delegacia". Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: "três carros **Pálio**" ou "três carros **Pálios**"?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre "são **três Pálios**" ou "são **três carros Pálio**"; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em "Os resistores devem ser soldados **rente** às placas", ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que "devem ser soldados **junto** às placas" (e não "*juntos").

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase "Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas", deveria ser lido "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

Prezado Mweti, sua intuição está correta; "trinta e **uma** mil mulheres" + "duzentas e duas mulheres" = "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de "suficiente"), ele vai flexionar normalmente: "tenho razões **bastantes** para supor", "há recursos **bastantes** para adquirir". Fora deste caso, principalmente quando significa "muito", não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, "*ficará mais caro" não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: "Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando 'ela' fala, deve dizer 'Eu **mesma** cuidei disso'?".

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: "nós **mesmos**" (homens, ou homens e mulheres juntos); "nós **mesmas**" (apenas mulheres); "eu **mesmo**" (homem), "eu **mesma**" (mulher), "tu **mesmo**", "tu **mesma**", e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância "Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes".

Cara Eliane, está corretíssima. "Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**", "Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool", "Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais". Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria "**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**", "**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**", etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é "compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**", e não "compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**" ou "**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**".

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é "**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**". Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com "**duas** mil **folhas**" e "**duzentas** e cinquenta **folhas**" – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: "Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações"?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, "preços **sujeitos** a alterações".
concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? "Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?"

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: "**Quaisquer** que fossem as cores"; "o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso". Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: "Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?".

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: "**Os benefícios da homeopatia usada em animais**". "Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci."

Meu caro Vander, a matéria fala sobre "os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, "As consequências do **tratado assinado** na Alemanha", "O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso" – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, "os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar".

Vamos encontrar construções como "**Não** devo **nada** a ninguém", "**Não** quero saber de **nada**", "**Nunca** vi **nada** parecido", e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia "**Nem** tu **não** hás de vir cá"; "A **ninguém não** me descubro"; "**Nem** de pão **não** nos fartamos".

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior ("**Nenhum** jogador quis falar"), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação "**não**... **nenhum**" é praticamente obrigatória: "Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp"; "**Não** encontrei **nenhum** defeito"; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo "aquilo **não** vale **nada**, **não**", com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: "Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!".

absolutamente é negativo?

*Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio **absolutamente** não deveria ser restringido apenas a orações que expressem **negação**? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase "O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer **um clips**". Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio **absolutamente** deveria se restringir,*

em suma, ao uso de orações que expressassem ***negação****. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está* ***absolutamente*** *certa". Segundo a professora, sendo* ***absolutamente*** *igual a* ***não****, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer* ***não insano*** *quando se referiu a* ***um clips****?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça ***e nem*** *o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão* ***e nem*** *quando a palavra* ***nem*** *teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase “Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém”). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

*Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo **se se** trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o **se** aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um "até mesmo se trata-se de país...".

Examine a frase "**quando se** trata de dinheiro", ou "é sério, **porque se** trata de dinheiro": aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para "até mesmo no caso de um país ..." ou "até mesmo quando se trata de um país...". Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão "isto **faz com que**...", porém vejo "gente grande" empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma "isto **faz que**...". Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: "Eu não uso; mas, e os outros com isso?".

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de "fingir": "Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende". No sentido de "causar, ocasionar", no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve "isso **fará que** ele aprenda" quanto "isso **fará com que** ele aprenda". Acho precipitado você chamar de "muleta" uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: "Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz".

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: "A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados".

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: "...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse..." (***A Mão e a Luva***). "Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte" (***D. Casmurro***). Ou ainda: "Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa". Mais adiante: "... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais" (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: "A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile". Outra: "A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...". E mais outra: "O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos".

Camilo Castelo Branco usa e abusa: "...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs" (***Novelas do Minho***); "...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem" (***Maria da Fonte***); "Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha" (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: "Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal"; "Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo" (***Fradique Mendes***). E mais: "...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar" (***As Farpas***). E ainda: "Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo" (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

> Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

*Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem **mais provavelmente** a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões: **mais provavelmente**, **mais provável**, **mais frequentemente** ou **mais frequente**?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

"As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno", está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações "Nada o impedia de sair" e "Preferiu ficar". A maioria escolheu "nada o impedia de sair, ***mas*** *preferiu ficar". Ela disse que estava errado e que deveria ser "nada o impedia de sair,* ***portanto*** *preferiu ficar". Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare "Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor", com "Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor". Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): "ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar". Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que "nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

> Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

*Professor, como se explica o uso da expressão **muito pouco** numa frase como "falta **muito pouco** para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

*Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá **há cerca** de 30 anos". Disseram que **cerca** era sinônimo de algo cercado e que "**há cerca**" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1o volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.

Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.

Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica "unificação" da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os "acordistas", seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de "políticos estultos e acadêmicos espertalhões", como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de "facultatividades", permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> "Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada".

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> "Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada".

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que "Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam"...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

- eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: "A poderosa **balzaqueana** dei: muita jovenzinha morrendo de inveja". Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

> ■ use sempre **-iano**,
> a não ser nos poucos casos
> em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: "se o elefante é um grande **herb** com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?"

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática**. *Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma "norma da gramática" onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos "**dublês**", que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em "certo" e "errado" no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar "D. Manuel, o Venturoso". A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; "na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)". Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez um futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela**. *Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z**? *Sempre imaginei o nome com* **S**, *mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y**? **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer” (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O “alfabeto português”, definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a seus alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confessa não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para "sentir" quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q
todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos "a letra **A**" *ou "as letras* **B**, **C**...", *e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos "o* **B**"; *"o* **F**", *etc. Não seria mais adequado dizer "a* **F**"; *"a* **B**"? *Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra "letra") é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, **xópin**

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seria melhor usar **xópins**?

Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*

Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: "Construíram um *shopping*". Neste caso, vamos ter plural: "Construíram vários *shoppings* nesta região".

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa ("centros comerciais"), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou viagem?

"Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**" – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome "Tsiu": *"Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada".*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica "viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**". Pronto: aí temos as duas formas. "Esta **viagem** não termina", "Vamos começar a **viagem**", mas "Espero que eles **viajem** cedo"; "**Viajem** bem – **viajem** Varig". Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, umedecido

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes "incongruências" de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, **talebã**, **taliban** ou **taleban**

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmico dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970 – mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús **ilha** do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos "nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.". Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

Deve-se usar maiúscula após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:

a) Incluir o percentual de...;

b) Informar o valor de...;

c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:

a) pertencentes ao Imperador,

b) embalsamados,

c) domesticados,

d) leitões,

e) sereias,

f) fabulosos,

g) cães em liberdade,

h) incluídos na presente classificação,

i) que se agitam como loucos,

j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas.”

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

“Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo.”

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

“caturrita-do-rio”, para diferençá-la da “caturrita-da-lagoa”, ou “caturrita-do-rio-de-janeiro”, para diferençá-la da “caturrita-de-goiás” (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou **George?**

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. “Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta.”

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, **mozarela**

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou **extorno**?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z** para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). "Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas."

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z** e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e **-ssão**

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), "Ele **Se** deu em meu lugar". A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, "pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas": a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z** os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas flúor
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas você
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas táxi

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de "proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas" – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: “ele não **pode** sair” é diferente de “ele não **pôde** sair”, e “vou **por** aqui” não é igual a “vou **pôr** aqui”. No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: “ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente” e “ela é a **médica** mais importante da equipe”; “não **contem** comigo” e “a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM**, **ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô***. Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de "ortografia oficial", atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos ("que se escrevem da mesma forma") cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou **fluído**

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pror essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de "líquido": mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; "a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo". Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: "nesta sala há maus **fluidos**", "podem-se perceber os bons **fluidos**", etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de "líquido"): "estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**". Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o "**i**" tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o "**i**" precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): "as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta"; "todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem". Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem "**flu-í-do** de freio", "mecânica dos **flu-í-dos**", "maus **flu-í-dos**". Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve "entradas gratu-**I**-tas", "curto-circu-**I**-to", com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc **fôrma** de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

> Vai por cinquenta anos
> Que lhes dei a norma:
> Reduzi sem danos
> A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

Quando e por que devemos acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"*), mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o "que" se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o "que" tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como "tudo **o que** você fez", "não sei **o que** queres", este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do "que".

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o "que" tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer "tudo o /ki/ você fez" reforça o que já sabíamos: esse "que" é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome **Júlia**

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo**. *Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, “perderam” também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm***,* **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *"Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro"?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: "Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?"

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x **Léu**

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, **tis**

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?"

Prezada Vivian, o nome do diacrítico "~" é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: "Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til". Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o "**a**" tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que "o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso". Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** ("o que não é mais"), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao "condenar" esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

o**não** como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

“O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in-** e o **des-**. (...)

“Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes.”**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, “especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito”. Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra “*não*” funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: “Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir”. Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, “anti-inflamatórios **não-esteróides**”, seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa “grafia oficial” a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – "***girassol***,* **madressilva***,* **mandachuva***,* **pontapé***,* **paraquedas***,* **paraquedista***, etc.". Este "etc." é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas***. Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando***, a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis***, contudo, está escrito* **parachoque***,* **paraquedas***. Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele "etc." colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas "autoridades" sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto, esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. “Ele vive **fora da lei**”: é uma **locução** formada de três vocábulos. “O xerife prendeu os **fora-da-lei**”: é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia**... *Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S**. *Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso**. **Beirarrio**! *Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-/-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de “Symbol”, no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um “sinal de pontuação”, mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão (“Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!”; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever “Ponte **Rio-Niterói**”, e não “**Rio–Niterói**”, desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas “autoridades”...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom**? *(teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico**?*); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural**, *ou* **microestrutura** *e* **microestrutural**? *Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: "Aqui vamos instalar doze **falantes**". Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso***. Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, de trás

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás/de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu "curriculum vitae" uma seção de "cursos **extra-curriculares**" e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de "**h**" (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de "**i**"; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de "h" ou de "**o**". Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça, sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de "**h**" e de "**i**"**)**. Para **multi**, o hífen está previsto antes de "**h**" ou de "**i**" (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por "**h**" ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. “Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?”

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: “A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal”. O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de “**h**” ou de “**i**”; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o “**s**” ou o “**r**” precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por “**h**” ou por “**e**” (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. "Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?"

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de "**h**" ou de "**a**". Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por "**s**", essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra "**s**" intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do "**s**" e do "**r**" iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem "o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta". Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés**? *É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

"Eu me **indigno**" – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: "Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?", qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: "Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão"?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer "eu /ópito/", "eu me /indíguino/", "eu me /resíguino/".**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

n okia, **nókia**

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo**? *É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em "http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm", autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

p ronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, "correto", e *epos*, "palavra") – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa "pronúncia correta". Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/f écha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase "fecha a porta", pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha**?

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

"Secretária" – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: "Pronuncia-se correntemente como oxítono".

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n'água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, obséquio e subsídio

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: "Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada".

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: "Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?"

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: "Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?".

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas ac
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X**, *mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona “os sons do X”, imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

p ronúncia de **Roraima**

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

C urtas

o utrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

p ronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas" que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. "Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ..."

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações ("a" como em **vale**; "o" como em **bola**; "o" como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 2

para gostar de aprender

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 2

para gostar de aprender

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação de pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um asterisco, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: afta vira, na fala, /**á-fi-ta**/).

1. Essa palavra existe?

Quando você quer saber se uma determinada palavra existe, a quem você recorre? Se responder ao dicionário, você estará se juntando à esmagadora maioria das pessoas que se preocupam com isso. Essa é uma crença comum a falantes de todas as línguas, fazendo o dicionário assumir um lugar tão proeminente e misterioso na vida das pessoas que ele passou a ser denominado de **o dicionário**, simplesmente, como se ele fosse um só, sempre o mesmo, como o ***Velho Testamento*** . Equivocadamente, as pessoas passaram a vê-lo como o registro civil de todo o nosso léxico, uma espécie de cartório de nascimentos onde os falantes podem conferir a existência ou não de um vocábulo.

Pois fique sabendo que tudo isso é pura fantasia: nenhum dicionário inclui todas as palavras presentes em uma língua – nem mesmo o ***OED***, o famoso ***Oxford English Dictionary***, com seus vinte volumes maciços; ele, como qualquer outro, também não passa de uma escolha, de uma seleção de palavras feita pelos seus autores. Além disso, pela criatividade infinita que caracteriza as línguas humanas, um dicionário jamais poderá ser uma lista completa, pois assim que uma edição fica pronta, ela já está desatualizada.

Fazer dicionários é sempre escolher. Não adianta – a grande função do dicionarista é escolher. O ***Aurélio*** traz as palavras que Aurélio Buarque de Hollanda escolheu apresentar, enquanto o ***Houaiss*** traz as palavras que Antônio Houaiss selecionou. Isso é fácil de constatar: pegue duas palavras com um razoável intervalo entre elas (digamos, **casa** e **crisma**) e verifique quais (e quantas) cada um dos autores registrou entre esses dois limites. Você vai notar que um despreza palavras que o outro privilegia, seja por convicção pessoal, seja por simples economia de espaço.

Portanto, o fato de não encontrarmos uma palavra no dicionário não quer dizer que ela não tenha sido aprovada pelo dicionarista (supondo a hipótese impossível de que ele conheça todas); ela pode ter sido simplesmente omitida por razões que vimos acima. Já o contrário é bem mais significativo: quando ele coloca uma palavra na lista, é sinal de que ele reconhece essa palavra e acha importante sua inclusão, por ser usada por um número representativo de pessoas. Você começa a perceber, dessa forma, que **estar no dicionário** tem um peso diferente de **não estar no dicionário**. As pessoas reagem como se o fato de não encontrar uma palavra na lista fosse um sinal de **desaprovação** por parte do autor; muito eu já ouvi "Não está nem no ***Aurélio*!"**, como se isso quisesse dizer alguma coisa. Na verdade, a exclamação que se aceita é "Já está até no ***Aurélio***!". Este é o raciocínio. O dicionário vai ser sempre **incompleto**.

O processo mais produtivo de formação de novas palavras, no Português, é

a **derivação**. De uma mesma base, podem-se formar substantivos, adjetivos ou verbos pelo acréscimo de **afixos** (prefixos ou sufixos). Como ainda não ocorreram todas as possibilidades de criação lexical, existem centenas de milhares de **vocábulos virtuais**, que aparecerão à medida que os falantes necessitarem deles. À pergunta "Existe **intensivista**, para designar quem é especializado nos equipamentos e procedimentos de Terapia Intensiva?", só podemos responder: pode existir; se não está no dicionário, é só uma questão de tempo.

Para concluir, eu gostaria de mandar um recado àqueles que resistem ao ingresso de palavras novas em nosso léxico e que tentam combater criações incontestáveis como **normatização**, **disponibilizar** ou **imexível**: o pior que pode acontecer a uma língua é o seu empobrecimento, não o seu enriquecimento.

assessoramento

*Caro Professor, gostaria de um esclarecimento sobre uma palavra que alguém que eu conheço insiste em usar: **assessoramento**. Essa palavra existe em Português? Não seria melhor usar **assessoria**? Por exemplo: essa pessoa usa "assessoramento técnico e comercial em transporte vertical". Isso é correto? Obrigada por sua ajuda.*

Marilena R. – Campinas (SP)

Cara Marilena: quanto ao **assessoramento**, o nosso idioma usa vários recursos para formar substantivos abstratos de ação a partir de um verbo: ou tira a terminação verbal e acrescenta simplesmente uma vogal (**roubar**/**roubo**; **trocar**/**troca**; **desgastar**/**desgaste**); ou acrescenta ao radical um dos sufixos especializados neste fim: **-mento** (**congelar**/**congelamento**) ; **-ção** (**explorar**/**exploração**); **-dura** (**benzer**/**benzedura**); **-ia** (**correr**/**correria**). O que ninguém jamais conseguirá explicar são os vínculos ocultos entre esses elementos todos, que nos fazem preferir **degelo** para **degelar**, mas **congelamento** para **congelar**. Por que não **degelamento**? Seria perfeitamente possível, mas não se formou, indicando que, entre as várias possibilidades, a forma **degelo** ganhou nossa preferência. E mais: se usamos **congelamento** aqui no Brasil, lembro que Portugal prefere **congelação** – usando uma das terminações que nossa língua admite para o mesmo radical. Por isso, é comum encontrarmos duas ou mais formas ainda disputando seu espaço; é o caso bem conhecido de **monitoração** e **monitoramento**, ambas bem formadas, que ficarão coexistindo até que uma delas vá ficando esmaecida. No meu dialeto pessoal, **assessoramento** e **assessoria** estão em pé de igualdade; nenhuma das duas tem minha preferência. Agora, como você mesma notou, ao seu colega soa melhor **assessoramento**, enquanto você prefere **assessoria**. Esse estado de indefinição pode durar décadas. Por isso, sossegue.

nomes comerciais em **X**

Por que há tantos nomes comerciais terminados em X? O Professor apresenta suas suposições.

*Caríssimo Professor: embora haja vocábulos bem antigos terminados em **X**, esse final me parece ter uma conotação de moderno e contemporâneo, sendo bastante utilizado para dar nome a produtos que se querem associados à tecnologia, principalmente, como é o caso de **Vaspex**, **Sedex** e tantos outros que são criados diariamente (até mesmo o popularíssimo **Marmitex**). Minha pergunta é: de onde vem essa terminação? Quais foram seus precursores?*

Wolney U. – Goiânia

Meu caro Wolney: a operação de batizar um produto industrial envolve muito mais que uma simples designação: é importante também que esse nome sugira qualidades desejáveis como modernidade, eficiência e respeitabilidade. Essa força evocativa das palavras fica naquele rincão misterioso que o linguista Roman Jakobson denominava de **função poética** da linguagem. Digo **misterioso** porque simplesmente ninguém explica por que uma determinada combinação de sons traz mais prestígio do que outras; o certo é que isso acontece, e os publicitários e homens de criação precisam ter sempre o ouvido muito atento.

Há fortes indícios de que o uso das terminações em **X** para marcas e produtos tenha vindo do Inglês. A presença, em muitos nomes compostos, de radicais como **flex**, **mix**, **max**, **fix**, **lux**, **vox**, mais o uso difundido do sufixo **high-tech** (já que estou falando do Inglês ...) **-ex**, que sugere a ideia de **excelência**, parecem ter carregado todos os nomes terminados em **X** com essa aura especial, reforçada por marcas de grande renome e qualidade, como **Rolex**, **Xerox**, **Pentax**, **Victorinox**, **Linux**, **Rolleiflex**. Na irrefreável globalização mercantil, muitos desses produtos entraram no Brasil, misturando seus nomes ao de produtos genuinamente nacionais, batizados também nesse novo estilo. Hoje, sem uma pesquisa cuidadosa nas juntas comerciais e nos registros de marcas, é praticamente impossível distinguir, a olho nu, quem é daqui e quem é de fora entre os seguintes nomes: **Ajax**, **Chamex**, **Colorex**, **Concremix**, **Durex**, **Errorex**, **Eucatex**, **Iodex**, **Marinex**, **Mentex**, **Panex**, **Paviflex**, **Repelex**, **Varilux**, **Zetaflex**. O inconfundível toque brasileiro: o professor Antônio José Sandmann, em seu

Competência Lexical, menciona uma pequena firma de reparos domésticos de instalações elétricas e hidráulicas, no litoral do Paraná, que ostenta o vistoso e significativo nome de **Prajax**.

motinho

Se temos **tortinha** e **portinha**, por que uma moto pequenina não é uma **motinha**?

*Prezado Doutor: gostaria que você me ajudasse a resolver uma dúvida que já está virando assunto em todos os lugares que eu e meus amigos frequentamos: qual é o diminutivo de **moto** e **foto**? É **fotinho** ou **fotinha**? **Motinha** ou **motinho**?*

Gustavo A. – São Paulo

Meu caro Gustavo: embora a tradição gramatical considerasse **-inho** e **-zinho** como duas variantes do mesmo sufixo, hoje se sabe que são dois elementos completamente diferentes, quanto a sua natureza e quanto a seu comportamento. O elemento **-zinho** funciona como uma espécie de adjetivo preso ao vocábulo primitivo, mantendo com ele a mesma relação de concordância que os adjetivos mantêm com os substantivos: um cometA, um **cometazinhO**; um poemA, um **poemazinhO**; uma tribO, uma **tribozinhA**. O elemento **-inho**, no entanto, funciona como um sufixo especial, que conserva o A ou o O final do vocábulo primitivo, independentemente do gênero ser masculino ou feminino: um poemA, um **poeminhA**; um cometA, um **cometinhA**; uma tribO, uma **tribinhO**; um sambA, um **sambinhA**.

No Português, pouquíssimos são os vocábulos femininos que terminam em **O**: além de **tribo**, temos a **libido** (um latinismo importado por via científica) e os dois vocábulos que mencionaste, **moto** e **foto**, criados modernamente pela redução dos compostos eruditos **motocicleta** e **fotografia**. Por isso – se formarmos diminutivos usando **-inho** –, vamos ter a **motO**, a **motinhO**; a **fotO**, a **fotinhO**. É natural que as pessoas achem estranhas essas duas formas, dada a sua extraordinária raridade nos padrões do nosso vocabulário. Abraço.

guarda-chuvinha

Como se chama um guarda-chuva **pequenino? É um** guarda-chuvinho**, um** guarda-chuvinha **ou um** guarda-chuvazinho?

*Professor, numa reunião de família, em meio a muita brincadeira e descontração, surgiu uma dúvida interessante: qual é a forma correta de escrever o diminutivo de **guarda-chuva**? Já buscamos em diversos materiais e nada de sanar nossa dúvida. Aguardo resposta.*

Vanice – Bento Gonçalves (RS)

Minha cara Vanice: um guarda-chuva pequeno pode ser tanto um **guarda-chuvinha** como um **guarda-chuvazinho**. Na maioria dos substantivos de nosso idioma, podemos optar entre formar diminutivos com **-inho** e diminutivos com **-zinho**: **paredinha**, **paredezinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **colherinha**, **colherzinha**; etc. Com **-inho**, fica conservada a vogal terminal do vocábulo primitivo: **poeta**, **poetinha**; **tema**, **teminha**, enquanto com **-zinho**, que tem um nítido caráter de **adjetivo**, aparece a terminação característica do gênero: um **poetazinho**; um **temazinho**.

Daí nasce a discrepância entre **guarda-chuvinhA** e **guarda-chuvazinhO** (friso: ambos estão corretos!). No primeiro, o **A** de **chuva** é conservado após o sufixo: **chuvinha**. No segundo, **-zinho** se acrescenta ao composto [**guarda-chuva**] com o elemento terminal característico do masculino (já que este é o gênero de **guarda-chuva**): **guarda-chuvaZINHO**. É complexo; não me admira que vocês tivessem dificuldades em encontrar a resposta.

absenteísmo

O sufixo **-ismo** que está presente em **cristianismo** e **classicismo** não é o mesmo que aparece em **clientelismo** ou **denuncismo**.

*Caro Professor Moreno: estou em fase de redação de minha dissertação de mestrado e gostaria de orientação quanto à adequação das palavras **afastamento** ou **absenteísmo** para caracterizar a ausência do funcionário no trabalho por motivo de licença-saúde. Ressalto ainda que me refiro apenas a ausências justificadas por atestado médico.*

Denise B. – São José do Rio Preto (SP)

Minha cara Denise: acho que você deve evitar o vocábulo **absenteísmo** no seu trabalho. Os vocábulos em **-ismo**, outrora, eram usados exclusivamente para designar doutrinas, movimentos artísticos, estilos literários: **naturalismo**, **positivismo**, **classicismo**, **surrealismo**, etc. Modernamente, contudo, este sufixo também passou a intervir na criação de vocábulos em que se percebe uma nítida intenção de criticar o exagero, o excesso. É o caso de **consumismo**, **grevismo**, **assembleísmo**, **denuncismo**, etc. Em **absenteísmo**, como em **consumismo**, o sufixo **-ismo** indica a exagerada repetição ou intensificação de uma prática. **Consumista** é quem consome sem critérios; **absenteísta** é quem vive faltando a seu emprego ou a suas aulas. Fique com o **afastamento** – ainda mais considerando que se trata de licença-saúde.

adjetivos gentílicos

Uma leitora argentina quer saber se **brasileiro** é o único gentílico com essa terminação.

*Caro Professor: por que o adjetivo relativo ao Brasil é **brasileiro**, se este sufixo não é usado em nenhum outro caso para derivados de nomes geográficos?*

Paula Velarco – Buenos Aires (Argentina)

Você tem razão em estranhar, Paula, mas verá que há uma boa explicação para isso. Nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado; por exemplo, na formação de substantivos abstratos de **ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode usar **-mento** (**tratamento**, **abalroamento**), **-dura** (**andadura**, **varredura**), **-ção** (**descrição**, **provocação**) ou **-agem** (**passagem**, **regulagem**). Não existe um padrão que determine qual desses sufixos vamos usar; a seleção se dá, caso a caso, por critérios que ainda não foram bem estudados. O mesmo vai ocorrer com os adjetivos gentílicos. Nossos sufixos mais produtivos para esse fim são **-ano**, **-ense** e **-ês**, mas também temos adjetivos em **-ino**, **-ista**, **-ão**, **-ita** e **-enho**, entre outros:

-ENSE: amazonense, catarinense, maranhense, rio-grandense (é o mais usado nos gentílicos brasileiros).
-ÊS: português, chinês, neozelandês, calabrês, holandês.
-ANO: americano, italiano, californiano, baiano, boliviano.
-INO: belo-horizontino, bragantino, argelino, marroquino, londrino, florentino.
-ÃO: alemão, lapão, afegão, catalão, coimbrão, gascão, parmesão (de Parma).
-ITA: israelita, iemenita, moscovita, vietnamita.
-ENHO: costa-riquenho, hondurenho, porto-riquenho (de topônimos do espanhol).
-ISTA: santista, paulista, campista (raro).

O sufixo -**eiro**, por sua vez, é muito usado para indicar profissão ou atividade: **jornaleiro**, **sapateiro**, **cabeleireiro**, **ferreiro**. Isso explica por que os nascidos no Brasil são **brasileiros** (e não **brasilianos** ou **brasilenses**): essa era a denominação dos que trabalhavam, nos primeiros dias do Descobrimento, na extração do pau-brasil e passou a designar todos os que nasciam aqui nesta terra.

Da mesma forma, chamamos de **mineiros** os que nascem em Minas Gerais, palavra que já existia como profissão. Como podes ver, gentílicos com a terminação **-eiro** são muito raros e não devem chegar a meia dezena. Não me admira que você, falante nativa de outro idioma, tivesse percebido a estranheza dessa formação.

aidético

Um médico infectologista lamenta o emprego indiscriminado do termo **aidético**; o Professor explica o que está havendo.

*Caro Professor: entre nós que trabalhamos com doenças infecciosas – eu sou médico infectologista – a palavra **aidético** tem uma conotação pejorativa. É como se nós nos referíssemos a um paciente com câncer como **canceroso**. Para mim, ainda mais, não havia razão para a sua existência, já que a raiz **aids** não daria **aidético**, no máximo um **aidesético**.*

Para minha surpresa, o dicionário **Aurélio** *registra o termo sem nenhum alerta sobre o seu uso perigoso. E eis que o* **Houaiss** *vem e faz o mesmo. Esses nossos dicionaristas não estariam aceitando termos acriticamente? O que o senhor acha disso? Estão autorizando a nós, médicos, usarmos o termo em nossos artigos científicos?*

Hélio B.

Meu caro Hélio: a língua corrente usa as palavras independentemente das considerações éticas que um médico possa levantar. Essa distância entre o uso especializado e o uso comum é observável em qualquer área do conhecimento; enquanto o vocabulário jurídico distingue entre **roubar** e **furtar**, a diferença inexiste para o cidadão que teve seu carro levado por ladrões. Para este mesmo cidadão, o vocábulo **aidético** designa simplesmente os indivíduos contaminados pelo vírus da Aids; ele não percebe aí a carga pejorativa que um médico vê e procura evitar. É como **louco** ou **maluco**, vocábulos que um falante comum utiliza, sem malícia, para designar quem sofre das faculdades mentais, mas que deixam toda a comunidade de psiquiatras e psicólogos com os cabelos (e as barbas) em pé.

Aidético é o adjetivo que nasceu de **Aids**, e ninguém mais poderá matá-lo, mesmo que fosse malformado – no que, aliás, também tenho as minhas dúvidas. Por que deveria ser ***aidesético**? Não temos nenhum vocábulo com essa terminação **-esético**; além disso, vejo que **lues** deu **luético** e **herpes** deu **herpético**, com a desconsideração da sibilante final, como ocorre com **aidético**.

Agora, o fato de todos os bons dicionários registrarem o termo não significa

sinal verde para usá-lo em trabalhos científicos; lembre-se de que todos os palavrões estão dicionarizados, mas isso não nos autoriza a empregá-los num artigo ou numa tese. Dicionário apenas registra e informa; a nós cabe decidir o que é correto ou adequado para as situações concretas, de acordo com nossa formação e nossa sensibilidade. Como você muito bem observou, médicos que se referem a seus pacientes como **cancerosos** ou **sifilíticos** parecem não ter a humanidade e a compreensão indispensáveis para um profissional dessa área.

Alcorão ou **Corão**?

Veja por que é preferível a forma **Alcorão**.

*Prezado Doutor: tenho observado em revistas a palavra **Corão**; já em jornais, na televisão e no **Aurélio** aparece **Alcorão**. Gostaria de saber qual é a forma correta.*

Marlene – Araçatuba (SP)

Minha cara Marlene: no bom e velho Português, sempre se usou **Alcorão**. Assim vem nos dicionários mais respeitáveis do passado (**Bluteau** e **Morais**). Assim escrevia Camões em 1572:

Uns caem meios mortos, outros vão
A ajuda convocando do **Alcorão**.

Os Lusíadas – Canto III, 50.

Como todos nós sabemos, a permanência dos árabes, por sete séculos, na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e Espanha) contribuiu com centenas de vocábulos para o Português, muitos deles curiosamente iniciados pela letra **A**: **almôndega**, **alfândega**, **almoxarife**, **almofada**, **açafrão**, **açougue**, **açúcar**, **açude**, **adaga**, **alcova**, **alcunha**, **aldeia**, **alface**, **algema**, **algodão**, **algoz**, **alicerce**, **almíscar**, **alvará**, **arrabalde**, **arroba**, **arroz**, **azeite**, entre outros.

Este **AL** ou **A** era o artigo árabe usado antes dos substantivos; nossos antepassados simplesmente incorporaram essa partícula nas palavras que ouviam, sem ter a consciência de sua natureza de artigo. Basta compararmos nosso **açúcar** e nosso **algodão** com o ***sugar*** e o ***cotton*** do Inglês, o ***sucre*** e o ***coton*** do Francês, e o ***zucchero*** e o ***cotone*** do Italiano, línguas que nunca estiveram em contato direto com o Árabe. Por esse mesmo motivo, enquanto o Inglês prefere ***Koran***, nós preferimos a forma com o artigo **Al** já assimilado. Há quem prefira simplesmente **Corão**, por se assemelhar mais ao termo árabe aportuguesado; respeito a opção, mas não vejo razão para contrariar o que nossa tradição já fixou tão bem. Agora, o que não engulo é aquela teoriazinha, defendida por algumas sumidades, de que é preferível **Corão** porque **o Al**corão, com a presença dos dois artigos (o nosso e o árabe), seria uma forma de **pleonasmo**! Eu

morro, mas não vejo todas as manifestações da ignorância humana! Por esse mesmo raciocínio de jerico, seria melhor dizer que “o **godão** é o melhor tecido para camisas” e que “as **zeitonas** são indispensáveis no recheio da empadinha”.

datiloscopista

Saiba por que o funcionário que trabalha na expedição do documento de identidade é um **datiloscopista**.

Caro Professor Moreno: por que é utilizado o termo ***datiloscopista*** *para designar o funcionário que trabalha na expedição de documento de identidade? Obrigada!*

Otália

Minha prezada Otália: **datiloscopista** é um composto erudito formado pelo elemento ***datilo***, que significa **dedo** (o mesmo que aparece em **datilografia**, escrever com os dedos), mais ***scopein*** (no Grego, olhar, examinar – o mesmo que está em **microscópio**, que o olha o pequeno, ou **telescópio**, que olha de longe). Os **datiloscopistas** – que alguns organismos preferem chamar de **papiloscopistas** – são os peritos na identificação das impressões **digitais**.

Temos aqui uma interessante confirmação do fato de que nosso idioma (principalmente na linguagem técnico-científica) tem duas mães, o **Grego** e o **Latim**. **Digital** vem do Latim ***digito***, que significa **dedo**, da mesma forma que o Grego ***datilo***. Um dr. Frankenstein poderia juntar pedaços de palavras e engendrar um **digitoscopista**, mas isso iria contrariar a tendência genérica de formar compostos com elementos da **mesma** fonte (ou tudo Grego, ou tudo Latim). Por isso, chamamos de **datiloscopista** aquele que examina os dedos.

deletar

Falando de **deletar**, lembro que não podemos simplesmente enxotar os parentes distantes que vêm bater à porta de nossa casa.

Professor Moreno: assistindo a um programa de TV, recebi a informação de que o verbo **deletar***, muito utilizado em Informática, viria do latim* ***delere*** *(excluir, eliminar). Esta palavra latina (e outras) teria sido incorporada ao idioma anglo-saxão no período em que o Império Romano ocupou a região da Bretanha. Isto tem algum fundamento?*

Cleber P. – Pinhalzinho (PR)

Meu caro Cleber: o vocabulário do Inglês reparte-se, em proporção quase igual, entre três origens: a **anglo-saxônica** (é o núcleo do idioma; são as palavras mais usadas e, em sua maioria, monossilábicas); a **francesa** (vocábulos que entraram no idioma com a invasão dos normandos); e a **latina** (para um inglês ou um americano, as mais difíceis de usar; para nós, que somos latinos, as mais fáceis). ***Delere***, do Latim (apagar), deu o ***delete*** do Inglês e o nosso **indelével** (uma **tinta indelével** não pode ser apagada; uma **impressão indelével** é uma impressão que jamais esqueceremos). Portanto, quando importamos **deletar** do Inglês, estamos apenas trazendo de volta para casa uma prima extraviada.

elegantíssimo ou **elegantérrimo**?

Quem fica muito magra fica **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**? E muito elegante? **Elegantíssima** ou **elegantérrima**?

*Caro Professor Moreno: outro dia, em conversa acontecida no horário do jantar, minha filha de quinze anos, estudante do Ensino Médio, aluna premiada no colégio, falou mais ou menos assim: fulano estava **elegantíssimo**; na mesma hora retruquei, dizendo que o correto seria **elegantérrimo**. Minha filha então argumentou que os dois eram corretos. Na mesma semana, na revista **Marie Claire**, li alguma coisa que parecia vir em defesa aos meus argumentos, num artigo que colocava a palavra **elegantíssimo** em itálico, como que em tom pejorativo, e depois fazia uma referência a outro **elegantérrimo** em tom mais enfático. As duas maneiras estão corretas? Se estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar? Antecipadamente agradeço.*

Paulo G. – Palmas (TO)

Meu caro Paulo: sua filha mereceu o prêmio de melhor estudante: ela é que está com a razão. O superlativo de **elegante** é **elegantíssimo**. Nosso idioma forma seus superlativos por meio de uma simples operação morfológica: [adjetivo + íssimo]; assim brotam, naturalmente, **belíssimo**, **grandíssimo**, **duríssimo**, **caríssimo**. Alguns (muito poucos – não chegam a 50, de 50.000) têm também outra forma alternativa, usando a forma latina. É o caso de **doce** (**docíssimo** e **dulcíssimo**) , **negro** (**negríssimo** e **nigérrimo**), etc. (veja, mais abaixo, **"superlativos eruditos"**). Em algumas dessas formas latinas aparece o sufixo superlativo **-érrimo**, que vamos também encontrar em **paupérrimo**, **macérrimo** (incluo, lá no fim, uma discussão sobre esta palavra; não estava na pergunta, eu sei, mas não pude resistir), **celebérrimo** – todos, como você pode ver, com um inegável toque erudito.

Acontece, Paulo, que certos setores da imprensa – principalmente ligados à moda e ao colunismo social – passaram a usar liberalmente este sufixo, criando formas como **chiquérrimo**, **riquérrimo**, **elegantérrimo**; já ouvi **boazudérrima** (e, para meu espanto, uma forma totalmente inusitada, que não existia nem no Latim: **carésima**, **gostosésima**, **peruésima**!). Não tenho nada contra elas; as

palavras, como os seres humanos, têm direito de existir, mesmo que não sejam lá boa coisa. Até gosto de usar algumas quando quero fazer ironia ou brincadeira; só não vou empregá-las quando estiver falando ou escrevendo em tom mais formal ou profissional.

Nesse sentido, sua pergunta final é **extremamente adequada**: "Se ambas estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar?". É isso aí, Paulo! Esse é o verdadeiro segredo de quem usa bem o Português: não se trata apenas de escolher entre uma forma correta e uma errada, mas sim escolher, entre duas formas corretas, **a mais adequada** para a situação. **Elegantíssimo**? Podemos usar sempre, em qualquer contexto, em qualquer nível de linguagem. **Elegantérrimo**? Só no salão de beleza, na crônica social, na conversa entre amigos. Um abraço, e não deixe de dizer à sua filha que ela é que estava certa.

P. S.: Quanto ao **macérrimo**: eu disse que a composição vernácula de nossos superlativos é [adjetivo + íssimo] e que alguns apresentam, concomitantemente, uma forma mais erudita, proveniente do Latim. Assim acontece com **pobre**, que tem **pobríssimo** (pobre + íssimo) ou **paupérrimo** (no Latim, **pobre** é ***pauper***, que encontramos também em **pauperismo**, **depauperar**, etc.); com **doce**, que tem **docíssimo** ou **dulcíssimo** (no Latim, **doce** é ***dulcis***, radical que encontramos em **edulcorante**, **dulcificar** ou no nome **Dulce**). Pois bem, o adjetivo **magro** tem o superlativo vernáculo **magríssimo** ou a forma alatinada **macérrimo**; no Latim, **magro** é ***macer***, radical que podemos encontrar em **emaciar** ou **macilento**. Com a nova moda do sufixo **-érrimo**, no entanto, criou-se também **magérrimo**, uma combinação popular, meio cruza de jacaré com cobra-d'água, onde se nota talvez uma analogia com **negro-nigérrimo**. Existe essa forma? – já me perguntaram várias vezes. A resposta é **sim**; é claro que existe, se a maioria da população a utiliza diariamente (e os dicionários registram). Agora, quanto a usá-la ou não, vale o que eu sempre digo a respeito dessas variantes: camisa polo com bermuda é roupa bonita e decente, mas não serve para todas as ocasiões. Traje de recepção? **Macérrimo**. Traje de passeio ou esporte? **Magríssimo**. Camiseta com sandália, ou pijama com chinelo? **Magérrimo**.

eletrocussão

Um leitor exagerado escreve que **eletrocussão** só pode ser usado para quem é executado na cadeira elétrica; quem morre de choque morre por **eletroplessão**. Aí é que ele se engana.

*Um leitor nos questionou sobre o uso da expressão **eletrocutado** para quem morre com uma descarga elétrica provocada por um fio desencapado. Disse-nos que **eletrocutado** é aquele que morre na cadeira elétrica. Para descargas elétricas deveríamos utilizar **eletroplessão**. Realmente, no dicionário **Aurélio** consta **eletroplessão** como a morte ocorrida devido a uma descarga elétrica. Mas vamos dizer o quê? Que o cara foi **eletroplessado**? Nunca vi isso! Ou só podemos dizer que ele "sofreu uma descarga elétrica" – para não dizer que foi **eletrocutado**?*

Marina G. – Jornal do Bairro – São Paulo (SP)

Minha cara Marina: esse teu rabugento leitor está apenas seguindo uma velha opinião dos puristas, que sempre implicaram com **eletrocutar**. O verbo veio do Inglês ***electrocute***, constituído pela soma dos elementos [electr-] + [-cute] (o final de ***execute***, "executar"), um neologismo criado em 1889. É verdade que, originariamente, este verbo tinha o significado específico de executar um criminoso por eletricidade. Em pouquíssimo tempo, contudo, à medida que os usos da eletricidade se difundiam por todo o planeta, o verbo passou a ser usado para designar qualquer morte causada por descarga elétrica. Como sempre, a língua se adaptou às mudanças do mundo real. O substantivo derivado, ***electrocution***, passou a servir para qualquer morte por eletricidade – quer para mortes acidentais, quer para suicídio, quer para homicídios, quer, até mesmo, para a exótica morte causada pela descarga de peixes elétricos, como o nosso poraquê. Entre as línguas latinas, além do Português, adotaram os mesmos vocábulos o Espanhol (***electrocutar***, ***electrocución***), o Francês (***électrocuter***, ***électrocution***) e o Italiano (***elettrocuzione***).

No ***Cambridge International Dictionary***, o exemplo dado em Inglês é *"He was **electrocuted** (=killed by electricity) when he touched the bare wires":* "Ele foi **eletrocutado** (morto por eletricidade) quando tocou nos fios desencapados". Na Itália, equipamentos elétricos podem trazer etiquetas que alertam para o

“*pericolo di **elettrocuzione**”* (“perigo de **eletrocussão**”). Na França, os serviços de emergência/reanimação distinguem a ***électrisation*** – as diferentes manifestações fisiopatológicas devidas à passagem da corrente elétrica através do corpo humano – da ***électrocution***, que é a morte em consequência da ***électrisation***; seus manuais alertam contra os perigos do equipamento elétrico dos blocos cirúrgicos e dos serviços de reanimação, já que desfibriladores e bisturis elétricos podem ***électrocuter*** pacientes ou membros da equipe. Como se pode ver, o uso é universal.

No Português, houve as habituais reações conservadoras contra **eletrocussão**; ora, como sempre acontece, os opositores da nova forma tiveram de oferecer uma alternativa própria – e criaram o horrendo **eletroplessão**, formado arbitrariamente de [eletro] + [plessão] (do Grego ***plessein***, ferir), adotado por muitos médicos-legistas, que reservam **eletrocussão** especificamente para a morte na cadeira elétrica. Aquela criação, artificial e doméstica, que os dicionários de Portugal não registram (a bem da verdade, contudo, devo assinalar que um importante filólogo da terra de Camões sugeriu, por sua vez, um não menos horrendo **eletrocidar**...), tem a desvantagem de produzir um verbo inviável, **eletroplessar**(?). Basta comparar **eletrocuto**, **eletrocutas**, **eletrocuta**, com **eletroplesso**, **eletroplessas**, **eletroplessas**, para ver qual dos dois é o sobrevivente. Você tem toda a razão, Marina: “Ele morreu **eletroplessado”** é de amargar!

No ***Aurélio***, os dois sentidos de **eletrocussão**, **eletrocutar** são registrados: tanto a execução penal quanto a simples morte por eletricidade. No ***Dicionário Médico***, de Rodolpho Paciornik, vemos “**Eletrocussão** [De eletro + execução] – O ato de matar por meio de uma corrente elétrica. Poderá ser acidental ou no cumprimento de uma sentença legal de pena de morte”. O ***Dicionário da Língua Portuguesa***, da Porto Editora, traz simplesmente “morte por meio da eletricidade”. O INSS e os organismos oficiais de controle de acidentes de trabalho falam só de **eletrocussão**. O que mais quer esse seu leitor? Grande coisa que **eletrocutar**, ao nascer, quisesse dizer “executar por descarga elétrica”; as palavras mudam e ampliam seu significado, e não adianta espernear contra isso. Ou esse leitor vai exigir que as **rubricas** voltem a ser feitas em tinta **rubra** (como eram, inicialmente), ou que o pontífice volte a cuidar das **pontes** (como na Roma Antiga), ou que se volte a **bordar** apenas nas **bordas** do tecido?

esterçar

Eis um termo muito útil para quem entende de automobilismo.

*Prezado Professor: quando criança (interior de Minas Gerais), eu ouvia muito a expressão "**desterçar** a roda de um carro" ou então "**esterçar** a roda de um carro". Já constatei que nenhuma dessas duas palavras existe; já vi "terçar". Será que lá em Uberlândia todos falavam erradamente essa palavra? Aguardo sua ajuda. Abraços*

José R. – Uberlândia (MG)

Meu caro Régis: o que você quer dizer com "nenhuma dessas palavras existe"? Presumo que se traduza em "não estavam no dicionário em que procurei", não é isso? Ora, lembre-se sempre de duas verdades básicas: (1) nenhum dicionário do mundo contém todas as palavras de uma língua e (2) se você ouvia essas expressões em Uberlândia, elas decididamente existiam (a não ser que sua feliz infância fosse povoada de alucinações auditivas).

Claro que a palavra poderia ser escrita de outra forma, o que explicaria a pesquisa infrutífera. Lembro do leitor que reclamou não ter encontrado no ***Aurélio*** um vocábulo tão comum quanto ***odômetro**; ele deve ter ficado sem jeito quando eu o informei de que ele estava procurando no endereço errado: o vocábulo é **hodômetro**, e mora na letra **H**, não na letra **O** do amansa. Este, no entanto, não é o seu caso; a forma é **esterçar**, mesmo.

É um vocábulo usado em automobilismo e, portanto, coisa bem moderna. A edição atual do ***Morais*** (1999) dá **esterçar** com o significado de "mover à direita e à esquerda o volante do automóvel". Nosso dicionário campeão, o ***Houaiss***, registra o mesmo significado, mas traz muitas outras informações, entre elas que o termo vem do italiano ***sterzare***, vocábulo registrado em 1743, com o sentido primitivo de "fazer girar a carroça", que adquiriu, no século XX, o sentido de girar o volante do automóvel.

Uma rápida pesquisa nas páginas especializadas de automobilismo, na internet, mostra dezenas de exemplos do emprego de **esterçar**, **esterçamento** e **esterçante**. Não encontrei **desesterçar**, mas num lugar onde se **esterça**, por que também não se **desesterça**? Afinal, o prefixo **des-** pode ser acrescentado a

qualquer verbo que admita, semanticamente, o inverso da ação: **enterrar**, **desenterrar**; **colar**, **descolar**; **pregar**, **despregar**; **comer**, **descomer**; etc. A maior parte do nosso léxico ligado ao automóvel proveio da França, de onde foram importados os primeiros carros que entraram no Brasil; **esterçar**, contudo, termo muito útil no automobilismo desportivo, veio da Itália, pátria das Ferraris, Maserattis e Lamborghinis.

Além disso, o que justifica sua incorporação ao nosso idioma é a sua grande utilidade, pois serve de base para outros vocábulos muito empregados nos textos sobre segurança ao dirigir, como **subesterçar** e **sobre-esterçar**. Um carro **subesterçante** é o que tende a sair de frente, na curva, enquanto um **sobre-esterçante** tende a sair de traseira. Neste último caso, inclusive, o remédio que os peritos recomendam (e que os simples mortais como eu não têm reflexo nem coragem para empregar) é o **contraesterço**, que consiste em aumentar a pressão no acelerador e girar a direção mais ainda em direção à curva! Os conceitos de **subesterço** e **sobre-esterço** são amplamente empregados na literatura especializada mundial, onde aparecem como ***sottosterzo*** e ***sovrasterzo*** (Italiano) e ***understeering*** e ***oversteering*** (Inglês). Fique tranquilo, que **esterçar** está correto em Uberlândia e no mundo todo!

existe **excepcionação**?

Pergunta a leitora Márcia, de Brasília (DF): Prezado Doutor: existem as palavras ***excepcionação*** *e* ***excepcionalização****?*

1a parte:

Prezada Márcia: em questão de vocábulo, não cabe essa discussão de **existe** ou **não existe**. O maior dicionário que temos, em Português, não tem um terço das palavras de nossa língua. E os outros dois terços? Estão por aí, à nossa disposição. Qualquer língua natural – Português, Inglês, etc. – tem um conjunto de elementos (prefixos, radicais e sufixos) e algumas regras de combinação desses elementos. Com isso, o falante tem uma verdadeira máquina de construir (seria melhor dizer **fazer surgir**) a palavra certa na hora em que dela necessitar. Sua pergunta é sobre duas aves esquisitas, **excepcionação** e **excepcionalização**. Em que contexto (em que frase) elas poderiam ser necessárias? Eu preciso saber disso, para poder emitir uma opinião honesta. Mande as frases em que você viu essas palavras empregadas, ou em que você sentiu vontade de empregá-las. Aí eu poderei responder.

A leitora voltou, desta vez trazendo o contexto: "A mesma filosofia foi aplicada à filial de Curitiba; no entanto, por existirem características próprias devido à centralização nacional de algumas atividades, vamos analisar, em conjunto com a diretoria daquela filial, as ***excepcionações*** *para as atividades em que isso se fizer necessário".*

2a parte:

Minha cara Márcia: para mim, continuam faltando dados, mas agora de outra ordem. Note que as palavras do Português (as que estão no dicionário e as que ainda nem sonham em aparecer) seguem sempre um conjunto de regras de formação determinado pelo próprio caráter da língua. Um desses princípios subterrâneos possibilita que, a partir de um **verbo** qualquer, formemos, se julgarmos necessário, um **substantivo abstrato** (é um processo importantíssimo em todas as línguas do mundo; sua real justificativa não cabe aqui discutir).

Como fazemos isso? Acrescentando certos sufixos típicos para essa finalidade: **-mento**, **-dura**, **-agem**, **-ção**, etc. Os substantivos assim formados conservam, evidentemente, uma forte dose do significado de **ação** que o verbo caracteristicamente apresenta: **enfrentamento**, **desaparecimento** (ato de **enfrentar** e **desaparecer**) ; **propositura**, **abertura** (ato de **propor** e **abrir**); **secagem** e **moagem** (ato de **secar** e **moer**) ; **construção** e **conservação** (ato de **construir** e **conservar**); e assim por diante.

Ora, seguindo esse raciocínio, para podermos formar **excepcionação** devemos presumir um verbo **excepcionar**. O verbo existe e está registrado no ***Aurélio***; o problema é que tem um sentido completamente diferente do que está no exemplo que você me mandou. É um verbo da **técnica jurídica**, mais precisamente do Direito Processual, e significa "opor exceção", isto é, a "defesa indireta (relativamente à contestação, que é direta), em que o réu, sem negar o fato afirmado pelo autor, alega direito seu com o intento de elidir ou paralisar a ação (suspeição, incompetência, litispendência, coisa julgada, etc.)". Bem longe, não é?

Que dados me faltam, então? Bem, se fosse possível demonstrar que este mesmo verbo **excepcionar** (que é, aliás, monstruoso – o que não dizer então do **excepcionação**, que é abominável?) vem suprir uma real necessidade léxica ou sintática dessa área em que você trabalha, e – o que é fundamental! – que usando **excepcionação** vocês vão conseguir dizer alguma coisa que não conseguem dizer com nossa velha **exceção**, aí teríamos uma justificativa para o novo termo. Confesso que, lendo o exemplo enviado, pareceu-me que **exceção** entra perfeitamente na frase. Pode haver aí, entretanto, alguma nuança técnica que não alcanço; por isso, passo a vocês a decisão: se existe alguma coisa realmente nova, preciso de mais exemplos. Se não há significação nova envolvida, então, por amor à língua de Vieira e Machado, enterrem essa coisa horrorosa.

P.S.: ***excepcionalização**, então, nem pensar! Agora precisaríamos de um ***excepcionalizar**! É claro que continuo na minha atitude prudente: pode ser que haja aqui sutilezas que me escapam.

gay ou **guei**?

Aprenda a diferença entre ***gay***, **guei** e **homossexual**.

*Caríssimo Professor: existe um sítio brasileiro na internet sobre a homossexualidade que insiste em usar o termo **guei** em vez de* **gay**. *Eu acho isso um puritanismo linguístico bastante nacionalista, bem extremista. Eu prefiro usar o termo reconhecido internacionalmente, e defendo o seu uso, pois acho que a palavra **homossexual** carrega um certo tom clínico nem sempre apropriado em meios sociais. Ademais, não sei de nenhuma palavra para* **gay** *em português que seja positiva, ou mesmo neutra – tudo me parece muito pejorativo. Seria um grande prazer receber uma resposta sua.*

Paul B. – Seattle, WA (EUA)

Meu caro Paul: enquanto ***gay*** é a forma internacional (acho melhor, porque é instantaneamente reconhecida), **guei** é uma forma que acrescenta ao significado já tradicional um nítido posicionamento nacionalista, como você bem percebeu. Cada um se alinha entre as hostes que prefere, e a escolha das palavras ou da forma de grafá-las expressa também uma tomada de posição. Intitular-se ***gay*** é aderir a uma comunidade sem fronteiras; intitular-se **guei** é, além disso, reforçar uma identidade nacional e, o que pode ser o caso, assumir uma postura politizada.

Quanto à escolha entre ***gay*** (ou **guei**) e **homossexual**, não há dúvida de que são conotativamente diferentes (embora denotativamente idênticas); a segunda é a única forma aceitável, a meu ver, em textos filosóficos ou psicanalíticos, enquanto a primeira, além de ser a única cabível no discurso do quotidiano, é mais coloquial e descontraída. Nos guias de viagens vais encontrar a rubrica "hotel *gay*", "boate *gay*", mas seria impensável "hotel homossexual", "boate homossexual". Quanto ao léxico do Português, parece que realmente ainda não temos nenhuma designação para ***gay*** que não tenha coloração pejorativa – nem mesmo no vocabulário da comunidade GLS. Você sabe muito bem, Paul, que a linguagem apenas espelha a cultura que lhe corresponde; se um dia ela mudar, o vocábulo aparecerá.

herbicidar?

Podemos dizer que **suicídio** está para **suicidar** assim como **herbicida** está para **herbicidar**? O Doutor mostra que não é bem assim que funciona a nossa língua.

*Olá, Professor: minha dúvida nasceu de uma conversa com um colega agrônomo que crê ser **herbicidar** um verbo que pode ser conjugado normalmente, descrevendo a ação de "matar ervas". Eu lhe disse que nem todo substantivo pode se tornar verbo e que correria menos risco se falasse apenas "aplicar herbicida". No entanto, precisamos de seu voto credenciado e decisivo à questão.*

Fábio M. – Santa Maria (RS)

Prezado Fábio: obrigado pelo cumprimento; posso dar a vocês um voto **credenciado**, mas não **decisivo**, pois o saber humano é infinito em seu progresso. Como agrônomos, vocês dois devem se sentir em casa com a ideia de que a língua é um organismo vivo e, como tal, tende para a economia de energia e de recursos. Se fizesse sentido criarmos um **herbicidar** (do ponto de vista morfológico, até que é um verbo viável), por que não teríamos **homicidar**, **genocidar**, **infanticidar**, **pesticidar**, **parricidar**, etc.? Comparando custo e benefício, vocês verão que não vale o esforço – e o sistema linguístico parece ter chegado à mesma conclusão. É significativo que o único verbo a surgir autonomamente foi **suicidar-se**, certamente por todas as implicações trágicas e excepcionais que cercam o ato. **Embarcar** veio de **barco**, mas hoje podemos **embarcar** em trem, avião, carruagem, ônibus espacial e até numa fria. No tempo da Semana de Arte Moderna, os poetas (que não passavam, em sua maioria, de piadistas) usavam alegremente **avionar**, **trenzar**, etc. – mas nada disso vingou. Continuem a "aplicar o herbicida", que é melhor. Aliás, notem que há uma disputa de significado aí nesse hipotético **herbicidar**: ele significaria "aplicar herbicida", ou "matar ervas"? São coisas bem diferentes, como vocês, mais do que ninguém, devem saber.

hétero, **héteros**

Se **motocicleta** gerou a forma reduzida **moto**, **heterossexual** produziu a forma **hétero**.

Como estou diariamente envolvido com dezenas de textos sobre gays *e lésbicas, tendo em vista que realizo um trabalho específico nesta área, às vezes preciso referir-me às pessoas que não são* **gays** *e tenho que deixar isso claro no texto. Nestes casos, uso a palavra **heterossexuais**, mas todos temos de convir que é muito grande, principalmente se comparada com* **gay***, e fica pedante e cansativa se for repetida duas ou três vezes num trecho pequeno de texto. Assim, é muito comum as pessoas se referirem aos* **não-gays** *simplesmente como **héteros**. Minha dúvida é sobre a existência desta palavra e sobre a grafia correta, pois não sei se deve levar acento e se posso flexioná-la em gênero e número como um adjetivo ou substantivo normal. Por exemplo: "Compareceram à Parada* **Gay** *milhares de* **gays** *e **héteros**, inclusive suas famílias"; "Eu achava que sua irmã fosse **hétera**, mas ela mesma me confirmou que é* **gay** *(lésbica)". Pergunto: a palavra **hétero** existe?*

Marcelo A. – Rio de Janeiro

Meu caro Marcelo: um dos mais recentes processos de formação de palavras no Português é o que chamamos de **redução**: no momento em que algum vocábulo complexo, geralmente composto de elementos eruditos e científicos, passa a fazer parte do vocabulário quotidiano, há uma forte tendência a reduzi-lo para um padrão prosódico mais confortável. Assim, a **fotografia** virou **foto**, o **telefone** virou **fone**, a **motocicleta**, depois de passar por **motociclo**, virou **moto**. Observe como o mesmo não ocorreu com a **caligrafia** ou a **filmografia**, com o **interfone** ou o **xilofone**, exatamente pela pequena ocorrência desses vocábulos na linguagem usual (ao menos até agora). A meu ver, este processo de redução, extremamente produtivo no Francês, será cada vez mais frequente em nosso idioma.

O vocábulo **heterossexual** era perfeitamente manejável na linguagem técnica, na qual vivia recluso. No momento em que o termo entrou na língua do dia-a-dia, no entanto, passou a ser um trambolho prosódico, sofrendo a redução para **hétero**, proparoxítono, como você observou. A acentuação destes vocábulos

encurtados segue a regra oficial; por isso, **bíci** (de **bicicleta**), ou **deprê** (de **depressão**). Não importa que a parte remanescente fosse, no vocábulo original, uma forma presa (geralmente elementos de origem grega ou latina) – ela agora passa a ser autônoma e independente. Já estamos acostumados a **pornô**, **máxi**, **míni**, **múlti**; o **supermercado** virou, em algumas regiões, o **súper**; a **poliomielite** já tornou-se **pólio**, e assim por diante – tudo isso no Português usual (mais ainda na linguagem específica de várias profissões; basta ouvir médicos conversando entre si para avaliar como o processo está mais adiantado).

Plural ele vai ter, naturalmente: **héteros**, como **fotos**, **motos**, **máxis**, **pólios**. Quanto à flexão dele no feminino, acho que ainda preferimos o seu uso invariável (uma militante **hétero**). No entanto, não me surpreenderia se fosse crescendo a tendência a transformá-lo em biforme (**hétero**, **hétera**), principalmente porque esse final em **O** inexiste em vocábulos femininos, com exceção apenas de **libido** e de **tribo**. O tempo dirá.

litigância ou **litigação**

Nem todo mundo sabe que nosso generoso idioma pode oferecer mais de uma forma para o mesmo vocábulo.

*Prezado Professor, trabalho na área jurídica e tenho uma dúvida cuja resposta não encontrei em dicionários ou gramáticas; qual destas formações é a correta para o verbo **litigar**: **litigação** de má-fé ou **litigância** de má-fé? Ficaria muito grato pela resposta.*

Roney S. – Uberaba (MG)

Meu caro Roney: nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado. Como vimos anteriormente, para a formação de substantivos **abstratos de ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode escolher entre os sufixos **-mento**, **-dura**, **-ção** ou **-ância**. Não raro, coexistem formas concorrentes para o mesmo abstrato; por exemplo, para **dobrar** o ***Aurélio*** registra **dobradura**, **dobramento** e **dobração**. Os sufixos **-ção** e **-ância** concorrem em vários vocábulos: numa rápida examinada no dicionário, encontrei **alternação** e **alternância**, **aspiração** e **aspirância**, **claudicação** e **claudicância, culminação** e **culminância**. O uso vai preferir uma ou outra forma, por caminhos imponderáveis.

Em alguns casos – **concordância** e **preponderância** são bons exemplos –, nem conseguimos imaginar uma variante terminada em **-ção**. No caso específico de **litigar**, eu sempre vi empregado o substantivo **litigância**, embora, pelo que acabo de expor, a forma **litigação** não seria impossível, já que esta hipótese também está prevista em nosso sistema morfológico. Parece, contudo, que o plebiscito de séculos de uso consagrou apenas a forma em **-ância**. É melhor respeitá-lo.

maniático

O Professor explica que nem todo **maniático** é um **maníaco**.

*Olá, Professor! Acabaram de me falar que a palavra **maniático** não existe. Fui conferir em alguns dicionários e realmente não a encontrei. Neles constava apenas o termo **maníaco**. Considerando também o uso corriqueiro da palavra **maniático**, pergunto se é errado usá-la, pois – ao menos para mim – ela parece ter um sentido mais específico, enquanto **maníaco** parece se estender a vários outros casos. Obrigada pela atenção.*

Uda S. – Brasília (DF)

Minha cara Uda: realmente, o vocábulo **maniático**, que é largamente empregado no Espanhol, parece estar fazendo falta por aqui, pois serve para designar a pessoa que tem lá as suas manias, seus hábitos idiossincráticos, mas inofensivos, distinguindo-se, dessa forma, do **maníaco**, usado em sentido técnico pelos profissionais da área Psi.

O problema desses dois vocábulos começa com a mãe deles, a palavra ***mania*** – literalmente, "loucura", no Grego. Esse significado continua vivo na Medicina e na Psicologia; é por isso que se fala de uma psicose **maníaco-depressiva** e que se internam psicopatas no **manicômio** (foi pelas **manias** que o imorredouro Simão Bacamarte, de Machado de Assis, acabou enchendo a Casa Verde com seus parentes e vizinhos). Com o tempo, porém (**o Tempo é o senhor da Linguagem** – é bom não esquecer!), **mania** saiu do vocabulário exclusivamente científico e vulgarizou-se na linguagem corrente, passando a denominar apenas aqueles hábitos, esquisitos ou não, que fogem um pouco do usual: (1) Nada de mais em tomarmos café numa xícara; Fulano, contudo, tem a **mania** de só usar um copinho das Geléias Tabajara. (2) Ela tem a **mania** de folhear o jornal do fim para o começo. (3) Ele tem a **mania** de tirar o som da TV e ouvir a transmissão do jogo pelo rádio.

Mesmo na linguagem usual há novas distinções a caminho. **Maníaco** é a forma preferida para "gostar de alguma coisa, ser louco por ela": eu sou **maníaco** por doce de leite. **Maniático** vai entrando no Português para designar "aquele que é cheio de manias, cheio de nove horas": ela desistiu do namoro

porque ele era muito **maniático**. Se o vocábulo não está ainda em nossos dicionários, isso não quer dizer que ele não exista, Uda. Centenas de palavras que empregamos não estão lá também (o ***Houaiss*** tem um pouco mais de 220 mil registros, enquanto se estima o léxico do Português em quase 600 mil itens). A vantagem de "**estar no dicionário**" é que isso elimina qualquer necessidade de justificar o emprego de um vocábulo, ao passo que o uso dos que "**ainda não estão**" pode ser contestado por algum boi-corneta. Avalie bem a situação em que você vai empregar o termo, e mande bala.

música, **musicista**

Três diferentes leitores comparecem com a mesma dúvida: a mulher que faz **música** é uma **música**? A que nasce na **Indonésia** é uma **indonésia**?

*Caro Professor Moreno, minha dúvida é a seguinte: posso chamar uma médica especializada em clínica geral de "**clínica geral** fulana de tal"? Qual é a maneira certa? Obrigado e um abraço.*

Sérgio A.

*Professor Moreno, posso dizer que uma senhora é **uma grande música**? Note que me refiro a sua profissão.*

Francisco Galvão

*Professor: moro no Japão há muitos anos e casei com uma mulher nascida na Indonésia. Se a minha esposa é nascida na **Indonésia**, a sua nacionalidade é **indonésia** ou **indonesiana**? Não acho tão estranho chamar um homem de **indonésio**, mas sinto um certo incômodo em chamar minha mulher de **indonésia**, por coincidir com o nome do país. Gostaria de obter uma resposta pelas dificuldades que tenho em consultar livros especializados, estando aqui no Japão.*

Reginaldo – Togane (Japão)

Prezados amigos: noto que todos ficaram em dúvida ao se depararem com estes femininos (**clínica**, **música**, **indonésia**, **matemática**, **estatística**, etc.) que coincidem com o próprio nome da profissão, da instituição ou do lugar de origem. É verdade que, às vezes, o efeito é tão desagradável que nos faz hesitar. No caso da **música**, temos a feliz possibilidade de utilizar o sinônimo **musicista**, comum de dois gêneros, evitando assim frases esquisitas ou ambíguas como "esqueci aquela **música"**, "a **música** me deixou emocionado", etc.

No caso da **clínica**, não há substituto; o máximo que podemos fazer é inverter a ordem dos elementos, usando "Fulana de Tal, **Clínica Geral"**. Vejam a confusão que se estabelece entre a "**Clínica Geral** Mariazinha dos Anzóis" – nome que foi dado a uma instituição – com "a pneumologista Teresinha de Jesus e a **clínica geral** Mariazinha dos Anzóis" – o nome de duas profissionais da Medicina. Em situações como essa, o melhor é contornar.

Quanto ao feminino **indonésia**, a dificuldade é a mesma que enfrentamos com o feminino **armênia** ou **argentina**. Meu caro Reginaldo, se você não quer dizer que sua esposa é **indonésia** (o que estaria correto), pode muito bem empregar **indonesiana**, já que o termo é bastante empregado e esta formação sufixal também é frequente na formação dos adjetivos gentílicos de nosso idioma. Lembro que o Brasil chama de **canadense** o que Portugal chama de **canadiano**; temos tanto argelino quanto **argeliano**, **alasquense** ou **alasquiano**, **baiense** e **baiano**, **bósnio** e **bosniano**, **salvadorenho** e **salvatoriano**.

plúmbeo

Veja o que **plúmbeo**, **chumbo** e **prumo** têm em comum.

*Dizemos que a água da **chuva** escoa pelo esgoto **pluvial**. Caro professor, este **pluvial** não viria de **plúmbeo** (de chumbo, da cor de chumbo, etc.)? Um abraço.*

Antônio A. – Palmas (TO)

Meu caro Antônio: a sua sugestão, se não está correta – **plúmbeo** nada tem a ver com a ***pluvia*** do Latim, que significa "chuva" –, se não está correta, repito, acertou em cheio noutro par de dublês: ***plumbum*** evoluiu no Português para **chumbo**; quando foi reconstituída, deu o adjetivo ***plúmbeo***, que significa "cor de chumbo", e mais uma dúzia de derivados de uso científico (**plumbagina**, **plumbago**, etc.) Lembro que, no Inglês, o vocábulo para "encanamento hidráulico" é ***plumbing***, e o sujeito que faz consertos até hoje se chama ***plumber***, reminiscência do tempo em que os canos de água eram de ferro galvanizado, e as juntas tinham de ser soldadas com chumbo derretido.

A única semelhança que existe entre **plúmbeo** e **pluvial** é a presença da conversão regular do grupo **PL** latino para o nosso **CH**: ***pluvia*** deu **chuva**; ***plaga*** deu **chaga**; ***plumbum*** deu **chumbo**; e assim por diante.

dolorido e **doloroso**

Nem tudo o que é **dolorido** é **doloroso**, nem tudo o que é **doloroso** é **dolorido**.

*Professor, cresci ouvindo uma canção muito popular aqui no Rio Grande do Sul em que o autor diz que sua mãe teve uma morte "triste e **dolorida**". Não deveria ser **dolorosa**?*

V. Fagundes – Uruguaiana (RS)

Você tem razão: a morte dessa pobre senhora, meu caro Fagundes, só poderia ter sido **dolorosa**. Como esses dois vocábulos só se distinguem pelo sufixo, já que foram criados a partir do mesmo radical primitivo (***dolor*** é "dor" em Latim), é natural que a linha que delimita o uso de um e de outro não seja bem precisa. Contudo, apesar dessa faixa gris de indefinição, podemos estabelecer significativas distinções, mais ou menos correspondentes à oposição entre **causar** e **sofrer**. **Doloroso**, de uso mais amplo, é qualquer coisa que possa **causar** dor: a notícia foi **dolorosa**; teve uma morte **dolorosa** (por oposição a uma morte sem dor, **indolor**); no mesmo sentido, o tratamento pode ser **doloroso** ou **indolor**. Enumerando os mistérios do Rosário, o Padre Vieira diz que há uns gozosos, outros **dolorosos**, outros gloriosos, e em cada uma destas distinções outros cinco mistérios também distintos – uns trazem o gozo, outros, a dor, outros, a glória. Machado de Assis, voltado agora para os mistérios deste mundo, descobre na alma humana um "doloroso gosto de falar da mulher amada".

Já **dolorido**, com sua terminação de particípio, liga-se mais ao polo passivo: é o que sofre, é o que sente dor, é aquilo que está doendo. Tem o sentido de magoado, machucado, lastimoso: a alma ficou **dolorida**; arrastava os pés **doloridos**; o local da pancada ficou **dolorido**. Não haveria o que confundir: levou uma pancada **dolorosa**, ficou com a perna **dolorida**. No entanto, ouço, com frequência, falarem em "injeção dolorida". Ora, o que as injeções podem ser é **dolorosas**; o local da "injeção" é que fica dolorido. Esta curiosa expressão nasce, com certeza, do costume familiar de chamar também de **injeção** o local onde o medicamento foi injetado. Afinal, quem já não ouviu – ou disse – "ele bateu bem na minha injeção"; "cuidado com a minha injeção, que está doendo"?

Em geral, é observada a distinção entre os dois vocábulos. Não por acaso, na

gíria dos velhos frequentadores de botequim, a conta, ou despesa, pode ser chamada de "**a dolorosa**", mas jamais de "**a dolorida**" .

Na luta para evitar que nossa língua se empobreça, devemos tentar manter vivas as distinções entre palavras parecidas. Quando escrevo "ouvimos em silêncio aquelas palavras **dolorosas**", espero que meu leitor entenda que as palavras ouvidas nos causaram sofrimento, bem diferente do que Machado pretendia, ao dizer "estas palavras arrancadas da alma, tão **doloridas** – ia dizer tão lacrimosas".

importância dos afixos

Veja como o conhecimento dos **afixos** é importante para o domínio de um idioma.

*Sou professor de Inglês Instrumental, e uma das minhas técnicas de trabalho é exatamente levar o aluno a conhecer os diferentes afixos daquele idioma. Pois bem, ao ler um artigo seu sobre **paranoia**, fiquei meio decepcionado ao ver que o Sr. não considera profícuo, para o exame daquele vocábulo, um estudo deste tipo. No entanto, quando escreve sobre **dolorido** e **doloroso**, o Sr. diz que aqui há uma clara diferença estabelecida pelos sufixos, o que me fez pensar em **interesting** e **interested** (com a mesma distinção entre "passivo e ativo"). Afinal, em que momento eu devo entender que o estudo dos afixos é significativo?*

Juvenal A.

Meu caro Juvenal: eu jamais disse que não vale a pena estudar os afixos. Pelo contrário: eles são partes importantes do verdadeiro jogo de armar que é o léxico de uma língua. O que eu frisei, no artigo **sobre as lições da paranoia**, é que não podemos definir **o que seja** algo a partir do simples exame etimológico do seu nome. Isso seria confundir as **palavras** com as **coisas** que elas denominam.

Além disso, ressaltei a arbitrariedade da seleção de alguns afixos. Por exemplo, entre os sufixos formadores de abstratos (**-mento**, **-ção**, **-dura**, **-eza**), a seleção, para cada radical, é feita por critérios misteriosos do idioma. Ninguém consegue explicar por que **belo** deu **beleza** e **amargo** deu **amargura**, já que ambos os sufixos (**-eza** e **-ura**) têm o mesmo valor. Casos como **dolorido** e **doloroso**, contudo, são bem distintos, uma vez que os sufixos aqui existem para marcar diferentes significados e finalidades.

Uma língua é formada de **peças** (afixos e radicais) e de **regras** para combiná-las; quem conhece os prefixos e os sufixos (que são poucos) do Português, mais algumas centenas de radicais, tem todas as condições de operar, mentalmente, milhares de palavras – como você já deve ter percebido no seu trabalho de professor.

emboramente, **apenasmente**

Veja como se processa a formação dos advérbios em **-mente** em nossa língua e entenda por que esses dois vocábulos não passam de dinheiro falso.

Caro Professor Moreno, nosso colega de trabalho insiste em dizer ***emboramente*** *em suas frases. "****Emboramente*** *eu tenha feito aquilo...". Essa palavra pode ser utilizada de tal maneira?*

Max

Meu caro Max: isso é coisa do **Odorico Paraguaçu**, aquele inesquecível prefeito palavroso criado por Dias Gomes. É conhecido o processo pelo qual nosso idioma passou a formar advérbios em **-mente** (processo esse, aliás, presente também nas outras línguas românicas): o substantivo **mente** (o mesmo de "**mente** humana", de "poder da **mente**") e o adjetivo que o antecedia (**clara mente**, **serena mente**), que vinham separados por um espaço em branco, terminaram formando um único vocábulo composto (como **passatempo**, **girassol**, etc.). Nesse composto, **mente** perdeu o seu significado originário e passou a indicar "maneira, modo". Se um de nossos longínquos antepassados românicos entendia que "ele dispôs de seus bens **serena mente**" significava "com a **mente** serena", nós já entendemos como "de **maneira** serena" – o que permitiu o acréscimo de **mente** a todo e qualquer adjetivo. Os falantes não têm mais consciência dessa composição, tomando os advérbios em **-mente** por vocábulos simples. Mesmo assim, é emocionante observar como levamos, de forma automática, o adjetivo para o feminino (quando ele tiver os dois gêneros), reencenando, sem perceber, um antiquíssimo ritual de concordância nominal: puro, **puramente**; glorioso, **gloriosamente**;

Como você pode ver, todos os advérbios em **-mente** que existem (e também os que virão a existir) começam por um **adjetivo**. Essa é uma regra morfológica de nossa língua (não é uma regra dos gramáticos; é uma das leis internas do idioma). Formações como ***emboramente**, ***apenasmente**, etc. são de brincadeirinha.

bonitíssimo

Um cidadão alemão que está aprendendo nossa língua saiu-se com um **bonitíssimo**. Esta forma existe? É correto usar uma palavra que não está relacionada nos dicionários?

*Professor Moreno: tenho um primo na Alemanha tentando aprender a nossa língua portuguesa. Ele vem fazendo seu trabalho muito bem, mas outro dia, num museu, apontou para um quadro e disse: "Olhe! É **bonitíssimo**!". Não soube explicar por que não era assim que se falava, mas a situação acabou me deixando na dúvida. Essa forma está muito errada mesmo? Todos os adjetivos têm um superlativo? Entendo que existe uma forma erudita para os superlativos e também a forma vernácula, mas os dicionários comuns (como o famoso* **Aurélio***) só apresentam alguns superlativos menos óbvios como o **boníssimo**, mas não contêm o **belíssimo** (muito óbvio). Desta forma, como sei se o superlativo que estou propondo existe? **Bonitíssimo** não está lá. O que concluo? **Bonitíssimo** não existe, ou existe e é tão básico que nem se dão ao trabalho de publicar umas letrinhas a mais no dicionário só pra tranquilizar os menos informados?! Obrigada por sua atenção!*

Aline R. – Campinas (SP)

Minha cara Aline: é claro que existe **bonitíssimo**. Os dicionários (de qualquer língua, por sinal) costumam deixar fora de suas listas todas aquelas formações que, de tão produtivas, são facilmente deduzidas pelo falante. Assim, em Português, quase não se registram (1) os diminutivos em **-inho** e **-zinho**, (2) os superlativos em **-íssimo** e (3) os advérbios em **-mente**. Por exemplo, não há necessidade de incluir **pobrezinho**, **pobríssimo** e **pobremente**, três formações automáticas a partir de pobre. É uma economia considerável de três entradas no dicionário – e não apenas de algumas letrinhas! Multiplique isso pelas dezenas de milhares de substantivos e adjetivos, e vai ver que vale a pena!

Agora, uma coisa é certa: há padrões morfológicos que se aplicam a todos os vocábulos que existem e a todos os que virão a existir em nossa língua. Se um dia, hipoteticamente, for criado um adjetivo "**calurdo**", no mesmo instante teremos a possibilidade de formar "**calurdozinho**", "**calurdíssimo**" e "**calurdamente**" – porque essa é uma potencialidade de todo e qualquer adjetivo. O seu primo alemão apenas aplicou uma regra poderosíssima de formação de

superlativo; se nós não gostamos de usar **bonitíssimo**, haverá muita gente que goste; esta forma está lá, sempre latente, esperando apenas que alguém precise dela para vir à tona, como foi o caso. Eu diria que ele está realmente começando a dominar o nosso idioma.

malformação

Veja por que **malformação** não é um vocábulo **malformado**.

*Caro Professor: sou médico e há muito tempo questiono a forma como uma palavra bastante usada no nosso meio para designar falhas no desenvolvimento de certos órgãos ou estruturas é grafada: é **malformação** (sem hífen e com **L**, como no inglês **malformation**), **mau-formação** (já que não é uma boa formação) ou **má-formação** (uma vez que o substantivo é feminino)? Procurei no meu dicionário (Celso Pedro Luft) e não encontrei a solução.*

Ricardo C. – Brasília (DF)

Meu caro Ricardo, muita gente compartilha esta mesma dúvida. **Malformação** realmente parece uma estrutura inadequada, estranha aos padrões do nosso léxico, já que estaria unindo um advérbio (**mal**) a um substantivo (**formação**); muito mais aceitável, dizem eles, seria **má-formação**, à semelhança d e **má-vontade**, **má-fé**, **mau-humor**; **malformação** não passaria de uma adaptação desajeitada do Inglês ***malformation*** (ou do Francês, que também o usa).

Quem matou a charada foi nosso saudoso professor Luft, meu mestre e patrono desta página. O equívoco, ensinava ele, é tentar interpretar os elementos constitutivos de **malformação** em termos de classes de palavras; o **mal-** que temos aqui é um simples elemento formador, que atua num nível em que ainda não se distingue o **adjetivo** do **advérbio**. No Inglês, que não tem o vocábulo **mal**, este elemento é uma forma presa, um **prefixo**, presente também em ***malocclusion***, ***malfunction***, ***malnutrition***, e foi assim que entrou no Português.

Como em nosso idioma existe a oposição **adjetivo/advérbio** entre **mau**, **má**/**mal**, alguns falantes reanalisam o vocábulo e pretendem nele enxergar, como elemento inicial, o adjetivo **mau**, na forma feminina (**má**), concordando com **formação**. Do mesmo modo, nos ensina Luft, um francês também pode estranhar, no **malformation** do Francês, o fato de não estar ali o adjetivo **mauvaise**.

Acontece – e aqui bate o ponto! – que **malformation**, no Francês, não é um composto [mal + formation], mas um substantivo derivado de um particípio:

malformé + **ation**. É o mesmo que ocorre com **malcriação**, que não é um composto do advérbio **mal** mais o substantivo **criação**, mas sim um substantivo derivado do adjetivo **malcriado**, com o acréscimo do sufixo **-ção**. Diz Luft: "Vê-se que não tem cabimento a reformulação purista má-criação: evidentemente não se trata de **criação** que seja **má**, e sim de ação/qualidade (**-ção**) de **malcriado**".

Parece uma explicação ***ad hoc***? Pois não é; são muito frequentes os exemplos desses substantivos formados pelo acréscimo de um sufixo a estruturas do tipo [advérbio+verbo]: **malversação**, **maledicência**, **malevolência** (e **benevolência**), **malfeitoria** (e **benfeitoria**), **maleficência** (e **beneficência**).

P.S.: ***Houaiss*** e ***Aurélio-Vivo*** (2a ed.) preferem **malformação**; o ***Aurélio-XXI***, coerente na sua ruindade, volta atrás e prefere **má-formação**.

vaga-lume

Veja como um nome inocente (e incompreensível) pode esconder um nome bem compreensível, mas não tão inocente!

*Olá, Professor: para minha surpresa, ao pesquisar em vários dicionários e gramáticas, encontrei ora **vagalume**, ora **vaga-lume**. Há mais de trinta anos tenho a sensação de sempre ter visto e escrito **vagalume**; quando vi esta questão em uma prova de Concurso Público, confesso que fiquei espantado com minha ignorância.*

Ricardo G. – Joinville (SC)

Meu caro Ricardo: **vaga-lume** é um composto formado no molde mais comum do Português, que é [verbo transitivo direto + objeto direto]: **porta-bandeira**, **saca-rolha**, **bate-estaca**. Na verdade, temos aqui a lexicalização de **estruturas sintáticas**, pois estamos falando de [alguém que **porta** a **bandeira**], [algo que **saca** a **rolha**], [algo que **bate** a **estaca**]. Nesses vocábulos, que são muito numerosos, usamos o hífen entre o verbo e o substantivo que lhe serve de complemento. "É justo", pensará meu leitor, "mas o que tem a ver **vaga-lume** com esse tipo de composto? Não vá o professor dizer agora que se trata de alguém que anda **vagando** o **lume** por aí!" – a resposta, prezado Ricardo, é simples e surpreendente.

Trata-se, mais uma vez, de um simples **eufemismo** (do Grego ***eu***, bem, mais ***femi***, dizer), ou seja, uma forma socialmente mais aceitável de dizer coisas não muito publicáveis. Aqui, a forma originária é simplesmente **caga-lume**, ou seja, um animalzinho que pareceu, aos nossos antepassados portugueses, estar descomendo **lume** (forma pouco usada, hoje, no Brasil, para **fogo** ou **luz**; é um avô de **iluminar**). Não sem razão, o verbo **cagar** (que eu escrevo aqui com todas as letras só porque estas páginas têm um compromisso científico a manter; caso contrário, usaria aquele elegante (?) recurso do asterisco: "**c*g*r**"), o verbo **cagar**, repito, adquiriu forte conotação pejorativa, e o Português moderno, num processo que Freud explica muito bem, substituiu a primeira consoante por **V**, deixando o vocábulo absolutamente inocente, mas totalmente incompreensível para o falante. Esse recurso de alterar um fonema na palavra condenada, a fim

de mascará-la, também está presente no ridículo **ourinol** (a forma correta, **urinol**, seria evidente demais; assim modificada, quem sabe até não a associássemos a algo mais nobre como o **ouro**?) ou no conhecidíssimo **pucha**, que nasceu da palatalização do **T** que ficava entre o **U** e o **A** (preciso dizer mais?). No teatro de Gil Vicente, no século XV, já encontramos **hidepucha**, nosso atual "**f. d. p.**".

inversível ou **invertível**?

Nem sempre os dicionários podem decidir o que é certo ou errado.

*Prezado Professor Moreno: sou, há muitos anos, professor universitário de Matemática, e sempre zelei pela nossa língua. Em verdade, esse zelo foi-me inspirado pelo meu professor Celso Luft. Hoje há entre nós, professores de Matemática, uma dúvida sobre se o correto é dizer **inversível** ou **invertível**. Esse adjetivo é importante em nosso meio, pois há necessidade de usá-lo a todo momento. Nos anos idos, dizia-se, sem a consciência reclamar, **inversível**. Nos anos recentes, um matemático influente propalou que o uso correto é **invertível**, daí a polêmica. Qual a sua opinião? Um grande abraço.*

Oclide D. – Porto Alegre (RS)

Meu caro professor: seguindo os ensinamentos de nosso mestre comum, o saudoso Celso Pedro Luft – a quem dedico este livro, aliás –, já posso afirmar que considero suspeitas, de antemão, tais descobertas adventícias, feitas por essas autoridades que aparecem para me anunciar, com cara de quem está descendo do Monte Sinai, que eu estive cego e surdo todo esse tempo. Infelizmente, essa é uma postura muito comum em nosso país; volta e meia, aparece um maluco, com o olhar esgazeado, a reinventar a roda: um quer que não seja **risco de vida**, como dizia a avó da minha bisavó, mas **risco de morte**; outro clama que a entrega **a domicílio** deve ser **em domicílio**, ao contrário do que sempre foi usado por todos – incultos, cultos ou cultíssimos. O que esses fanáticos não sabem (até porque, em sua grande maioria, pouco estudo têm de Linguística e de Gramática) é que, mesmo que a forma que eles defendem seja aceitável, a outra, que eles condenam, já existia muito antes do dia em que eles próprios vieram a este mundo.

Se nos tempos idos, como você diz, era usual o emprego de **inversível** no meio especializado dos professores de Matemática, então este vocábulo, empregado até hoje em centenas, em milhares de textos técnicos, jamais deixará de existir. O que podemos assuntar é a sua vitalidade, em confronto com a de sua irmã, **invertível**. Vejamos a tabela:

converter	conversão	converso	convertido	convertível	conversível
reverter	reversão	reverso	revertido	revertível	reversível
inverter	inversão	inverso	invertido	invertível	inversível

Note como nesta família, derivada de verbos que se formaram a partir de **verter**, aparecem alternadamente os alomorfes /vert/ e /vers/ – aliás, como já ocorria no Latim. Os dicionários atuais registram **conversível** e **convertível**, **reversível** e **revertível**, no que fazem muito bem, porque não lhes cabe decidir, apenas opinar; no entanto, só trazem **invertível**, apoiando-se na existência de um ***invertibilis*** latino e esquecendo, estranhamente, a mesma possibilidade de alomorfia naquele idioma, como se vê na convivência de ***conversibilis*** e ***convertibilis***. A ocorrência dessa dupla nas demais línguas românicas também é significativa: no Francês, usa-se apenas ***inversible***; no Espanhol, temos uma preferência de ***invertible*** sobre ***inversible*** na razão de 2 por 1; no Italiano, quase só se emprega o ***invertibile***. Aqui no Brasil, uma rápida passada pelo Google mostra uma divisão entre as duas formas, com razoável preferência por **inversível**. Assim é a linguagem humana, em toda sua fluidez e dinamicidade, meu caro professor. Qual das duas vai prevalecer? O uso dos técnicos e especialistas é que poderá responder a esta pergunta. No seu caso, trate de defender o **inversível**, que é boa moeda, contra a opinião de outros, que vão defender **invertível**; é desnecessário lembrar que esta polêmica só vai discutir **preferências**, pois nenhum dos lados poderá alegar que a sua é a forma **correta**. Abraço, e saudações acadêmicas. Prof. Moreno

sorvetaria

Temos **sorveteria** e **sorvetaria**, **joalheria** e **joalharia**. Por que não teríamos também **doceria**, **doçaria**?

*Caro Professor Moreno, aprendi que o sufixo **-aria** designa lugar, como em **padaria**, **drogaria** e **doçaria**. Então, por que falamos **sorveteria** e não **sorvetaria**? Seria errado ou pedante falar desse modo? Grata.*

Maíra F. – São Paulo (SP)

Minha cara Maíra: estranho raciocínio esse seu: o fato do sufixo **-aria** designar lugar não impede que **-eria** (aliás, uma variante deste sufixo) faça o mesmo! Essas duas formas aparecem como opções em dezenas de palavras de nosso idioma: **leiteria**, **leitaria**; **lavanderia**, **lavandaria**; **joalheria**, **joalharia**; etc. A escolha é pessoal (geralmente, determinada também pelos hábitos da região onde vive o falante); no entanto, nota-se, no Brasil, uma acentuada preferência por **-eria** quando o sufixo se ligar a um substantivo que tem **E** como vogal temática: **leiteria**, **sorveteria**, **uisqueria**, **joalheria**, **engraxateria**. Se você disser **sorvetaria** – mesmo sendo uma forma lícita, registrada nos dicionários –, vai soar como o ET de Varginha. É a velha distinção entre o certo e o adequado.

soteropolitano

Quem nasce em Salvador, na Bahia, é **salvadorense** ou **soteropolitano**; **salvadorenho** é vinho de outra pipa.

Prezado Professor: numa prova do colégio, perguntaram como se chama o brasileiro que nasce na capital da Bahia. Minha filha respondeu ***salvadorenho****, mas a professora marcou errado, dizendo que é* ***soteropolitano****. Eu nunca ouvi falar nisso e acho que a menina está certa, mas não tenho instrução suficiente para discutir com a professora. O senhor concorda comigo?*

M. P. Camargo – São Carlos (SP)

Meu prezado Camargo: a professora fez bem em recusar o **salvadorenho**, mas exagerou um pouco ao indicar a resposta apenas como **soteropolitano** (é esquisitíssimo, eu sei, mas existe).

Algumas cidades têm dois gentílicos diferentes: o usual, formado pelos processos naturais de nosso idioma, e outro mais erudito, formado artificialmente com radicais do grego ou do latim. Assim, para São Luís, no Maranhão, temos **são-luisense** e **ludovicense** (de ***Ludovicus***, nome do latim tardio que deu origem ao nosso Luís); para Salvador, na Bahia, temos **salvadorense** e **soteropolitano** (do grego ***soteros***, "salvador", mais ***polis***, "cidade"; "**Soterópolis**", portanto, seria **Salvador** com anel de doutor e diploma na parede). Em alguns casos, só existe a forma erudita: para o estado do Rio de Janeiro, usamos **fluminense** (do Latim ***flumen***, "rio", pois inicialmente se pensava que a Baía da Guanabara fosse um grande rio); para Três Corações, em Minas Gerais, usamos **tricordiano** (do Latim ***tri***, "três", mais ***cordis***, "coração").

Como você pode ver, sua menina errou a resposta; ou melhor, errou de Salvador: **salvadorenho** é quem nasce na república de El Salvador, não na cidade da Bahia. Aliás, a maioria dos vocábulos que usam o sufixo **-enho** são gentílicos de origem espanhola: **caraquenho** (Caracas), **caribenho** (Caribe), **cusquenho** (Cusco), **limenho** (Lima), **hondurenho** (Honduras), **panamenho** (Panamá), etc. Agora, a professora, ao meu ver, ao lado de **soteropolitano** deveria ter indicado também a variante **salvadorense**, a única que eu uso. Abraço. Prof. Moreno

cecê

O Doutor explica de onde veio o vocábulo **cecê** para designar o cheiro típico de quem não toma banho.

*Caro Professor, tenho uma dúvida quanto à sigla **CC**, usada para designar o mau cheiro proveniente das axilas. Gostaria de saber a origem desta sigla e o seu significado*

Marcelo B. – Campo Grande (MS)

Meu caro Marcelo: não sei qual a sua idade, mas acredito que você não tenha convivido com o famoso sabonete Lifebuoy da minha infância. Esse sabonete, que entrou no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi, por uma década, o campeão de vendas nos EUA, apoiado por uma agressiva campanha publicitária que exaltava a sua capacidade insuperável de combater o grande inimigo do sucesso pessoal: o mau cheiro do corpo. Com base em "820 testes científicos" (nem um a mais, nem um a menos), a publicidade do sabonete dizia que ele era capaz de eliminar o **B.O.** (sigla para ***body odor***, "cheiro do corpo") dos treze pontos mais perigosos da nossa pele (já tentei imaginar quais eram, mas nunca cheguei a completar os treze – a não ser que contasse duas axilas e dois pés...).

A propaganda nas revistas era sempre em forma de uma pequena história contada em quadros: aparecia, por exemplo, uma moça solitária, cercada por pares que dançavam elegantemente, e um balão reproduzia o seu pensamento: "Por que será que eu sou a única garota que não tiram para dançar?". Nos quadros seguintes, uma amiga se apiedava dela e tinha uma conversa "de mulher para mulher": o seu problema era o cheiro desagradável do seu corpo. "Mas eu tomo um banho diário", respondia a pobre mocinha, chocada com o rumo da conversa. "Sim, mas com um sabonete comum. Só Lifebuoy garante eliminar completamente o **B.O.**, sua tolinha!". No quadro final, é claro, a mocinha sorria, confiante, enquanto contava à amiga, por telefone, o sucesso que tinha feito entre os rapazes depois que trocara para Lifebuoy...

O produto foi lançado no Brasil com a mesma estratégia publicitária; os tradutores, então, passaram **B.O.** para **C.C.** (com o mesmo sentido de "cheiro do corpo"). A sigla se popularizou de tal maneira que, nos anos 80 (segundo a datação de Houaiss), transformou-se no vocábulo **cecê**, exatamente pelo mesmo

processo de lexicalização que transformou **LP** em **elepê**.

cabeçada e **cabeceada**

A diferença entre "dar uma **cabeçada** na trave" e "dar uma **cabeceada** na trave" é a dor que isso traz.

*Prezado Professor Moreno: eu gostaria de saber se existem os vocábulos **cabeçada** e **cabeceada**. Quando alguém bate com a cabeça acidentalmente em alguma coisa, dizemos "ele deu uma **cabeçada** na porta"; entretanto, no futebol, comumente ouvimos, e inclusive falamos, "Pelé **cabeceou** a bola"; eu já ouvi inclusive narradores dizerem "Oséas **cabeceou** a trave". Ambas as formas estão corretas? Cada uma tem uma função específica?*

Marcos I. – Porto Alegre (RS)

Meu caro Marcos: embora venha tudo de **cabeça**, são duas coisas diferentes. Em **cabeçada** (cabeça + ada), atua o sufixo **-ada**, que tem, neste caso, o sentido de "golpe dado com" – **pernada**, **patada**, **joelhada**: "Ele vinha distraído e deu uma **joelhada**/**cabeçada** na porta".

Em **cabeceada**, temos o particípio do verbo **cabecear**, que, no caso do futebol, significa "impulsionar com a cabeça"; é formado da mesma maneira que **passeada** (de **passear**), **bloqueada** (de **bloquear**), **freada** (de **frear**). Essa transformação do particípio/adjetivo em substantivo é um dos processos mais usados atualmente para formar abstratos deverbais (chamam-se assim os substantivos que provêm dos verbos): "Vou dar uma **olhada**", "Dá uma **lida** nisso", "Vou fazer a **chamada** dos candidatos".

Ora, se o jogador **cabeceou** a bola, ele deu uma **cabeceada**... Se eu ouvir que ele "deu uma **cabeceada** na trave", vou entender que ele aparou a bola com a cabeça e a enviou contra a trave; no entanto, se ele "deu uma **cabeçada** na trave", houve o choque de algo duro com algo mais duro ainda.

trissesquicentenário

O Professor se une às comemorações dos 450 anos de São Paulo e explica por que não temos uma palavra específica para a data.

*Prezado professor: precisamos de um vocábulo adequado para designar o 450º aniversário da cidade de São Paulo. Outro professor que consultamos disse que é **trissesquicentenário**, mas continuamos em dúvida e resolvemos consultar o senhor, que ainda parece ser de confiança.*

Jornal do Estudante – Redação – São Paulo

Prezados amigos do ***Jornal do Estudante***: fico satisfeito por gozar, entre vocês, de uma boa reputação; agrada-me essa aparência de ser confiável (embora aquele "ainda" esteja a me avisar que não deverá ser por muito tempo...). Entendo o problema de vocês: como ninguém quer andar falando por aí no **quadringentésimo quinquagésimo aniversário** da cidade, seria bom se tivéssemos um vocábulo para substituir toda essa traquitanda. No entanto, já vou avisando: percam as esperanças.

O elemento **sesqui** (literalmente, "e meio" – do Latim *semis*, "meio", mais *que*, "e") costuma indicar **uma vez e meia** a medida especificada em **X** na fórmula [sesqui + x]. No Latim, *sesquilibra* era uma libra e meia; *sesquimensis* era um mês e meio; *sesquiuncia* era uma onça e meia. Por analogia, criou-se **sesquicentenário**, um centenário e meio.

Ora, para indicar os 450 anos, criou-se artificialmente o mostrengo **trissesquicentenário**, que deveria ser decomposto, no cérebro do falante, como [três vezes um centenário e meio] – numa ingênua tentativa de transpor mecanismos da Matemática para o mundo infinitamente mais complexo que é a linguagem humana. Não é assim (graças aos deuses!) que as palavras funcionam. Os poucos lunáticos que tentaram defender essa palavra tiveram a felicidade de estar diante de uma conta redonda (450 = 150 x 3). E como ficam os 250, os 350, os 550, que não são múltiplos de 150? Nos EUA (sim, lá também há birutas de todo gênero), tentaram emplacar um *demisesquicentennial* ("meio sesquicentenário") para designar os 75 anos! Felizmente, é sempre assim que acontece quando são propostas essas palavras inviáveis: a língua vem, cheira, não gosta e aí enterra.

desinquieto

S e **desleal** é antônimo de **leal**, como é que **desinquieto** é sinônimo de **inquieto**?

Sempre me interessei pela formação das palavras e em uma delas não consegui chegar a conclusão alguma, apesar do dicionário **Aurélio** *aceitá-la. Em Minas, costuma-se falar muito que uma criança está **desinquieta**, ou seja, **agitada**. O prefixo **des-**, sendo de negação, não indicaria que ela é uma criança **não-inquieta**, ou seja, **quieta**?*

Nilza F. – Araxá (MG)

Prezada Nilza, nem sempre o **des-** vai ser prefixo de negação. Mesmo os gramáticos mais antigos, como Said Ali, já observavam que ele pode ser usado com sentido positivo – uma espécie de intensificador –, sem que o vocábulo mude o seu significado. Essas formas prefixadas são empregadas como meras variantes das formas simples: **desinquieta** (inquieta), **desinfeliz** (infeliz), **desapartar** (apartar), **desabalar** (abalar), **desafastar** (afastar). Sugiro-lhe uma olhadela, tanto no ***Houaiss*** quanto no ***Aurélio***, no verbete **des-**; ambos registram e exemplificam o fenômeno.

Isso não ocorre apenas com o "**des-**"; compare as dobradinhas **soprar** e **assoprar**, **levantar** e **alevantar** (bem no início de ***Os Lusíadas***) , **mostrar** e **amostrar**, **baralhar** e **embaralhar**, **soalho** e **assoalho**, **renegar** e **arrenegar**, **esposar** e **desposar**. Há uma teoria de que esses seriam "falsos prefixos", já que são vazios de sentido (embora se perceba, em alguns casos, o efeito de reforço) e não chegam a formar um vocábulo novo. Se você prestar atenção, vai encontrar muitos outros exemplos.

o -ipe de **Sergipe**

Uma leitora quer saber o que significa o **-ipe** de Sergipe.

*Caro Professor: sou estudante de Letras; numa pesquisa que fizemos, fiquei intrigada com a quantidade de nomes de lugar que terminam em **-ipe**, como **Cotejipe**, **Sergipe**, **Mutuípe**, entre outros. Qual o significado deste morfema? Se possível, gostaria que o senhor me informasse o significado de **Cotejipe**, por exemplo.*

Renata M. – Salvador (BA)

Prezada Renata: confesso que o Tupi é uma das lacunas da minha formação; minha faculdade de Letras jamais ofereceu esta língua como disciplina regular, e o pouco que conheço fui colhendo aqui e ali, ao longo de minhas leituras sobre o Português do Brasil Colonial. No entanto, os deuses me sorriram e acabei encontrando na internet o curso breve do Tupi do professor Eduardo de Almeida Navarro, da USP (http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno03-02.html), "com base nos nomes de origem tupi da geografia e do Português do Brasil". As lições são interessantíssimas; você não pode deixar de visitá-las. No que se refere à sua pergunta, nosso tupinólogo explica o seguinte: assim como nossas **preposições** vêm **antes** do nome regido (como o prefixo **pre-** já indica), o Tupi usa **posposições**, que vêm **depois**. ***Pe*** é uma dessas posposições, indicando "lugar onde ou para onde". Além disso, as relações que o Português exprime com a preposição **de** (**posse**: o livro **de** Pedro; **matéria**: casa **de** tijolo) são indicadas, no idioma Tupi, com a simples inversão da ordem dos componentes, mais ou menos como faz o Inglês (Pedro livro, tijolo casa – como *Peter's book, brick house*).

Por isso, enquanto a estrutura do sintagma, em nosso idioma, é [no+rio+dos+siris], em Tupi fica [siris+rio+em] – o que, traduzido na língua lá deles, fica **siri 'y-pe** (onde ***siri*** é o próprio, e ***'y*** é rio) = **Sergipe** (no rio dos **siris**). Adivinhe então, Renata, o que seria **Tatuípe**? Claro que é no "rio dos **tatus**". E **Cotejipe**, que você perguntou especificamente? Nada menos que "no rio das **cutias**". E **Coruripe**? Se pensarmos no sapo **cururu**, do poema de Manuel Bandeira, vamos nos dar conta de que é "no rio dos sapos". **Jaguaripe** só pode

ser “no rio das onças”, **Jacuípe**, “no rio dos jacus”, e assim por diante. Vale a pena passear pelas dez lições do professor; você vai ver como muitos nomes corriqueiros têm etimologias surpreendentes. Desta vez, sua consulta serviu para que nós dois – eu e você – aprendêssemos.

Curtas

lacração ou **lacreação**

> Fabiano, que trabalha com impressoras fiscais, máquinas que emitem cupons fiscais nos estabelecimentos comerciais, quer saber: quando esse equipamento recebe o **lacre** que autoriza o seu uso, ele sofre o processo de **lacreação** ou de **lacração**?

Meu caro Fabiano: colocar o **lacre** é **lacrar**. Os substantivos em **-ção** derivam de verbos: **remover**, **remoção**; **absolver**, **absolvição**; **lacrar**, **lacração**. Para existir ***lacreação**, deveria existir, antes, o verbo ***lacrear** (o * indica uma forma agramatical).

anatomia

Bruna, de 13 anos, gostaria de saber qual a origem da palavra **anatomia**.

Minha cara Bruna: **anatomia** é uma palavra que já nos veio prontinha do Grego, através do Latim, significando "dissecação". Nela você vai encontrar o radical **tomo**, que significa **corte**, **divisão** – presente em **tomografia**, **átomo** (que não pode ser dividido) e no próprio **tomo** (divisão de uma obra para fins de edição). Abraço. Prof. Moreno

descriminar

> Deborah, de São Paulo, gostaria de saber se é correto dizer **descriminar** e em que situações este verbo pode ser utilizado.

Minha cara Deborah: **descriminar** significa "legalizar, retirar da classificação de crime". Fala-se agora em **descriminar** a maconha, i. é, retirar a maconha da relação de substâncias cuja posse, venda, etc. é crime arrolado no Código Penal. Uns falam, nesse mesmo sentido, em **descriminalizar**, mas prefiro a forma mais curta, mesmo.

perviedade

> Iseu C., de Curitiba (PR), precisa escrever, em um texto médico, um termo que exprima a qualidade de "estar **pérvio**". O que seria preferível: **perviedade** ou **perviabilidade**?

Meu caro Iseu: os substantivos terminados em **-bilidade** provêm de adjetivos em **-vel**: **legível**, **legibilidade**; **permeável**, **permeabilidade**; **solúvel**, **solubilidade**. Logo, **pérvio** não poderia formar um **perviabilidade**. Se **óbvio** dá **obviedade**, **pérvio** deve produzir **perviedade**.

amêndoa e **amendoim**

Bruno S., de Belo Horizonte (MG), quer saber se **amêndoa** e **amendoim** têm alguma relação. Será que uma palavra surgiu da outra?

Meu caro Bruno: sim, **amêndoa** e **amendoim** têm relação entre si – mas dada pelos humanos. O amendoim é nativo da América, e os portugueses o conheceram através do nome indígena **mandubi**, **mendubi** ou **mendubim**. Por analogia com **amêndoa**, palavra europeia, formou-se o **amendoim** ou **amendoí**.

morador de ilha

> Adroaldo, de Florianópolis (SC), quer saber como se chama aquele que habita uma ilha. “Pode ser chamado de **ilhéu** (pequena ilha)? Não seria o caso de ser chamado de **insulano**?”

Meu caro Adroaldo: quanto ao habitante da ilha, pode ser **insulano**, **ilhéu** ou **islenho**; no Brasil, parece haver preferência por **ilhéu** (que também significa **ilhota**).

imbricamento

Flávia, de Recife, está revisando uma dissertação de mestrado e precisa escolher entre **imbricamento** e **imbricação**.

Minha cara Flávia: ambos os sufixos (**-mento** e **-ção**) servem para formar substantivos abstratos a partir de verbos: **surgimento**, **planejamento**; **revelação**, **destruição**. Os radicais selecionam esses sufixos de uma forma que desafia uma padronização; por isso mesmo, em muitos casos, é indiferente formarmos um derivado com um ou com outro sufixo. Na Medicina, coexistem **monitoramento** e **monitoração**. Nós falamos, no Brasil, em **congelamento** de comida; em Portugal, falam de **congelação**. No seu caso, valeriam os dois – **imbricamento** e **imbricação**. Contudo, como o segundo está expressamente registrado no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***, fique com essa forma, que não tem quem ouse contestá-la.

guarda-noturno não é derivado

> Geraldo, professor de Português, pergunta se **guarda-noturno** é um vocábulo derivado. "Vi essa classificação numa gramática, mas compartilhei esta dúvida com outros três colegas – e nenhum de nós achou que essa era uma classificação correta."

Meu caro Geraldo: os vocábulos novos nascem, no Português, de duas maneiras básicas: (1) ou partimos de um radical e acrescentamos afixos (prefixos ou sufixos) – é a **derivação**; (2) ou juntamos dois vocábulos, cada um com seu radical próprio – é a **composição**. **Guarda-noturno** é formado por composição, unindo dois vocábulos completamente independentes (um deles, aliás – **noturno** – formado por derivação de **noite**). Não há como confundir os dois processos.

viçosidade

Vânia, de Ourinhos (MG), gostaria de saber se é correto usar a expressão **viçosidade** para a qualidade da pele viçosa.

Prezada Vânia: a língua não precisou formar **viçosidade** porque já dispõe de um termo para designar a qualidade do que é viçoso: **viço**. Fala-se do "viço da pele", como se fala do **"viço** das plantas". É bem antiga e dispensa similares.

continuação, **continuidade**

Judival, de Brasília, quer saber se a frase correta é "...optamos pela **continuação** da greve" ou "...optamos pela **continuidade** da greve".

Meu caro Judival: a gente opta pela **continuação** da greve. Ela vai continuar; é isso. Não estamos falando de **continuidade** ou **descontinuidade** (se sofre ou não sofre interrupções, se é **contínua** ou **descontínua**).

profissão: **boquista**

> Vanessa P., de São Paulo, recebeu, na empresa em que trabalha, o currículo de uma candidata que, no campo "Experiências Anteriores", indicou ter sido **boquista** durante vários anos. "Por favor, não consegui localizar em dicionário algum essa palavra."

Minha cara Vanessa: nossa, que palavrinha mais feia! Se você for ao sítio do **Casseta e Planeta**, certamente vão te dar uma resposta daquelas! Olhe, já ouvi o termo em referência a uma especialidade da profissão de soprador de vidro, não lembro bem se de vidraria para laboratório – mas é uma vaga lembrança. Bem mais comuns são os **boquistas**, como chamam os vendedores de automóveis que trabalham na famosa Boca, em São Paulo.

vocábulo inexistente

Lioncio C., de Brasília, quer saber se há algum nome específico para designar uma pessoa que é **compradora compulsiva de livros**.

Meu caro Lioncio: olha, se nem temos um bom vocábulo para **comprador compulsivo**, muito menos teríamos para **comprador compulsivo de livros**. Pode ser até que algum artista da palavra (no mau sentido...) venha a montar um daqueles compostos eruditos, cheios de Grego e de Latim (os jornais ingleses, por exemplo, adoram essas invenções esquisitas), mas jamais virá a ser um vocábulo da língua, principalmente por nomear um tipo humano que, no Brasil, é tão raro que chega a ser exótico ("alguém que compra livros compulsivamente!" Numa terra em que comprar livros já não é comum...).

atingimento?

> Romy B., Técnica em Planejamento, escreve: “Trabalho com acompanhamento de projetos, verificando se as metas estão sendo atingidas. Posso dizer que acompanho o **atingimento** das metas? Está correto este termo?”.

Prezada Romy: não vejo por que não existiria **atingimento**. Se de **fingir** e **tingir** nominalizamos para **fingimento** e **tingimento**, respectivamente, não há razão para bloquear o mesmo processo para o verbo **atingir**. Nunca esqueça que o léxico de uma língua é composto de todas as palavras que já foram formadas e registradas, mais todas aquelas que ele, potencialmente, virá a formar – respeitadas as regras da fonologia e da morfologia daquela língua. Uma pesquisa no Google revelou mais de 5.300 ocorrências para esta palavra – inclusive no texto de leis e outros documentos jurídicos; os dicionários atuais é que ainda não a registraram, como também não registraram centenas de vocábulos usuais. Pode usar sem risco.

diminutivo de **texto**

> A leitora Adriana achava que o diminutivo de texto era **textinho**, mas disseram-lhe que seria **testículo**. Pergunta: “Isso é verdade ou um absurdo?”.

Prezada Adriana: isso é uma velha piada do meu tempo de ginásio; o diminutivo de **texto** é **textinho** ou **textozinho**, como quiser, mas nunca testículo. Diminutivo de **texto**, aumentativo de **tese** – eu e meus colegas nos divertíamos com bobagens assim, mas tínhamos apenas doze anos.

overdose, **superdose**

Guillermo C., de São Carlos (SP), quer saber por que usam a palavra **overdose** em lugar de **sobredose** ou **superdose**. ***Over*** não seria uma palavra em Inglês que significa "sobre"?

Caro Guillermo: sim, ***overdose*** vem do Inglês (na gíria dos viciados americanos, ***OD*** – lê-se /oudi/). Em Português seria **superdose**. Por que usam essa palavra aqui, em vez da nacional? Acho que não é por esnobismo ou por vontade de imitar o estrangeiro, dessa vez: é que **superdose** tem um sentido genérico demais para ser útil. Eu posso tomar uma **superdose** de vitamina C quando me sinto gripado, ou posso pedir ao homem do bar para servir uma **superdose** de uísque – mas não se trataria de uma **overdose**. Este vocábulo, sim, está indissociavelmente ligado às drogas pesadas. Além disso, **overdose**, ao contrário da outra, sempre sugere graves consequências médicas. Abraço. Prof. Moreno

disponibilizar

> Nilton P. registra, com desagrado, o hábito de muita gente empregar **disponibilizar** e **disponibilização**. Não encontrou essas palavras nos dicionários que consultou. "Além disso, o ***Manual de Redação e Estilo do Estadão*** diz que **disponibilizar** não existe. Como se poderiam substituir essas expressões de maneira correta?"

Meu caro Nilton: você precisa entender que jornalista não é autoridade em Língua Portuguesa, mas apenas um usuário mais atento, com grande experiência. Esses manuais de estilo para jornal obedecem a uma utilidade bem específica: fixar o uso dentro de uma determinada empresa. Não servem como referência para ninguém. O simples fato de dizer que um verbo tão usado "não existe" já revela, para quem é do ramo, que o autor não fez o seu curso de Linguística. Se olharmos no ***Houaiss***, que é o melhor dicionário de Português até agora publicado, vamos encontrar, serenamente disposto entre os demais vocábulos, o verbo **disponibilizar** (com a consequente possibilidade de derivar o substantivo abstrato **disponibilização**).

antônimo de **inadimplente**

Vilma C., do Rio de Janeiro (RJ), procura um antônimo para **inadimplente** que não seja **quite** ou **sem débito**. Ele existe?

Prezada Vilma: você deve ter notado que **inadimplente** é formado pelo prefixo de negação **IN**, que foi acrescentado a **adimplente**. Esse é o antônimo que você procura, e é bastante usado em Direito (os candidatos adimplentes, etc.).

leitão é aumentativo?

> Roberto L., de Barreiras (BA), quer saber qual o motivo para chamar o filhote do porco de **leitão**. "Conforme o ***Aurélio***, vem de **leite** + **ão**; ora, sendo o filhote, qual o motivo para usarmos o sufixo **-ão**, que é aumentativo, e não **-inho**?"

Prezado Roberto: o final **-ão** de **leitão** não é o nosso tradicional indicador de aumentativo; neste caso, ele traz uma ideia intensificada de hábito, de ação frequente (como **chorão**, **fujão**). Pois você não estranhou que o filhote de um porco use o radical de **leite**? Evidentemente, o nome designa o animal que ainda está sendo amamentado – algo assim como o **mamão** ("que ainda mama") que empregamos para os cordeiros.

aumentativo de **pão**

Arnaldo C., de São Paulo (SP), diz que há tempos procura o aumentativo de **pão**, mas não o encontra em lugar algum.

Meu caro Arnaldo: é um aumentativo regular, em **-[z]ão**: **pãozão**, com dois tis (oposto ao **pãozinho**).

colherinha ou **colherzinha**?

> Maria Eduarda, de São Paulo, ficou intrigada com o que ouviu em um programa de culinária na televisão: "O diminutivo de **colher** é **colherinha** ou **colherzinha**?"

Prezada Maria Eduarda: como no caso de muitos substantivos, você pode tanto formar o diminutivo em **-inho** como em **-zinho**: **colherzinha**, **colherinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **menininho**, **meninozinho**; **papelzinho**, **papelinho** (Portugal); **mulherzinha**, **mulherinha** (Portugal); **nuazinha**, **nuinha** – e assim por diante.

trailer, **trêiler**

Dea M., de Brasília (DF), quer saber tudo sobre a palavra ***trailer***. "O certo é ***treiler***, ***trailler*** ou ***trailer***? Trata-se de galicismo? E como fica no plural?"

Prezada Dea: se você escrever em Inglês, é ***trailer***, plural ***trailers***; a forma aportuguesada, que muitos já estão usando, é **trêiler**; o plural é **trêileres** (como **hambúrguer**, **hambúrgueres**). Se vem do Inglês, não pode ser **galicismo**; esses vêm exclusivamente do Francês (os gauleses, lembra?).

portfolio, portifólio

Paulo Ricardo, de Porto Alegre (RS), andou pesquisando nos dicionários a grafia de **portfolio** e continuou com dúvida, porque encontrou também a forma acentuada **portfólio**.

Meu caro Paulo Ricardo: a forma correta é ***portfolio*** – em itálico e sem acento, porque ainda é vocábulo do Inglês (assim registra o mais novo e melhor dicionário que temos em nosso idioma, o ***Houaiss***). Se vier a ser aportuguesada (o que acredito que vai acontecer em breve, tamanho é o uso que se faz desse vocábulo na publicidade e nas artes gráficas), vai dar algo como **portifólio**, forma que, aliás, eu já uso há alguns anos. Note que, neste caso, a palavra passa a ter acento e um I para desmanchar aquele encontro consonantal /RTF/, inexistente nos nossos padrões fonológicos. ***Aurélio-vivo***, o da 2ª edição, registra **porta-fólio**, que tem lógica, mas é muito estranha. A forma esquisita **portfólio** (com acento, mas sem o **I**) veio registrada no confuso ***Aurélio-XXI***, que introduziu várias novidades discutíveis depois que faleceu o mestre Aurélio Buarque de Holanda.

onzentésimo?

> Khristofferson, de Macaé (RJ), pergunta sobre o numeral ordinal correspondente a 111. “Lendo a magnífica obra ***O Senhor dos Anéis***, há alguns anos, me deparei com a expressão **onzentésimo aniversário** para representar o aniversário em que o personagem comemorava seus 111 anos. Esta expressão é válida?”

Meu caro Khristofferson: isso é uma brincadeira da turma do Tolkien, e não deve ser levada a sério fora do mundo tolkieniano – tanto quanto elfos e duendes. Aqui fora, é um burocrático **centésimo décimo primeiro**. É mais ou menos como dizia o ascensorista de uma grande loja, de brincadeira, falando do 11º andar: **Ônzimo**: brinquedos, roupas infantis!

formação de adjetivo

> Arlan S., do Rio de Janeiro, quer saber como adjetivar uma composição química destinada a revestir uma superfície: "Sugeriram-me **composição revestível**, mas não me satisfiz. No meu entender, a construção é dúbia, pois tanto pode se referir a uma composição que reveste algo como também a uma composição que aceita revestimento".

Meu caro Arlan: sua estranheza quanto a **revestível** é justificada. O sufixo **-vel** tem sentido passivo e geralmente indica "aquele que pode ser": **descartável**, **inteligível**, **dobrável**. No seu caso, deveria ser usado um sufixo **agentivo** ("aquele que faz"); a forma que me parece mais viável seria **composição revestidora** (assim como **verniz selador**, **película protetora**).

aumentativo de **rio**

A leitora Solange M. percebeu que um assunto simples como os aumentativos e diminutivos também pode esconder armadilhas: "Pelo que entendi, consultando os dicionários, não há aumentativo para a palavra **rio**; estou certa?".

Prezada Solange: fazemos aumentativos ou diminutivos de qualquer substantivo; basta querer ou sentir necessidade. Já usei, e já vi várias vezes usado, o aumentativo **riozão**, assim como **friozão**, **marzão**, etc. Não se iluda com os dicionários: por razões de economia, deixam de registrar a maior parte dos aumentativos e dos diminutivos, já que eles obedecem a processos quase automáticos de formação e podem ser intuídos pelo falante.

2. Como se usa: morfologia e flexões

O sistema de flexão do Português é muito simples, se o compararmos com o da nossa língua-mãe, o Latim. Nossos substantivos, em sua grande maioria, pertencem a um único gênero, distribuindo-se pacificamente entre **femininos** (**parede**, **agulha**, **colher**, **aguardente**) e **masculinos** (**muro**, **alfinete**, **mar**, **nariz**). Os que têm os dois gêneros (geralmente os que se referem a seres vivos e sexuados) seguem um padrão básico que pouco varia, como demonstrou o brilhante Mattoso Câmara Jr., o pai da Linguística no Brasil: o feminino é assinalado pela terminação **A**, enquanto o masculino se caracteriza pela ausência desse mesmo **A**, como podemos ver em **mestrA**, **professorA e alunA**, em oposição a **mestre**, **professor** e **aluno**. Poucos são os casos que ficam fora deste sistema geral: exemplos como **avô-avó**, **réu-ré** ou **ator-atriz** não são numerosos e não oferecem maiores dificuldades para o falante.

É evidente que a progressiva ascensão social da mulher, com sua entrada definitiva na vida pública e no mercado de trabalho, criou novas situações que passaram a exigir o feminino de vocábulos que antes não eram flexionados. Isso não trouxe problema algum para o Português: como em qualquer outra língua humana, os mecanismos que funcionam em sua estrutura estão capacitados a absorver o antigo e o novo, o previsto e o imprevisto. Se as funções de **sargento**, **deputado** e **árbitro**, na vida real, podem ser desempenhadas por mulheres, nossa língua docilmente produz as formas correspondentes de **sargenta**, **deputada** e **árbitra**. Há quem as veja com estranheza, assim como há quem veja com estranheza as mulheres se dedicarem a ocupações que antes eram exclusivamente masculinas; no entanto, tanto uns quanto outros vão ter de se curvar diante da inexorável força da realidade.

Na nossa flexão nominal, o ponto mais escorregadio para o falante será, sem dúvida, aquele pequeno grupo de substantivos cujo gênero não está bem sedimentado, isto é, aqueles substantivos em que todos hesitamos na hora de classificar como masculinos ou femininos. É **um** ou **uma** avestruz? E **omelete**? E **chaminé**? E **vernissagem**? Como vamos ver, em todos esses casos precisamos optar por um ou por outro gênero, examinando a opinião dos gramáticos e dos dicionaristas, ouvindo a lição dos escritores e – não menos importante! – prestando atenção ao tratamento que as pessoas cultas de nosso século dão a esses vocábulos.

A flexão de número é ainda mais simples: forma-se o plural acrescentando **S** ao singular. Nas palavras terminadas em vogal, isso se faz sem sobressaltos; nas que terminam em consoante, haverá a necessidade de alguns ajustes fonológicos, os quais, felizmente, vão-se repetir sempre que nos defrontarmos com palavras

semelhantes. Se **pastel** faz **pastéis**, isso também valerá para **papel**, **quartel**, **carrossel e gel**; se **barril** faz **barris**, assim também acontecerá com **funil**, **canil**, **sutil** e **refil**. É com base nessas regularidades que podemos determinar a flexão de palavras novas, mesmo as recém-chegadas do estrangeiro: sabemos que o plural de **hambúrguer** e **pôster** é **hambúrgueres** e **pôsteres** porque já conhecemos **revólveres**, **repórteres**, **cânceres** e **fêmures**.

Uma dificuldade adicional aparece no caso dos **vocábulos compostos**, pois abre-se a possibilidade de flexionar ambos os elementos ou apenas um deles, dependendo do caso. Não é de estranhar, portanto, que vários dos artigos que apresento a seguir tratem de problemas referentes à flexão desse tipo de palavra.

gênero dos países

Como saber se um país é masculino ou feminino?

Prezado Professor: quando vamos usar o artigo definido antes do nome de um país, precisamos saber se ele é masculino ou feminino, para fazer a concordância: ***O*** *Paraguai, mas* ***A*** *Venezuela. Onde posso pesquisar sobre o gênero dos países?*

Marta G. (11 anos) – Juiz de Fora (MG)

Minha prezada Marta: na gramática, o gênero dos seres sexuados é sempre idêntico ao da biologia: a **vaca**, a **cabra** e a **mulher** são femininos, enquanto o **boi**, o **bode** e o **homem** são masculinos. A língua, no entanto, atribui aos demais substantivos um gênero que é totalmente arbitrário; eles vão ser considerados masculinos ou femininos por várias razões, entre as quais predomina o padrão fonológico – ou seja, há terminações associadas ao masculino e outras associadas ao feminino. Não há nada que torne o **Uruguai** masculino e a **Venezuela** feminina além da terminação: nosso idioma trata os nomes de países, regiões, estados como **femininos** quando terminam em **"A" átono**, e como **masculinos** em todos os demais casos:

Femininos: China, Sibéria, Patagônia, Austrália, Alemanha, Paraíba, Europa, Ásia, Noruega, Groenlândia, Andaluzia, Bélgica, Croácia, Malásia, Índia, Austrália, etc.

Masculinos: Peru, Japão, Chile, Brasil, Goiás, Ceará, Sergipe, México, Panamá, Haiti, Marrocos, Egito, Irã, Portugal, Canadá, Panamá (o **"A"** é tônico), Uruguai, Israel, etc.

Que eu me lembre, só dois países rompem esse princípio: trata-se do **Quênia** e do **Camboja**, que terminam em **"A"**, mas são considerados masculinos. Como você pode ver, há um padrão por trás de tudo isso, e nosso idioma é mais organizado do que geralmente se pensa.

a cal

*Prezado Professor: quer dizer que **cal, febre** e **moral**, que eu tratava com uma certa distância, por pensar que fossem **masculinos**, de acordo com o dicionário são femininos? Posso então tratá-los com mais delicadeza, já que são, na verdade, elementos do sexo frágil? E agora, acredito nisso? Agradeço; um abraço.*

Jorge Augusto

Meu caro Jorge Augusto: sua estranheza com relação ao vocábulo **cal** é compartilhada pela maioria dos brasileiros, que veem nele um masculino como **sal** ou **mal**; a tradição erudita, contudo, conserva o gênero no feminino, como era tradicionalmente. Ora, sabemos que o gênero dos substantivos que não estão ligados a seres vivos pode muitas vezes alterar-se ao longo da evolução do idioma; **planeta** e **cometa** eram femininos para Camões, mas hoje são masculinos. Em outros casos – como **hélice**, **sucuri** ou **avestruz** –, o gênero é **flutuante**, cabendo ao falante escolher. Acho que **cal** vai fazer parte deste último grupo.

Com relação a **moral**, você estava perdendo metade do filme: existe **A moral**, conjunto de princípios éticos que rege uma comunidade ("O filme atenta contra a **moral estabelecida**"), e existe **O moral**, ânimo, estado de espírito ("**O moral** da seleção está cada vez mais **baixo**") – nesse último caso, corresponde ao popular **astral**.

Agora, **febre**? Ô, Jorge Augusto, é a primeira vez que vejo alguém tentar usar este vocábulo no masculino! Por acaso você nunca ouviu falar de **febre terçã**, de **febre amarela**, de **febre aftosa** – sempre com o adjetivo concordando no **feminino**?

nenhuns

Uma leitora brasileira que mora em Portugal estranha o emprego dos plurais **bastantes** e **nenhuns**.

Prezado Professor: sou paulistana, mas moro em Portugal há dois anos. Estranho muito quando as pessoas falam "Há ***bastantes*** *carros nas ruas?"; "Não, não há* ***nenhuns*** *carros nas ruas". Como pode existir plural neste tipo de advérbio? O meu chefe, que é português, já teimou comigo que sou eu quem fala errado! Ora, que eu saiba é redundante colocar plural nessas palavras que expressam quantidade, mas que não servem para quantificar em números alguma coisa. Ficaria melhor dizer* ***muitos*** *ou* ***nenhum****. Estou certa?*

Patrícia C. – Porto (Portugal)

Minha cara Patrícia: sinto dizer, mas seus colegas estão corretos. **Bastante**, na frase que você menciona, não é advérbio (se fosse, realmente seria invariável), mas um **pronome indefinido**. Nós também o usamos assim, com uma única diferença: no Brasil, ele adquire o sentido de "suficiente": "Tenho razões **bastantes** para concluir que...".

Lembro que aqui se costuma usar, na linguagem coloquial, um **bastante** invariável que substituiria "muito, muitos, muita, muitas": "coma bastante fruta", "tenho bastante livros", "comprei bastante revistas". Nossa gramática formal, no entanto, condena essa esquisita substituição de um pronome indefinido variável (**muito**) por um advérbio.

O **nenhuns** que você estranha é o polo oposto de **alguns**; mais uma vez, não se trata de um advérbio, e sim de outro pronome indefinido. Confesso que soa muito mal, mas não há nada de errado aqui; ocorre apenas que os brasileiros não empregam este pronome no plural. "Conheço **alguns** restaurantes" é normal, mas uma frase como "não conheço **nenhuns** restaurantes" soa esquisito para nós, que preferimos (como você mesma o faz) utilizar simplesmente o singular ("não conheço **nenhum** restaurante"). Posso mencionar vários escritores que usaram esse plural: Alexandre Herculano, Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Júlio Dinis, Rui Barbosa, Euclides da Cunha ("O coronel Carlos Teles, em carta dirigida à imprensa, afirmou de maneira clara o número reduzido de jagunços – duzentos homens válidos, talvez sem recursos **nenhuns**" – *Os Sertões*), Eça de

Queirós ("Ega afirmou logo que em poemas **nenhuns** corria, como nos do Alencar, uma tão bela veia lírica" – *Os Maias*), o grande Machado de Assis ("Simples era a mobília, **nenhuns** adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais" – *Helena*). Hoje, no entanto, **nenhuns** deixou de fazer parte da língua literária do Brasil; ao que parece, contudo, continua vivo aí em Portugal. Ambas as formas estão corretas; é apenas questão de uso e de preferência.

ela foi o **segundo juiz**

Ao contrário do que muita gente pensa, o Português sempre privilegiou o gênero feminino.

Prezado Professor: um jornal de destaque em nossa capital estampou a seguinte manchete: "Denise Carvalho foi o ***segundo juiz*** *afastado do cargo pelo TJ em razão de investigação envolvendo decisão contra a Petrobras". O substantivo juiz, no masculino, está empregado corretamente para se referir à juíza?*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: o jornal está corretíssimo. Como o gênero feminino sempre exclui o masculino, se escrevessem que ela foi **a segunda juíza** afastada do cargo, estariam afirmando que duas juízas tinham sido afastadas. Como, ao que parece, não foi o caso, **o segundo juiz** engloba o masculino e o feminino.

Esta é uma das características do nosso idioma que vem sendo desconsiderada por muitas feministas: ele é muito menos machista do que se pensa. Enquanto, para a Psicologia, a mulher pertence ao gênero não-marcado, ocorre exatamente o inverso no Português. Mattoso Câmara Jr. há muito matou a charada: a marca do plural é o **-S**, enquanto o singular se assinala pela ausência desse **-S**; a marca do feminino é o **-A**, enquanto o masculino se assinala pela ausência desse **-A**. Ninguém duvida que **aluna**, **mestra** e **cantora** sejam femininos, porque ali está a marca; ninguém duvida que **aluno**, **mestre** e **cantor** sejam masculinos, porque ali NÃO está a marca. Por isso, sempre que queremos ser **genéricos**, podemos usar o **singular**, **masculino** (número e gênero não-marcados): "O **brasileiro** trabalha mais do que se pensa" (entenda-se: **todos**). Exatamente por perceber essa indefinição do gênero masculino das palavras é que as pessoas sentem a necessidade de especificar quando mais de um sexo estiver envolvido: "Tenho três **filhos** homens", "Tenho três **filhos**: um homem e duas mulheres" – o que não acontece com "Tenho três **filhas**".

Essa inconfundível marca feminina exclui automaticamente todos os homens. Se um jornal publicar que "Maria foi **a vereadora mais votada** na cidade", ele estará dizendo que, entre as vereadoras eleitas, Maria foi a mais votada. Agora, se estampar que "Maria foi **o vereador mais votado** na cidade", estará dizendo que Maria obteve a maior votação entre todos os vereadores

(homens e mulheres).

árbitra

Mulher que apita jogo de futebol é **árbitro** ou **árbitra**?

Prezado Doutor: num dos últimos jogos pelo campeonato brasileiro de futebol, o destaque ficou por conta da (e aí é que está a dúvida!) ***árbitra*** *Sílvia Regina de Oliveira. No dia seguinte ao jogo, mais do que as estripulias da senhora Sílvia, discutia-se sobre o* ***gênero*** *desse substantivo. Por favor, nos socorra, porque a discussão está muito forte aqui na turma. Um abraço.*

Eusébio

Meu caro Eusébio: não vejo nada de novo aqui. Sempre se usou **árbitra**. Pode ser novidade no futebol, mas em outros esportes já é coisa velha. Os que se negam a usar esse feminino deveriam pensar então no seu sinônimo, **juiz** (aliás, muito mais usado, principalmente na garganta das torcidas); por acaso eles também não querem aceitar **juíza**? Ora, isso é apenas falta de hábito; quando apareceu a primeira senadora, a primeira governadora, a primeira primeira-ministra, houve também alguma reação, mas a sólida realidade, que é o que manda no nosso idioma, tratou de acalmar os ânimos.

Outro problema, bem mais sutil, surge quando falamos no cargo **genericamente**, pois aí podemos empregar (eu até prefiro!) o masculino, que serve para todo mundo: "**O árbitro** da partida foi a senhora Sílvia Regina", assim como "**O relator** da matéria foi a desembargadora Ana dos Anzóis". Não se esqueça de que o feminino, por ser marcado, exclui o masculino, mas o inverso não é verdadeiro. Retomo o que eu explicava no artigo anterior: se digo "**o vereador** mais votado foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre os vereadores** (homens e mulheres), Maria da Silva foi quem mais votos conquistou. Agora, se digo que "**a vereadora** mais votada foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre as vereadoras** (só as mulheres, homens fora), Maria da Silva saiu ganhando. Se escolherem a Sílvia como "**o pior árbitro** do campeonato", ela levou a palma de todo o mundo; no entanto, se a escolherem como "**a pior árbitra** do campeonato", ela estará sendo comparada apenas às demais mulheres (que ainda não atuam, mas, como qualquer homem sabe e

teme, vão terminar atuando). Portanto, vocês devem ir se acostumando com frases como "**a árbitra**, em sua entrevista, declarou", "**as árbitras** costumam distribuir cartões com uma espantosa facilidade", e coisas assim.

aluguéis ou **alugueres**?

Um leitor de Curitiba quer saber se o plural de **aluguel** pode ser **alugueres**. Só quando o plural de **pastel** for **pasteres**!

*Professor: qual é o plural correto de **aluguel**? **Aluguéis** ou **alugueres**?*

Rafael S. – Curitiba (PR)

Prezado Rafael: o substantivo **aluguel** forma o plural esperado para os vocábulos que têm essa terminação: **pastel**, **pastéis**; **papel**, **papéis**; **aluguel**, **aluguéis**. Acontece que podemos (eu acho horrível!) usar também a forma clássica **aluguer**, que é a preferida no Português Europeu; aqui no Brasil, muitos advogados o fazem, ou porque são lusófilos, ou porque isso lhes dá a esperança de aparentar a erudição que não têm. Nesse caso, o plural é obviamente **alugueres** (como **mulher**, **mulheres**; **clister**, **clisteres**). A escolha é livre; o importante é não misturar uma forma com a outra: ou **aluguel**, **aluguéis**, ou **aluguer**, **alugueres**.

softwares

O Professor adverte: as palavras estrangeiras que ingressam em nosso idioma devem receber tratamento idêntico às nacionais.

Olá, Professor! Trabalho em uma agência de publicidade, e um cliente de tecnologia disse que não existe o plural da palavra **software**. *Consultei o* **Houaiss** *e ele não diz nada sobre isso. O cliente está correto? Obrigada.*

Carolina G. – São Paulo (SP)

Prezada Carolina: no Inglês culto formal, ***hardware*** e ***software*** ainda são considerados substantivos não-contáveis (***mass nouns***), o que faz com que o emprego do plural seja desaconselhado pela maioria dos gramáticos daquele idioma. Para o resto das línguas do planeta, contudo, a opinião dos gramáticos do Inglês vale menos que um tostão furado, e os dois vocábulos, que entraram no vocabulário tecnológico de dezenas de países, passaram por uma evidente evolução. Inicialmente, quando ***software*** designava a parte não-física da máquina (como na velha piada: "***Software*** é o que a gente xinga, ***hardware*** é o que a gente chuta"), era comum usar-se este vocábulo apenas no singular; no entanto, no momento em que ele passou também a significar "programa de computador", o plural passou a ser empregado largamente. Só para você ter uma ideia, a forma pluralizada ***softwares*** – abra bem os olhos! – bateu 2.140.000 ocorrências no Google; quase todas essas páginas são escritas em países cuja língua nativa usa o **S** como marca do plural (Português, Francês, Espanhol, por exemplo) ou em países cuja língua, apesar de marcar seus plurais de outra forma, usa o **S** para os plurais estrangeiros (como o Alemão e o Italiano). É natural que assim aconteça, porque os falantes de todos esses idiomas tratam ***software*** como um substantivo normal, desconhecendo a classificação de "não-contáveis" que a gramática do Inglês atribui a ele.

Quando os vocábulos migram, eles acabam, assim como as pessoas, submetendo-se às leis do seu novo país. Não importa que gramáticos ingleses considerem ***e-mail*** como um não-contável, porque o mundo inteiro envia e recebe ***e-mails*** (no plural); não importa que, em Inglês, o plural de ***mouse*** seja

mice; para nós, é **mouses** mesmo. E tem mais: como a internet é uma estrada que vai e vem, os próprios falantes do Inglês começam a aceitar esses plurais – a julgar pelo considerável número de artigos americanos, ingleses e canadenses que condenam a sua adoção (e que não seriam escritos se não houvesse simpatia pelas novas formas). A forma **mouses**, aliás, vem recebendo a preferência dos usuários técnicos e já está registrada num dicionário importante como é o ***American Heritage***.

Prezada Carolina: o cliente disse que esse plural "não existe"? Ele não entende nada de linguagem. Ele poderia alegar, isso sim, que o singular é a forma recomendada no Inglês culto, ou também no uso técnico, quando estiver em jogo a oposição conceptual "***hardware*** x ***software***". Aqui, no entanto, é diferente.

cenoura ou **cenoira**

Uma leitora pergunta o que é **cenoira**; ora, diz o Professor, é aquilo que os coelhos comem em Portugal.

*Prezado Professor, gostaria que o senhor me ajudasse, respondendo o que significa a palavra **cenoira**.*

Lydianne – João Pessoa (PB)

Minha cara Lydianne: a **cenoira** é a comida preferida dos coelhos em algumas regiões de Portugal. Em muitos vocábulos de nosso idioma, o ditongo **OU** alterna (ou alternou) com **OI**; o ***Formulário Ortográfico de 1943*** considera esse um fato normal e cita, como exemplos, **balouçar** e **baloiçar**, **calouro** e **caloiro**, **dourar** e **doirar**. Embora essa alternância ocorra principalmente antes de **R** (**touro**, **toiro**; **tesoura**, **tesoira**; **ceroula**, **ceroila**), ela já se manifestou em pares como **dois**, **dous**; **noite**, **noute**; **biscoito**, **biscouto**; **coisa**, **cousa**; **ouço**, **oiço**. Em todos os pares que mencionei, há uma tendência geral do Português Brasileiro em escolher a primeira variante, enquanto a segunda ainda aparece, com alguma frequência, no Português Europeu (chamamos assim o Português falado em Portugal).

Em certos casos, a hesitação ainda vive entre nós: podemos ouvir, aqui mesmo no Brasil, **toucinho** e **toicinho**, **louro** e **loiro**. Isso é normal; as duas variantes convivem por algum tempo, até que uma delas tenha a preferência estabilizada pelo uso. O tempo vai alterando algumas formas e fixando outras; Castro Alves, na 1ª edição de ***O Navio Negreiro***, em 1868, assim escreveu:

'Stamos em pleno mar... **Doudo** no espaço
Brinca o luar – **doirada** borboleta
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Se trocássemos, numa edição moderna, **doudo** por **doido** e **doirada** por **dourada**, a alteração passaria despercebida pela quase totalidade dos leitores. Aliás, muitas editoras têm feito isso, considerando que essa atualização não desfigura a sonoridade dos versos originais, mas isso é discussão fora da minha

horta; deixo-a para os doutores em Literatura.

degrais?

Uma jovem baianinha estranha o cartaz de sua escola que proíbe os alunos de sentar nos ***degrais**.

*Prezado Professor: há um cartaz em nossa escola que diz "Não sente nos **degrais**". Não deveria ser **degraus**? Obrigada por responder.*

Paula (10 anos) – Salvador (BA)

Minha prezada Paula, tão jovem e já tão atenta para os problemas de nosso idioma: você tem toda a razão. O plural de **degrau** é **degraus**, como o de todos os vocábulos terminados no ditongo **AU** – **mingau**, **mingaus**; **luau**, **luaus**. O que deve ter atrapalhado a pessoa que escreveu essa preciosidade de cartaz é a semelhança fonética com os vocábulos terminados em **AL**, que fazem o plural em **AIS**: **jornal**, **jornais**; **quintal**, **quintais**. A mesma confusão às vezes se manifesta entre os terminados em **ÉU** e os terminados em **EL**: **chapéu**, **chapéus**; **escarcéu**, **escarcéus**; **ilhéu**, **ilhéus**; mas **papel**, **papéis**; **tonel**, **tonéis**.

Na cidade em que nasci, corria uma anedota sobre um famoso prefeito que, apesar de honesto e competente, tinha pouco ou quase nenhum estudo e vivia tropeçando da Língua Portuguesa. Certa feita, ao discursar de improviso na recepção de três atletas locais que tinham sido premiados em diferentes modalidades olímpicas, percebeu que não sabia se o plural de **troféu** era **troféus** ou **troféis** (note, Paulinha, que ele já estava ficando mais sabido, pois ao menos deu-se conta da dificuldade). Fez então o que fazemos muitas vezes quando encontramos um desses "**recifes**" gramaticais – desviou e passou pelo lado: "Eu ia saudar esses atletas pelo **troféu** conquistado, mas agora me dou conta que não foi só um, foram três!". Seria mais ou menos como o cartaz do colégio dizer: "Não sente no **degrau** – em nenhum deles!".

plural de **sim** e de **não**

*Ó dúvida atroz ! Por favor, o **sim** e o **não** podem ser flexionados, isto é, usados no plural?*

Bayard – Belo Horizonte (MG)

Prezado Bayard: esta é uma dúvida razoável, mas chamá-la de **atroz** já é exagero (por que será que você e muitos outros leitores ficam melodramáticos quando vêm fazer perguntas? Sossegue, que a banca aqui é risonha e franca). Quanto à sua dúvida, a resposta é **sim**, eles podem ser usados no plural. Esse é um dos traços característicos de nosso idioma: qualquer vocábulo, de qualquer classe, pode vir a ser (dependendo da estrutura sintática em que está inserido) **substantivado**, isto é, pode vir a ocupar a posição nuclear de um sintagma nominal, transformando-se num **substantivo.**

Quando isso ocorre, o vocábulo passa a ter a mesma flexão que os substantivos têm. Vou dar alguns exemplos: (1) **numeral** substantivado: "Estão faltando dois **oitos** neste baralho"; "vamos fazer a prova dos **noves**"; (2) **verbo** substantivado: "Os **comes** e **bebes**", "os **pores**-do-sol"; (3) **interjeição** substantivada: "Ela não ouve os meus **ais**". E assim por diante. No seu caso específico, é muito comum ouvirmos, depois da apuração de votações, frases como "tivemos 23 **sins** e 32 **nãos**".

hambúrgueres

Uma jovem leitora não concorda com o plural ***hambúrguers**; você vai ver por que ela tem toda a razão.

*Querido Professor Moreno, tenho 16 anos e faço o segundo ano do ensino médio. Língua mesmo eu só aprendo nos livros e na internet. Ando com uma dúvida antiga: se o plural de **mulher** é **mulheres**, por que o plural de **hambúrguer** é **hambúrguers** e de **trailer** é **trailers**? Justifica-se por serem palavras estrangeiras? Aguardo sua resposta; grande abraço de uma admiradora.*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: a sua intuição está correta: o plural de **hambúrguer** é **hambúrgueres**, e o de **trêiler** é **trêileres** — da mesma forma que **revólver**, **revólveres**; **dólar**, **dólares**; **destróier**, **destróieres**; **líder**, **líderes** (todos provenientes do Inglês). As leis da morfologia de uma língua se aplicam a qualquer vocábulo que nela exista ou venha a existir; palavras estrangeiras que entram aqui vão dançar conforme a nossa música. Formas como ***revolvers** ou ***hamburguers** são plurais do Inglês, não do Português. Continue atenta, esperta e admiradora.

masculino de **formiga**

Cada **formiga** tem seu **formigo**? Drummond diz que a **foca** tem o seu **foco**, e a **tamanduá** tem o seu **tamanduó**.

Prezado Professor, gostaria de saber qual é o masculino de ***formiga****, se é* ***formigão*** *ou* ***formigo****, ou se esta palavra possui gênero comum-de-dois.*

Juni C. – Uberaba (MG)

Meu caro Juni: **formiga** é como **girafa**, **onça**, **pantera** – só tem um gênero (feminino), embora possa designar animais de ambos os sexos; é o que a Gramática chama de **epicenos**. Se for preciso distinguir entre os sexos biológicos, usamos **macho** e **fêmea**. Olhe, quanto aos mamíferos, tenho certeza de que existem os dois sexos; no caso da **formiga**, não estou tão certo, porque, entre os insetos, as coisas nem sempre são tão bipolares assim. Tomemos a **abelha** como exemplo: o macho da espécie é raro e tem outra palavra para designá-lo, o **zangão**. Portanto, **abelha** só tem masculino do ponto de vista biológico, mas não do ponto de vista gramatical. Com a formiga ocorre o mesmo: não tem masculino (a palavra); quanto à Biologia, temos de consultar um especialista.

P.S.: Assaz interessante: o Português não formou o masculino de **formiga** porque esse não é um traço que interesse à nossa cultura. Ou melhor: não interessava; começa a haver sinais do contrário. Falando no filme ***AntZ*** – aqui traduzido para ***FormiguinhaZ*** –, um crítico de jornal diz que “o filme conta a história de uma formiga, na verdade um **formigo** operário neurótico, chamado Z-4195, que tenta se libertar da sociedade totalitária”. Outro crítico, falando da personagem, diz que “ela, ou melhor, ele, visto que se trata de um senhor **formigo**, anseia por se libertar das suas obrigações como trabalhador”. Mais adiante: “No bar da colônia AntZ ouve, da boca de um **velho formigo**, uma história incrível”. Acho que você vai concordar que o masculino, nesses exemplos, apareceu com aquela naturalidade típica do que é necessário. Despeço-me com um precioso fragmento do Carlos Drummond, extraído da crônica *A Solidão do Girafo*:

“Quando já não se sabe ao certo quem é **varão**, quem é **varoa**, pelo menos

se saiba distinguir o **pavão** da **pavoa** ou **pavona**, o **elefanto** da **elefanta**, o **sabiau** da **sabiá**, o **cisno** da **cisna**, o **tigro** da **tigra**, em vez de nos socorrermos do aditamento **macho** e **fêmea**. Se distinguimos **gato** e **gata**, por que não **foco** e **foca**, **tamanduó** e **tamanduá**, **tatu** e **tatua**?"

A língua agradece aos poetas; ninguém a entende como eles. A nós, só cabe admirá-los e morrer de inveja.

membra

Na nossa tradição, membro sempre foi exclusivamente masculino; com a virada do século, contudo, começa a aparecer a sua versão feminina (ô frasezinha que ficou ambígua!).

Caro Professor: na contracapa da obra **A Prova por Indícios no Processo Penal***, da Editora Saraiva, está consignado que a sua autora é* ***membra*** *do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Pergunto: o feminino de* ***membro*** *é mesmo* ***membra****?*

Luiz Carlos – São José dos Campos (SP)

Meu caro Luiz Carlos: se eu seguisse o meu primeiro impulso e baseasse minha resposta no que eu sempre encontrei na bibliografia tradicional, eu diria que essa foi uma escorregada que deu a Saraiva, geralmente tão rigorosa na sua editoração. Sempre dissemos que **membro**, **ídolo**, **vítima**, **carrasco**, **monstro**, etc. são vocábulos que, embora se apliquem a indivíduos de ambos (só dois?) sexos, **não** têm flexão de gênero e nem ao menos aceitam que essa flexão seja assinalada pela troca do artigo que os antecede (com fazemos, por exemplo, com **o/a estudante**, **o/a contratante**, os famosos substantivos **comuns-de-dois**). "Ele é **uma vítima** da sociedade", "Michelle Pfeifer é **meu ídolo**", "a mulher dele é **um monstro**", "ela é **um membro destacado** no Parlamento". Portanto, "ela é ***uma membro**" ou, pior "***uma membra**", como você encontrou no livro, seria classificado por mim como um erro de fazer chorar bacalhau em porta de venda.

No entanto, o exemplo que você mandou fez com que eu desconfiasse de que algo estava mudando. Dei então uma percorrida na internet e encontrei mais de duzentos exemplos do emprego de **membra**. É verdade que nenhum deles vem de autor respeitado, mas isso me obriga a repensar o problema. Parece que o vocábulo está começando a ser flexionado normalmente por uma faixa razoável de falantes, assim como já começa a aparecer, aqui e ali, uma **monstra** eventual.

Um desses implacáveis "juízes do idioma" que andam por aí poderia dizer

que é por pura ignorância; quem conhece um pouco de Linguística, contudo, não pode dizer um absurdo desses. Quando milhares de falantes começam a usar uma forma que nos parece desviante, basta procurar um pouquinho e vamos encontrar suas motivações, não para concordar com elas e segui-las, mas para entender o que realmente está acontecendo. Pensando sobre o assunto, confesso que a tendência a dar um feminino para **membro** facilita – e muito – a sua inserção sintática. Permite a confortável concordância no feminino de frases do tipo "**ela** é **a** mais **idosa membra** de nossa comunidade", "**Fulana** é **uma antiga membra** – e bem **ativa** – do Grupo de Apoio do Paciente". Eu não gosto disso nem um pouquinho, mas não posso culpar quem prefira escrever desse modo, pois entendo que para eles soa melhor assim do que "**ela** é **o mais idoso membro** de nossa comunidade" ou "**Fulana** é **um antigo membro** – e bem **ativo** – do Grupo de Apoio".

Já conhecemos o desfecho: pode demorar dez anos, pode demorar cinquenta anos, mas o vocábulo se encaminha para se tornar **biforme** (**membro**, **membra**). As pessoas com mais formação e mais leitura vão continuar estranhando esse feminino, mas ele vai ter de ser aceito como alternativa. A mim, particularmente, ele sempre soou e sempre soará muito mal; ele me lembra um pequeno cineclube de que participei, na universidade, que era formado de onze homens e uma só mulher – à qual nos referíamos, com um misto de ironia e admiração, como "**a membra**". O que era piada, hoje está deixando de ser.

memorando

Uma leitora relata que, em seu trabalho, chamam agora de **memoranda** o que antes chamavam de **memorandos**. O que está acontecendo?

*No meu trabalho, estamos usando o termo **memoranda** para as comunicações internas que antes eram chamadas de **memorandos**. Qual é a maneira certa?*

Ludmilla

Minha cara Ludmilla: por acaso você está trabalhando num mosteiro medieval? Fiquei curiosíssimo com essa volta ao Latim, muitos séculos depois do vocábulo ter assumido a sua forma portuguesa. Usamos um **memorando**, dois **memorandos**. Em Latim, teríamos um ***memorandum***, dois ***memoranda*** (o plural do neutro era em **-a**, assim como ***curriculum*** faz ***curricula***). O Inglês ainda conserva esses plurais latinos (onde temos **estrato**, **estratos**, eles usam ***stratum***, ***strata***; onde temos **dado**, **dados**, eles usam ***datum***, ***data***; onde temos **bactéria**, **bactérias**, eles usam ***bacterium***, ***bacteria***; e assim por diante). Ora, como esse plural exótico perturba o quadro flexional do Inglês, seus dicionários já registram ***memorandum***, plural ***memoranda*** ou ***memorandums***.

A tendência é nosso sistema absorver esses vocábulos latinos e dar-lhes forma e funcionamento similares aos vocábulos de nosso léxico. Assim aconteceu com os que entraram primitivamente na Lusitânia, junto com os soldados romanos; assim deve acontecer com os que entrarem hoje, tardiamente, no Português. Há palavras em nítida transição, como ***campus***, ***campi***, que, a meu ver, está celeremente evoluindo para **câmpus** (singular ou plural, como **ônibus**, **bônus**, **tônus**, etc.). **Memorando**(**s**), no entanto, já é forma velha, há muito tempo dicionarizada. Não vejo aqui nenhuma razão para voltar; ou essa orientação saiu de um manual em Inglês, ou alguém aí no escritório está tentando demonstrar uma cultura clássica que não tem.

o Recife?

De pontos opostos do país, duas leitoras perguntam a mesma coisa: afinal, o frevo vem **de** Recife ou **do** Recife?

*A leitora Iara V., de Recife (PE), pergunta se está correta a tese de que "devemos nos referir à capital de Pernambuco antepondo o artigo definido O (o Recife), uma vez que o nome da cidade é também a designação de um acidente geográfico (à semelhança do que acontece com o Rio de Janeiro, por exemplo)". A leitora Karina, de Porto Alegre (RS), traz a mesma dúvida: "Por que a maioria do povo brasileiro, excluindo a região sul, fala **do Recife**?".*

Minhas prezadas leitoras: o princípio geral, no Português, é o de que **não se usa artigo antes de nome de cidade**: as ruas **de** São Paulo, as praças **de** Belo Horizonte, as ladeiras **de** Salvador. No entanto, às vezes o nome de um **acidente geográfico** pode interferir na construção sintática com o topônimo. Em alguns casos, isso já ficou cristalizado na Língua, enquanto em outros a decisão vai ser tomada por cada falante individual. Eu, por exemplo, sempre falo **do Rio** de Janeiro, **do Porto** (Portugal), como, penso eu, a totalidade dos brasileiros; contudo, prefiro usar **de Recife**, **de Rio Grande** (cidade em que nasci), embora perceba que muitos preferem **do Recife** e **do Rio Grande**. Esta decisão de usar ou não o artigo é apenas uma das **centenas** de situações em que o falante vai **optar** entre **duas formas corretas**; a soma de suas escolhas pessoais é o seu estilo pessoal de usar o Português. Quem quiser ficar dentro do princípio genérico, deixa **sem** artigo; quem preferir acompanhar os hábitos locais, correndo o risco de causar estranheza nos leitores não-locais, usa o artigo. Um excelente exemplo se encontra nas duas perguntas que foram feitas: a moradora de Recife prefere usar o artigo, enquanto a gaúcha acha tudo isso esquisito.

plural de **papai noel**

Veja a diferença entre o Papai Noel verdadeiro e os papais-noéis que andam por aí.

Professor Moreno, Papai Noel tem plural?

Nara D. – Goiânia (GO)

Minha prezada Nara: olha, vamos simplificar: o plural é **papais-noéis**; o uso do hífen fica à escolha do freguês, já que não existe regra para casos como este.

Agora, distingo: temos um personagem mágico, que mora em algum lugar do Ártico, que cruza o céu com seu trenó e deveria trazer presentes para as crianças boazinhas: este é o **Papai Noel**, primeiro e único (ou isso só se diz para o Rei Momo?). No mundo mitológico, ele tem domicílio, tem ocupação, tem empregados (os gnomos), dirige um veículo de tração animal e não me espantaria se tivesse CPF. É, em suma, um cidadão, e as maiúsculas do seu nome são as mesmas do meu ou do nosso nome; **Noel** aqui funciona como um sobrenome de origem francesa.

Por outro lado, temos milhares de mortais que usam – por prazer, por masoquismo ou por necessidade de ganhar a vida – as roupas e as barbas tradicionais que atribuímos ao chamado "bom velhinho". São os **papais-noéis.** É mais ou menos como, ***mutatis mutandis***, o **Diabo** (outro cidadão do mundo dos mitos) e os **diabos**, o **Saci** e os **sacis**, o **Bicho Papão** e os **bichos-papões**.

perca?

Ficar fazendo algo inútil é uma **perca** ou uma **perda** de tempo? Não perca esta explicação.

Caro Professor, dias atrás um colega de trabalho me corrigiu por eu ter falado "Isto é uma perda de tempo!", dizendo ele que o correto é "Isto é uma perca de tempo!". Afinal, o que está correto?

Márcia – Curitiba (PR)

Minha cara Márcia: ser corrigido quando a gente fala já é ruim, mas ser corrigido por um boi-corneta, que não sabe o que diz, ainda é bem pior! Claro que é **perda** de tempo! Esses substantivos deverbais (nascidos a partir de um verbo) são formados pelo acréscimo de um elemento terminal (as vogais **A**, **E** ou **O**) ao **radical** do verbo: **comprar**, **compra**; **vender**, **venda**; **trocar**, **troca**; **resgatar**, **resgate**; **estudar**, **estudo**. E, como não poderia deixar de ser, **perder**, **perda**. A forma **perca** existe, sim, mas é o presente do subjuntivo de **perder**: "Ele não quer que eu **perca** o prazo". Mostre esta frase ao seu colega para que ele aprenda: "O chefe não quer que eu **perca** horas preciosas arrumando os arquivos; ele disse que isso é pura **perda** de tempo".

afegão, **afegãos**

Um leitor manda bombásticas saudações e pergunta qual o plural de **afegão**.

*Caro Professor: após acompanhar atentamente os últimos acontecimentos, e profundamente sensibilizado com o povo afegão, gostaria de saber qual é o plural correto de **afegão**. E o plural de **talibã**? Obrigado, e lembranças bombásticas.*

Pedro F. – Rio de Janeiro

Meu caro Pedro: o plural dos nomes terminados em **-ão** não é coisa muito simples, como você bem sabe. Hoje temos uma só forma no singular (le**ÃO**, irm**ÃO**, alem**ÃO**) e três formas no plural (le**ÕES**, irm**ÃOS**, alem**ÃES**). Sua pergunta (e a de muitos outros leitores) pode ser traduzida do seguinte modo: qual dessas três terminações (**-ões**, **-ãos** ou **-ães**) vai ser usada no plural de **afegão**?

Como é que se escolhe entre elas? Quando as gramáticas registram a tripla possibilidade para o plural de **vilão** (**vilões**, **vilães** e **vilãos**) ou para **aldeão** (**aldeões**, **aldeães** e **aldeãos**), estão apenas refletindo o estado de hesitação de nossa língua, que teve paralisado, pela difusão do texto escrito, um movimento em direção a uma forma única de plural (**-ões**, sem dúvida alguma). Essa seria a situação ideal: ou teríamos três singulares, correspondendo aos três plurais diferentes, ou apenas um singular e apenas um plural. No entanto, ficamos assim suspensos no meio da evolução, com um único singular e três plurais diferentes, e temos de conviver com isso. Todos os aumentativos e todos os novos vocábulos em **-ão** que ingressam no Português fazem o plural em **-ões**, o que o credencia, estatisticamente, como o plural canônico para os vocábulos com essa terminação. Os outros (poucos) que escolhem **-ãos** e **-ães** são memorizados pelos falantes (**mão**, **mãos**; **irmão**, **irmãos**; **pão**, **pães**), isso quando não terminam também aderindo ao genérico **-ões**: é o caso de **corrimão**, cujo plural original é **corrimãos** (já que vem de **mão**), mas que aparece também, em todos os dicionários, com a possibilidade de um **corrimões**.

Nesses casos, o que nos ajuda mesmo, meu caro Pedro, é olhar por cima do muro e ver o que nosso vizinho de sempre, o Espanhol, anda fazendo, pois lá existem **três singulares** para **três plurais**: *herm**ano***, *herm**anos***; *le**on***, *le**ones***;

*alem**án***, *alem**anes***! A boa notícia é que podemos aproveitar isso para nossa língua (há estudos sérios sobre o assunto, mas vou simplificar): ***-ano***, ***-anos*** do Espanhol correspondem aos nossos **-ão**, **-ãos** (*herm**ano***, *herm**anos***: irm**ão**, irm**ãos**); **-on**, **-ones**, aos nossos **-ão**, **-ões** (*le**on***, *le**ones***: le**ão**, le**ões**); e **-án**, **-anes**, aos nossos **-ão**, **-ães** (*alem**án***, *alem**anes***: alem**ão**, alem**ães**). Pode haver um ou outro vocábulo desviante, mas em geral o sistema funciona direitinho.

Vamos ao plural de **afegão**: a maioria dos falantes do Português prefere **afegãos**; uma pequena minoria opta pela variante **afegães**, que não pode ser condenada, mas que vai certamente desaparecer com o passar do tempo. Se visitarmos o Espanhol, encontramos *afg**ano***, *afg**anos***, uma agradável confirmação de que a intuição majoritária de nossos falantes coincide com a estrutura que descrevemos no parágrafo acima. Quanto aos **talibãs**, escrevi sobre isso um artigo específico, que está no volume 1 deste mesmo livro.

plural de **Molotov**

De Berlim, chega uma consulta sobre material bélico: qual o plural de **Molotov** e de **Kalashnikov**?

Prezado Professor: trabalho em legendagem de filmes e surgiu uma dúvida em relação ao plural de Molotov e Kalashnikov. O senhor poderia esclarecer-me? Atenciosamente.

Germinal R. F. – Berlim (Alemanha)

Geralmente deixamos o nome próprio invariável quando ele é o **aposto** de um substantivo (é o famoso **aposto restritivo**, sem vírgulas, que a maioria dos manuais desconhece): "os carros **Ford**", "as câmeras **Leica**". Da mesma forma, "Os rebeldes lançaram várias bombas **Molotov**"; "Foram feitos vários disparos com aquele som característico dos fuzis **Kalashnikov**" (para quem não sabe, o popular **AK-47**); "As pistolas **Colt** são insuperáveis quanto à confiabilidade". Quando, no entanto, o nome próprio é usado como núcleo do sintagma, ele vai ser pluralizado normalmente: "O general Patton usava dois **Colts** niquelados"; "Várias **Molotovs** foram arremessadas do telhado", "As autoridades aduaneiras apreenderam uma partida de **Kalashnikovs** novinhos em folha". Espero que isso possa ajudar.

plural de **real**

Qual é o plural de nossa moeda? É vinte **reais**, vinte **réis** ou vamos de vinte **real** mesmo?

*Caro Professor: estive estudando gramática no livro do professor Hildebrando, e ele diz que o plural de **real** (moeda) é **réis**. Achei muito estranho. Será que todos escrevemos errado quando escrevemos **dois reais** num cheque de R$ 2 ou deveríamos escrever **dois réis**? Obrigado.*

Walter L. – Biguaçu (SC)

Meu caro Walter, não li tudo o que o professor Hildebrando André escreveu, mas tenho certeza de que ele não deve ter dito exatamente isso. Embora eu discorde de muitas de suas posições teóricas, ele é um gramático escolar sensato e estudioso. Quando a nossa atual moeda foi instituída, em 1994, houve uma breve discussão sobre qual seria o seu plural; os mais afobadinhos encontraram "**real** – plural **réis**" nos dicionários e vieram, triunfantes, corrigir os que começavam a dizer **reais**. Em pouco tempo, contudo, esclarecia-se o equívoco: **réis** era o plural de um **real** virtual ("moeda ideal", diz o dicionário do Morais), valor apenas de referência; o verdadeiro **real**, antiga moeda portuguesa, fazia mesmo o plural **reais** (como, aliás, qualquer substantivo terminado em **-al**).

O velho Morais (minha edição é de 1813) é bem rico em detalhes: explica-nos que havia os "**reais brancos** del-Rei D. Duarte; eram de cobre com estanho, vinte deles faziam uma libra e valiam 36 réis"; "os **reais pretos**, de cobre sem liga"; e "os **reais de prata**". Diga-se de passagem que o verbete "**real**" é bem extenso, mostrando o esforço do dicionarista em explicar, com os conceitos econômicos da época, os valores relativos entre as diferentes moedas cunhadas pelos sucessivos reis de Portugal.

Portanto, caro Walter, continue tranquilamente a usar **reais** para o plural de nossa moeda – como vimos fazendo desde 1994. **Réis** é outra coisa muito diferente. Curioso é observar dois usos populares: (1) **Mil-réis** passou a designar qualquer unidade do inconstante dinheirinho brasileiro; eu já usei **mil-réis** (o nosso simpático **merréis**, avô da **merreca**) para falar do **cruzeiro**, do **cruzado**, do **cruzado-novo**, do **cruzeiro-novo** e agora do **real**. Se um dia – que os deuses

não permitam! – surgir o **real-novo**, com certeza lá estarei dizendo "Custa dois **mil-réis**". (2) Tem gente que simplesmente não usa o plural da moeda e prefere dizer, sem enrubescer, "**vinte real**", assim como os camelôs falam de "**dez dólar**". Aí já é demais!

pluralia tantum

Caro Professor, gostaria de saber se existe a grafia no singular das palavras ***parabéns, condolências, núpcias, pêsames****, etc. – ou estas palavras são grafadas somente no plural?*

Marli Z. – Criciúma (SC)

Minha cara Marli: existem, em nosso idioma, muitos vocábulos que são usados exclusivamente no plural, conhecidos como ***pluralia tantum*** – expressão tradicional da gramática latina que significa "apenas plurais". Não são tão poucos quanto se pensa; entre os mais conhecidos, lembro **afazeres**, **anais**, **arredores**, **bodas**, **condolências**, **confins**, **esponsais**, **fezes**, **exéquias**, **núpcias**, **parabéns**, **pêsames**, **primícias**, **trevas**, **víveres**. Como o **S** que marca o plural é sempre acrescentado a uma forma anterior, não-marcada, não há dúvida de que todos eles têm (ou tiveram) uma forma singular, que, por razões semânticas, simplesmente deixou de ser empregada. Em textos mais antigos vamos encontrar, aqui e ali, alguma ocorrência de **pêsame**, **fez**, **boda**, etc., uso logo abandonado. Vieira, em seus ***Sermões*** (séc. XVII), usa **parabém** por toda parte, inclusive fazendo um jogo de palavras tão ao gosto do nosso gênio da língua: "Alcançaram o que pediram, aceitaram muito contentes o **parabém** do despacho, mas o despacho não era **para bem**". Certamente vamos encontrar outros exemplos em escritores da mesma época, mas isso não deve obscurecer o fato, hoje incontestável, de que esses vocábulos devem ficar mesmo é no plural. Para fins práticos, devem ser considerados como aquelas cadeias de montanhas, que também sugerem a existência de um singular primitivo, hoje desconhecido: os **Alpes**, os **Andes** e os **Pirineus**.

poeta ou **poetisa**

Cecília Meireles e Adélia Prado são duas **poetisas** brasileiras, ou posso dizer que são duas **poetas**?

*Caro Professor: sempre ouvi falar em **poetisa**, mas acredito que o certo seria a **poeta**.*

Estou certo?

Gilson S.

Caro Gilson: o feminino de **poeta** sempre tinha sido **poetisa**; contudo, essa forma adquiriu uma conotação pejorativa, por lembrar aquele tipo de senhora que se veste espalhafatosamente e participa das reuniões dessas dezenas de "academias femininas de letras" que brotaram como flores silvestres por todo o território nacional na primeira metade do século XX. Na sua santa ingenuidade, ao criarem essas instituições **femininas** paralelas, estavam simplesmente reforçando a crença chauvinista de que as "verdadeiras" academias eram privilégio dos homens.

Por causa disso, alguns críticos e intelectuais, ao falar de alguém do quilate de uma Cecília Meirelles, por exemplo, começaram a dizer: "É uma grande **poeta**!". A moda pegou no meio literário e acadêmico: o vocábulo passou a ser usado por muitos como se fosse um **comum-de-dois** (aqueles substantivos como **atleta**, **artista**, **estudante**, **jovem**, etc., que têm uma só forma para os dois gêneros, mas se distinguem pelo artigo). Hoje, portanto, podemos escolher entre as duas formas de feminino: ou usamos **poetisa**, ou simplesmente **poeta**.

coletivo de **leão** e de **rato**

*Professor Moreno: Olá! Tenho curiosidade em saber o coletivo de **leões** (o animal, rei da floresta). Pesquisei algumas gramáticas e não encontrei o coletivo específico para eles. Vi que **matilha** pode ser usado para animais ferozes e **cambada** para gatos (leão = felino), mas não sei se são os indicados para leões.*

Tânia G. – Crato (CE)

Minha cara Tânia: os coletivos específicos são tão poucos que há muito se deixou de levar tão a sério o estudo desta espécie de substantivo. As cabras têm um coletivo determinado (**fato**), e assim também os camelos (**cáfila**); os porcos não deixam por menos (**vara**), e os peixes vivem em **cardumes**. E a tartaruga? A cotia? O jacaré? O tatu? A lesma? O tamanduá? O bicho-preguiça? O canguru? Esses não têm coletivos específicos, principalmente por não terem o costume de aparecer em grandes grupos. Se fizermos questão de empregar um coletivo para estes animais, devemos usar os chamados **coletivos genéricos** (que, na verdade, terminam sendo usados para tudo, até mesmo para o porco, o camelo e a cabra, que tinham os seus coletivos específicos): **bando**, **grupo**, **manada**, **rebanho**, etc. É o caso dos leões; basta escolher um desses genéricos que não esteja diretamente relacionado com alguma espécie (**cardume** de leão não dá, nem **vara**; **cáfila** muito menos, é óbvio).

Há poucos dias, minha cara Tânia, outra leitora escreveu perguntando o coletivo de **rato**: "Seria **ninhada** (por causa da criação), ou **bando**, ou nenhum deles?". **Ninhada** serve tanto para os ratinhos quanto para os filhotes de qualquer ave ou mamífero (de pinto, de cachorro, de gato, de leitão, etc.) nascidos de uma só vez; com certeza nossa leitora teve a atenção atraída pela expressão **ninho de rato**, usada para cabelo emaranhado, cama com as cobertas desfeitas ou gaveta desorganizada. O equívoco é normal; nossa memória vocabular vive nos pregando peças desse tipo.

Nesse caso – da mesma forma que com os leões –, voltamos aos coletivos genéricos. Como **grupo** e **manada** (é ruim!) de ratos não dá, usamos **bando** ou coisa semelhante. Esses coletivos estão ficando tão polivalentes que encontrei uma definição de **cambada** que poderia figurar naquela famosa enciclopédia

chinesa citada por J.L. Borges: “**cambada** – coletivo de caranguejos, chaves reunidas, gente ordinária, malfeitores, objetos enfiados em cordão, peixes, vadios e vagabundos”.

Não podemos esquecer que o Português usa, para expressar a ideia coletiva, **sufixos** extremamente produtivos, o que, aliás, explica por que temos tão poucos coletivos específicos: **-ada**, **-eiro**, **-ria**, **-edo**: **boiada**, **formigueiro**, **cavalaria**, **pulguedo**, etc. Para **rato**, o ***Houaiss*** e o ***Aurélio*** registram **ratada** e **rataria**. Para **leão**, certamente o Português poderá produzir algo como **leãozada**, se for necessário – o que nunca é impossível: no momento em que se começou a chamar de **perua** aquele tipo de mulher espalhafatosa e cheia de joias, ao lado de **bando de peruas**, passei a ouvir também formações derivadas como “Naquele bar tem uma **peruada** (ou **peruagem**, ou **peruama**) infernal”. Insondáveis são os caminhos de um idioma.

obrigado

> O emprego de **obrigado**, a nossa mais tradicional fórmula de agradecimento, é o campeão entre as perguntas formuladas pelos leitores. Uns querem saber se o vocábulo tem masculino e feminino, ou se é uma forma cristalizada, invariável; outros não sabem se ele concorda em gênero com a pessoa que está falando, ou com a pessoa a quem está sendo dirigido o agradecimento; outros, ainda, perguntam qual a fórmula para responder a quem nos disse "**obrigado**". Este artigo esclarece todos esses pontos, e outros mais.

Do ponto de vista de quem agradece

A palavra **obrigado** é, na verdade, a parte que aparece de uma frase bem maior, que geralmente fica subentendida quando agradecemos a quem nos atendeu ou nos fez um favor. Quando eu agradeço dizendo **obrigado** a alguém, estou dizendo, na verdade, que eu me sinto **obrigado** para com ele, isto é, que passei a ter uma **obrigação** de gratidão para com o outro. Como vemos, o simples obrigado implica um "**fico-lhe muito obrigado**", "**tenho uma obrigação para com você**". Os ingleses fazem algo parecido, quando dizem "I am **obliged** to you for...". Nosso povo, muito acertadamente, às vezes diz a mesma coisa com o expressivo "Te devo uma".

Obrigado funciona, pois, como um **adjetivo**, flexionando em gênero e número: **obrigado**, **obrigada**, **obrigados**, **obrigadas**. Assim sendo, um homem fica **obrigado**, uma mulher fica **obrigada**. Isso fica bem claro quando usamos outras fórmulas de agradecimento que também deixam subentendida parte da frase. Homem falando: [fico-lhe] **grato**, [fico-lhe] **agradecido**; mulher falando: [fico-lhe] **grata**, [fico-lhe] **agradecida**. Quanto a concordar com quem fala ou com quem se fala, o folclórico Napoleão Mendes de Almeida, no seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, diz de maneira irretocável: "Não importa que o agradecimento seja formulado a homem ou a mulher; o que importa é quem expressa a gratidão, se mulher ou homem". E está falado.

Há claros sinais, entretanto, de que o sistema que acabo de descrever está sendo abandonado pela língua falada. A grande quantidade de perguntas dos leitores sobre o emprego de **obrigado** revela uma fortíssima tendência de ir, aos poucos, imobilizando a expressão, tornando-a invariável, fixada na forma neutra **obrigado** (masculino, singular). O uso do feminino vai ficando raro, e muito mais rara ficou a ocorrência das formas **obrigados**, **obrigadas**, que deveriam,

teoricamente, ser utilizadas no agradecimento feito em nome de várias pessoas. Uma boa solução é **substantivar** a expressão, que vai ficar sempre na forma **neutra** (masculino, singular), típica de todas as subtantivações (**o nove**, **o amanhecer**, **o talvez**, **o ai**, **o não**). "Quero apresentar-lhe **meu muito obrigado**" serve para homem ou mulher; "queremos apresentar-lhe **nosso muito obrigado**" serve para homens ou mulheres.

Do ponto de vista de quem responde ao agradecimento

Quando respondo, posso dizer: "**por nada**" , "**de nada**" , "**não há de quê**" – que são, na verdade, respostas à frase completa, pois estou afirmando que o outro não me deve nada pelo que fiz, ou seja, ele não tem por que se sentir obrigado a mim.

Outros preferem acrescentar que eles próprios é que têm de agradecer – como os garçons britânicos, que dizem ***thank you*** quando **eles** nos trazem o cardápio, o talher extra ou o sal que **nós** acabamos de pedir. Parece um pouco sem lógica, mas esse costume, que certamente torna o convívio social mais agradável, já chegou em nosso país tropical. Nesse caso, diremos "**obrigado a você**" (subentenda-se: "eu é que fico obrigado **a** você"), ou ainda "**obrigado, eu**" (subentenda-se: "obrigado fico eu"). Acho que não preciso lembrar que **obrigado** sempre vai concordar com o sexo de quem está falando; portanto, uma mulher diria "**obrigada a você**" ou "**obrigada, eu**".

generala: o feminino de postos e cargos

Saiu na **Folha de São Paulo** *a manchete "EUA admitem que* ***uma general*** *sofreu assédio". Não seria melhor dizer logo* ***generala****?*

Luís Paulo – Presidente Prudente (MG)

Há uma forte resistência em usar a flexão feminina nos cargos e nos postos que, durante séculos, foram ocupados exclusivamente por homens. Quem acompanhou a ascensão da mulher no mundo político, nos últimos trinta anos, viu a lentidão com que a mídia foi adotando formas femininas que hoje já não causam estranheza: **primeira-ministra**, **senadora**, **deputada**, **prefeita**, **vereadora**, etc. Os que defendiam o estranho uso "a **primeiro-ministro** Indira Gandhi" argumentavam que se tratava do cargo, e o cargo era de "primeiro-ministro" – argumento de jerico, pois, se o levássemos a sério, teríamos "a **diretor** Fulana", "a **vereador** Beltrana". Pode ser que a causa fosse, em parte, um preconceito sexista; meu palpite, contudo, é que o principal responsável sempre foi a **leitura errada dos dicionários**. Brasileiro não sabe ler dicionário; é capaz de ir ao ***Aurélio*** e, ao ver ali registrado "**menino** – s. m.", concluir que não existe a forma **menina**! É de amargar!

Coisa semelhante vem ocorrendo com os postos militares. O ingresso de mulheres nas Forças Armadas e nas Polícias Militares é fato recente; ao que parece, esses organismos preferiram manter inflexionados os tradicionais **soldado**, **sargento**, **capitão**, **coronel**, **general** – daí a forma utilizada pela ***Folha de São Paulo***. É apenas uma questão de tempo, Luís Paulo, e estaremos usando **soldada**, **sargenta**, **capitã**, **coronela**, **generala**. Na verdade, essas formas já vêm sendo usadas há muito no Português, como se pode ver nos bons dicionários do passado: no Morais (1813) aparece **capitoa** como uma mulher que lidera outras ("Por capitoa, Isabel Madeira"). "**Capitoa** Úrsula os vai guiando", registra Domingos Vieira. Caldas Aulete (na 1ª edição, a confiável), diz: "**capitoa** – mulher que dirige outras em alguma ação heróica. Fem. de **capitão**". Essa forma em **-oa** deu lugar a **capitã** (mais ou menos como o **alemoa** cedeu o passo a **alemã**), termo que sempre utilizamos para designar a atleta que comanda uma

equipe. **Generala** e **coronela** serviam para designar a mulher do general ou do coronel; não esqueça, entretanto, que esses também podiam ser títulos meramente honoríficos e, como tais, sempre foram usados no feminino. "A princesa é a **coronela** honorária do regimento" (Aulete). Há um clássico da literatura erótica intitulado ***As Primas da Coronela***.

Como se tudo isso não bastasse, existe, há décadas, a figura ingênua e dedicada do Exército da Salvação, com seus músicos tocando (ainda tocam? nunca mais vi) pelas esquinas deste mundo – todo ele organizado com uma hierarquia pseudomilitar, com suas **soldadas**, **sargentas**, **capitãs**, **coronelas** e **generalas**. Em suma: as formas existem; se as Forças Armadas querem adotá-las, é outra história. A ***Folha*** é que me parece atrasada.

o ou **a personagem**?

Aqui vai um estudo definitivo para terminar com a discussão sobre o gênero da palavra **personagem**.

*Prezado Doutor: eu estava lendo uma resenha literária e estranhei quando o autor falou sobre o personagem Capitu. Eu sempre aprendi que era **a personagem**, mas meu amigo me fez ver que também soa meio esquisito dizer a personagem Bentinho. Afinal, como é que ficamos?*

Sérgio G. – Taquara (RS)

Meu caro Sérgio: para que você e os demais leitores possam entender a minha posição quanto ao gênero do vocábulo **personagem**, devo começar relembrando alguns pontos de nossa velha gramática descritiva. Os substantivos do Português que se referem a seres humanos apresentam, na sua maior parte, uma forma para cada gênero: **professor**, **professora**; **mestre**, **mestra**; **padeiro**, **padeira**; etc. Há, no entanto, um pequeno grupo que tem uma única forma, que vamos usar tanto para homens quanto para mulheres. É muito importante lembrar que esse grupo de substantivos uniformes divide-se, por sua vez, em três subgrupos:

1 – **comum-de-dois** – é aquele substantivo que, apesar de invariável, permite que nós distingamos o feminino e o masculino com base no artigo, numeral ou pronome que o antecede: o/a **agente**, este/esta **colega**, aquele/aquela **intérprete**, meu/minha **cliente**.

2 – **sobrecomum** – é o substantivo que tem um gênero gramatical determinado (ele é **ou** masculino, **ou** feminino), mas que serve para designar pessoas de ambos os sexos. Um bom exemplo é **cônjuge**; este é um vocábulo exclusivamente masculino (**o** cônjuge, **meu** cônjuge); se eu precisar distinguir entre o homem e a mulher, no entanto, vou ter de lançar mão de recursos linguísticos adicionais: o cônjuge **feminino**, o cônjuge **varão**, etc. Esse tipo de substantivo pode (e deve), por sua vez, ser dividido em dois subgrupos:

2.1 – **sobrecomum masculino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **masculina**, com a qual vão concordar todos os seus determinativos: **o indivíduo**, **os dois cônjuges**, **o algoz**.

2.2 – **sobrecomum feminino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **feminina**: **a testemunha**, **a vítima**, **a criança**.

O problema com **personagem** pode ser traduzido numa simples pergunta: **em qual dos três grupos acima ele deve ser enquadrado**? Da resposta que escolhermos, caro leitor, dependerá o tratamento que vamos dar a esse vocábulo:

2.1 – **sobrecomum masculino** – se nossa opção foi por esse grupo, vamos usar sempre **o personagem**, não importando se é homem ou mulher. "Capitu é talvez o melhor personagem de Machado de Assis", "Ceci e Isabel são os dois personagens femininos mais importantes de ***O Guarani***", etc. Este é o gênero do vocábulo em Francês (***personnage***), de onde proveio a nossa palavra **personagem**; talvez por isso mesmo essa opção pelo masculino seja muito atacada pelos puristas, que veem aqui o espectro do galicismo (ainda haverá quem fale nisso?).

2.2 – **sobrecomum feminino** – quem prefere esta, usa sempre o feminino: "A personagem Bentinho", "D. Quixote e Sancho Pança são as duas personagens imorredouras de Cervantes". Muitos autores defendem esta forma, baseados num princípio bastante sólido: quase todos os vocábulos em **-agem** são femininos em nosso idioma. Um exemplo famoso é a obra ***A Personagem de Ficção***, organizada por Antônio Cândido, nossa grande autoridade em literatura.

1 – **comum-de-dois** – esta é a posição defendida por Celso Luft e Houaiss; esta também é a posição que prefiro. Da mesma maneira que usamos **o** e **a selvagem**, vamos usar **a personagem** para os indivíduos femininos ("a personagem Capitu"; "as personagens Cecília e Isabel") e **o personagem** para o sentido abstrato (agenérico) ou para o exclusivamente masculino: "o personagem de teatro é mais denso que o personagem do cinema"; "o personagem Bentinho"; "Bentinho e Capitu são os dois melhores personagens de Machado"; e assim por diante.

Todos nós sabemos que não adianta tentar forçar uma dessas escolhas; o máximo que podemos fazer é usá-la e, assim fazendo, contribuir para sua difusão, talvez até influenciar as outras pessoas para que também a usem. E não adianta ficar torcendo para que a nossa seja considerada a vencedora, porque jamais veremos isso acontecer – as três vão permanecer vivas por muito tempo, sobrevivendo a qualquer um de nós que esteja lendo estas linhas. Cada uma delas tem as suas razões, o que faz de **personagem** um belo exemplo de tolerância linguística: usem a forma que preferirem, mas me deem o direito de defender a minha escolha.

plural dos compostos

Para entender o plural de **vale-transporte**, precisamos ingressar no perigoso território dos vocábulos compostos.

*Ilustre professor, venho indagar-lhe sobre o plural de certas palavras compostas, cujo primeiro termo são verbos, como **bate-bola, come-quieto, vale-transporte,** esta última especialmente.*

Mário V. – Rio de Janeiro (RJ)

Meu caro Mário: infelizmente, as coisas não são tão simples assim. Aliás, quando se trata de compostos, **nunca** são simples. Os compostos do Português são **sintáticos**, isto é, mantêm entre seus componentes as mesmas relações que os sintagmas da frase mantêm entre si. Uma das formas mais comuns de composição é [verbo transitivo + objeto direto] : **porta-bandeira**, **guarda-roupa**, **saca-rolha** (**porta**, **guarda** e **saca** são os verbos; **bandeira**, **roupa** e **rolha** são os objetos diretos). A leitura que deles se faz é a de "alguém ou alguma coisa que porta a bandeira, que guarda a roupa, que saca a rolha". Este tipo de composto só flexiona no segundo elemento: **porta-bandeiras**, **guarda-roupas**, **saca-rolhas**.

Acontece que em **vale-transporte** não há verbo: **vale** aqui é um substantivo, que também pode ser usado independentemente ("Preciso de um **vale**", "Já tirei dois **vales** este mês"). Pertence a outra estrutura de composição, já menos frequente, [substantivo + substantivo], presente também em **hora-aula**, **salário-família**, **operário-padrão**. A leitura desses compostos seria, a rigor, "hora **de aula**", "salário **para a família**", "operário **que serve como padrão**", "vale **para o transporte**". O plural, portanto, sintaticamente condicionado, é **horas-aula** (*horas* de aula), **salários-família** (*salários* para a família), **vales-transporte** (*vales* para o transporte). Assim se escreve na norma culta – **hoje**. No entanto, como a língua é **História**, a percepção que os falantes têm dos vocábulos muda com o passar do tempo: à medida que o vocábulo composto vai deixando de ser percebido como estrutura sintática e começa a ser considerado **um vocábulo uno**, sente-se uma fortíssima pressão estrutural da língua no sentido de colocar também uma marca de plural no **final** do composto. Daí o uso cada vez mais generalizado de

horas-aulas, **salários-famílias**, **vales-transportes**, variantes que eu jamais usaria, mas que despontam como a interpretação mais moderna desse tipo de composto.

No mesmo caso estão **vale-brinde**, **vale-refeição**, **vale-pedágio**. Bem diferente (o que ajuda a entender o que estou dizendo) é **vale-tudo;** aqui sim temos o verbo **valer** ("luta onde **vale tudo**"). A formação é análoga à de **porta-bandeira**; deveria flexionar apenas o segundo elemento. Neste caso específico, todavia, como **tudo** é uma palavra invariável, o composto fica sem flexão: os **vale-tudo**. Consegui ser claro?

vocábulos compostos: interpretação

Professor Moreno: li sua explicação sobre o plural dos compostos. Concordo que, em ***vale-compras****, a palavra* ***vale*** *seja substantivo. Mas acho que ela também pode ser interpretada como verbo (isso vale uma compra). Desse modo, as duas formas (****vales-compra*** *e* ***vale-compras****) não deveriam estar corretas?*

Ademar J. Q. – Goiânia (GO)

Meu caro Ademar, a sua pergunta bate exatamente no prego: é tão fluida a natureza de nossos vocábulos **compostos** que são poucas as afirmações definitivas que podemos fazer sobre eles – ao contrário dos vocábulos **simples**, muito mais fáceis de sistematizar, cujo comportamento segue princípios que o falante termina "adivinhando". Nos **substantivos** do Português, por exemplo, é bem definida a oposição entre o **plural**, marcado pelo **S**, e o singular, reconhecido exatamente pela ausência dele. Não nos incomodamos com os raríssimos substantivos que têm o **S** mesmo no singular (como **pires** ou **lápis**), embora falantes mais simples, sem instrução, muitas vezes interpretem essas formas como pertencentes ao plural e criem aqueles ingênuos singulares que nos fazem sorrir: "*quebrei um **pir**", "*perdi meu **lápi**" (análogo a **faquir**, **faquires** e **táxi**, **táxis**). Convém perceber que esses erros não se devem ao **desconhecimento** da regra do plural, mas sim à **interpretação** errônea dos fatos linguísticos.

A importância dessa interpretação, por parte do falante, é decuplicada no caso dos compostos. Como eu fiz questão de frisar no artigo que você menciona, os compostos não são carne, nem peixe: eles ficam num limbo intermediário entre um vocábulo simples e unitário, de um lado (como **cadeira**, **palha**), e um elemento da estrutura sintática, formado por vários vocábulos, do outro (como "**cadeira de palha**"). Graficamente, um composto atua como um vocábulo uno, pois fica isolado entre dois espaços em branco; ora, por que não acrescentamos, simplesmente, um **S** no final de **guarda-noturno**, **pé-de-moleque**, **hora-aula**, formando ***guarda-noturnos**, ***pé-de-moleques** e ***hora-aulas**? Exatamente porque sentimos a presença da estrutura sintática que lhe deu origem. Fazemos **guardas-noturnos** porque temos aí uma banal sequência de um substantivo acompanhado de seu adjetivo modificador; fazemos **pés-de-moleque** porque

estamos flexionando o **núcleo** de um antigo sintagma nominal (como **cartas de baralho**, **flores de papel**, etc.); fazemos **horas-aula** pela mesma razão, já que a presença do substantivo à direita, agindo como especificador (**aula**), é explicada pela estrutura subjacente "horas de aula".

Quando vamos operar com um vocábulo composto, essa "desmontagem" mental pode variar de um falante para o outro, criando-se assim diferentes consequências flexionais. Se eu decompuser **vale-refeição** como [**vale** uma refeição], terei enxergado aqui uma estrutura [**verbo** + **substantivo**] (análoga a **tira-gosto**, **quebra-pedra**, **porta-estandarte**), que só poderá ser flexionada no substantivo: **vale-refeições**. Se, no entanto, eu interpretá-lo como [**vale** destinado à refeição], terá a estrutura [**substantivo** + **especificador**] (análogo a **operário-padrão**, **hora-aula**), que só deve ser flexionada no primeiro elemento: **vales-refeição**.

Sempre que encontrarmos dúvida ou hesitação na flexão de um composto, podemos ter certeza de que isso foi motivado pela possibilidade, naquele determinado caso, de uma dupla interpretação sintática de seus elementos constituintes.

P.S.: No caso particular de **vale-compra**, **vale-refeição**, etc., repito que opto sempre pela interpretação [substantivo + especificador], com o consequente plural **vales-compra**, **vales-refeição**. A meu ver, este **vale** que aqui é uma substantivação formada a partir do verbo **valer**: o papel onde se escrevia (e ainda se escreve) "vale um refrigerante", "vale cem reais", "vale uma entrada para o domingo", etc. passou a ter esse nome, assim como aconteceu com o **habite-se** ou o **atenda-se**.

Além disso, quando um composto é formado de [verbo + substantivo], sempre pressupomos um **sujeito** que complete essa estrutura: **porta-estandarte** é, no fundo, "**alguém** que porta o estandarte"; **bate-estaca** é "um aparelho que bate a estaca". Isso impede que façamos uma referência abreviada ao composto, usando apenas o seu primeiro elemento ("*lá vem o **porta**", "*ouça o **bate**"), o que pode, no entanto, ocorrer em compostos cujo núcleo é um **substantivo**: o guarda-civil, o **guarda**; o mestre-escola, o **mestre**; o vale-transporte, o **vale**; e assim por diante.

os sem-terra

Na redação de um jornal, a turma diverge sobre o plural de **sem-terra**.

*Prezado Professor: o plural de **sem-termo** (s.m.) é **sem-termos**, de **sem-razão** (s.f.) é **sem-razões**, de **sem-vergonheza** (s.f.) é sem-vergonhezas. No entanto, o senhor respondeu a um leitor aconselhando-o a usar **os sem-terra**, do mesmo modo que **os sem-vergonha**, os **fora-da-lei**. E aí, como fica? Aqui no jornal é uma discussão só. Pode nos esclarecer melhor?*

Carlos – Vitória (ES)

Meu prezado Carlos (e colegas de redação): **sem-terra** fica mesmo invariável; o plural é "os **sem-terra**". Vocês não podem fazer uma analogia com **sem-razão** ou **sem-vergonheza**, porque estes dois funcionam como **substantivos**. Já **sem-terra** tem a posição e a função de um verdadeiro **adjetivo**, pois sempre tem um referente externo a ele (expresso ou elíptico); em outras palavras, este composto sempre estará numa posição sintática que pode ser descrita como [**alguém sem terra**]: [o camponês **sem-terra]**, [os camponeses **sem-terra]**. Algo idêntico acontece com o homem **fora-da-lei**, os homens **fora-da-lei**; o **fora-da-lei**, os **fora-da-lei**. Aliás, tem um filme por aí, nas locadoras, que tem o vistoso título de *Os **foras**-da-lei* (eta, ferro! Conseguiram pôr o plural na preposição!). Você também pode comparar com **sem-sal**: [mulher **sem-sal]**, [mulheres **sem-sal]**. Acho que o pessoal aí do seu jornal não ia aceitar um "**mulheres sem-sais**" – ou ia? Abraço. Prof. Moreno

P.S.: O mesmo vale para os **sem-teto**, os **sem-dinheiro**, os **sem-família**, os **sem-pão**, os **sem-vergonha**, etc.

plural dos compostos:

Estados-Nação

Estado-Nação, **hora-aula**, **folha-padrão**, **palavra-chave** – como se forma o plural desses compostos?

Caro Professor Moreno, eu tenho dúvidas sobre a expressão ***Estado-nação****. A primeira é a própria grafia – se* ***Estado-nação, Estado-Nação*** *ou qualquer uma destas duas formas, sem o hífen. A segunda diz respeito ao uso do plural. Eu estive lendo a sua esclarecedora explicação do plural de compostos e percebo que a expressão estaria entre as que são formadas por [substantivo+substantivo]; parece-me, além disso, que o sentido é "Estado que é nação" (mas isso é um pouco complicado; afinal, a expressão foi cunhada pela História para se referir à unificação da Itália e da Alemanha, pelo que sei). O plural então ficaria* ***Estados-nação****? Sempre grata pela sua atenção.*

Dea F. L.

Minha cara Dea: que palavrinha feia, essa! Olha, eu não sei exatamente tudo o que está por trás do conceito de **Estado-Nação** (já que **Estado** vai com maiúsculas, é melhor fazer o mesmo com **Nação**), mas eu flexionaria como **Estados-Nação**. Acontece que nem sempre a minha intuição concorda com a dos especialistas que usam o vocábulo. Para mim, por exemplo, um **decreto-lei** seria "um **decreto** que tem a força de **lei**, que a ela se equipara"; nada mais justo do que fazer o plural **decretos-lei** – no que eu sou literalmente atropelado pela grande nação dos juristas, que usam exclusivamente **decretos-leis**.

Isso se entende facilmente: há uma forte tendência a tratar como **formas variáveis** ambos os elementos dos compostos do tipo [**subtantivo** + **substantivo**]: em vez de **horas-aula**, **palavras-chave**, **folhas-padrão**, que é a flexão canônica, cada vez mais aparecem formas como **horas-aulas**, **palavras-chaves**, **folhas-padrões**. É tal a incidência dessas últimas (e desengonçadas) flexões que já dá para perceber em que direção o quadro está avançando. Contudo, se mais uma vez temos aquela oportunidade de escolher entre duas formas, continua valendo o princípio fundamental: **o estilo é a soma de nossas opções**. Quem usa **Estados-**

Nação, **horas-aula**, **palavras-chave** revela bom gosto e sensibilidade linguística; os outros, não.

surdo-mudo

De uma vez por todas: o composto **surdo-mudo** NÃO é uma exceção e flexiona como todos os outros.

Prezado Professor: há um vocábulo composto que é apontado como exceção por um grande número de gramáticas. Refiro-me a ***surdo-mudo****, que pode flexionar-se ora como* ***surdo-mudos****, ora como* ***surdos-mudos****; ora como* ***surdo-muda****, ora como* ***surda-muda****. Lembro de ter visto, em algum lugar, o senhor dizer que não há exceções em nossa língua. Afinal,* ***surdo-mudo*** *é ou não é exceção?*

A. Paula – Anta Gorda (RS)

Minha cara Ana Paula: apesar de muitos gramáticos tratarem este vocábulo como exceção, ele é um composto como qualquer outro. Sua flexão é absolutamente regular e previsível, como você vai ver em seguida; o problema da maioria desses gramáticos é a falta de uma formação científica adequada. Alguns têm sensibilidade aguçada para os fatos da língua, mas não conseguem enquadrar os fatos que observam na moldura da teoria. Vejamos.

Como você já deve ter percebido, os compostos do Português podem ser **substantivos** ou **adjetivos**. Na flexão dos **substantivos compostos**, aplica-se, basicamente, o princípio de flexionar todos os componentes flexionáveis do vocábulo. Observe **couve-flor**, **couves-flores**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **segunda-feira**, **segundas-feiras** – todos os componentes (os substantivos **couve**, **flor**, **obra** e **feira**; os adjetivos **prima** e **pintada**; o numeral **segunda**) fizeram o que habitualmente fazem quando são vocábulos isolados: formaram alegremente o seu plural. Compare com **guarda-chuva**, **guarda-chuvas**; **abaixo-assinado**, **abaixo-assinados**; o **vale-tudo**, os **vale-tudo** – os componentes com flexão nominal flexionaram-se (o substantivo **chuva** e o particípio **assinado**), enquanto os demais fizeram o que costumam fazer: ficaram invariáveis (os verbos **guarda** e **vale**; o advérbio **abaixo**; o indefinido **tudo**). Na frase "o **surdo-mudo** voltou", interpretamos o composto como formado de um substantivo (**surdo**) mais um adjetivo (**mudo**); consequentemente, vamos variar os dois componentes do vocábulo: o **surdo-mudo**, a **surda-muda**, os **surdos-**

mudos, as **surdas-mudas.**

Diferente, contudo, é a formação dos **adjetivos compostos**: ou eles estão constituídos de [adjetivo+adjetivo] ou de [substantivo+adjetivo]. No primeiro caso (que é o que nos interessa aqui), só flexionamos o **segundo** componente: parecer **técnico-científico**, pareceres **técnico-científicos**, assessoria **técnico-científica**, assessorias **técnico-científicas**. Note como só sofreu variação de gênero e número o adjetivo **científico**. Ora, na frase "o menino **surdo-mudo** voltou", o composto é agora interpretado como um adjetivo do primeiro tipo; sua flexão, portanto, será "o menino **surdo-mudo**", "os meninos **surdo-mudos**", "a menina **surdo-muda**", "as meninas **surdo-mudas**". Podemos até fazer uma frasezinha mnemônica (boa para lembrar): "No ensino dos **surdos-mudos** [substantivo] é importante que haja professores **surdo-mudos**" [adjetivo]. Você quer mais? "A **surda-muda** [substantivo] tinha receio de gerar uma filha **surdo-muda** [adjetivo]." Percebe a confusão daqueles gramáticos? Não se deram conta de que o vocábulo, ao mudar de classe, ficou submetido a outro sistema de regras. Espero ter sido claro, que o assunto é meio enroscado.

superlativos eruditos

Um dia muito frio é **friíssimo** ou **figidíssimo**? Uma pessoa muito magra é **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**?

Uma leitora que atende pelo sugestivo pseudônimo de **lovebygirls** pergunta: "Qual o **superlativo erudito** das seguintes palavras (segue-se a lista abaixo). Há alguma regra para descobrir o superlativo erudito de palavras terminada em **L** e **ÃO**?". Minha resposta foi a que segue:

Para começar, aqui vão os superlativos que você pediu:

amargo	**amaríssimo**
áspero	aspérrimo
cristão	cristianíssimo
doce	dulcíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo

livre	libérrimo
magro	macérrimo
miúdo	minutíssimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
sensível	sensibilíssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
vulnerável	vunerabilíssimo

Friso que essas são as **formas eruditas**; é evidente que todos eles admitem uma forma vernácula, formada simplesmente pelo acréscimo de **-íssimo** ao

radical atual. Quanto à existência de uma regra para descobrir o superlativo erudito (não só de adjetivos terminados em **L** ou **ÃO**, mas de qualquer um deles), é muito simples: é só voltar ao Latim. Ali é que os eruditos se formam. **Sábio** é ***sapiens***; **livre** é *liber*; **frio** é ***frigidus***; **doce** é *dulcis*; **magro** é *macer*; e assim por diante – isso explica **sapientíssimo**, **libérrimo**, **frigidíssimo**, **dulcíssimo** e **macérrimo** (as colunas sociais criaram um **magérrimo**, cruza de jacaré com cobra-d'água, que já ganhou a preferência popular...). Os que terminam em **-vel**, hoje, mesmo não sendo de origem erudita, voltam a assumir o **B** da forma latina do sufixo (**agradável** – **agradabilíssimo**); os que terminam em **ÃO** geralmente assumem a outra forma da nasal que tinham no Latim (o **N**), como em **cristão**>**cristianíssimo**, **pagão**>**paganíssimo**. Isso, contudo, não tem nada a ver com regras de formação de superlativos; trata-se simplesmente de mudanças fonológicas bem mais amplas, ocorridas na passagem do Latim ao Português. Além disso, os adjetivos que possuem, em nosso idioma, este superlativo especial, erudito, são em muito pequeno número: não chegam a duas centenas, o que é quase nada, comparado aos 100 mil adjetivos que temos hoje – numa estimativa muito moderada.

o gênero de **champanha**

Caro Professor: li um artigo de sua autoria sobre ***o champanha****, com o qual, data* ***maxima venia****, não concordo, se é que me cabe não concordar! A vida inteira os meus professores de Português me ensinaram a dizer* ***o champanha*** *(masculino). Não sei, para mim, soa difícil* ***a champanha****. Na França lhe perguntarão num restaurante "Voulez-vous* ***du*** *champagne, Monsieur?". Jamais diriam "de* ***la*** *champagne"...*

Eduardo

Prezado Eduardo: é claro que todos os meus leitores têm o direito de concordar ou não com o que eu digo; eu apenas tento persuadir vocês a pensarem como eu, mas nem sempre tenho sucesso. Você diz que seus professores de Português passaram a vida inteira a dizer que **champanha** é masculino? Pois temos algo em comum: os meus também. No entanto, ao longo da minha carreira, fui ficando cada vez mais convencido de que o gênero deste vocábulo, no Brasil, passou a ser feminino. Não posso precisar quando isso aconteceu, mas **sei** que aconteceu. Como você sabe, atribuímos um **gênero** a todos os nossos substantivos. Os que correspondem a **seres sexuados** (**macaco**, **cantor**, **mestre**, **leão**) geralmente apresentam uma forma masculina e uma feminina; nesses casos, o gênero combina biologicamente com o sexo. O gênero dos demais substantivos, contudo, é **arbitrário**: eles se distribuem entre **masculinos** e **femininos** segundo critérios imponderáveis. Se compararmos os pares **teste** e **tosse**, **dia** e **pia**, **pau** e **nau**, **lápis** e **cútis**, **nariz** e **cicatriz**, **talismã** e **avelã**, podemos ver que nada existe nesses vocábulos que justifique sua diferença de gênero. Uns são femininos e outros são masculinos simplesmente porque assim se fixaram no nosso léxico. Estudos modernos mostram que os falantes, ao atribuir o gênero aos vocábulos, sofrem uma razoável influência do perfil fonológico – mas isso é especializado demais para estas páginas.

É claro que há hesitações; **hélice**, por exemplo, é feminino para uns e masculino para outros. Em muitos casos, essas hesitações já se resolveram: no século XVI, na obra de Camões, ainda se lê **a planeta**, **a cometa**, hoje definitivamente masculinos; até bem pouco tempo era comum ouvir-se **a**

telefonema ou **a pijama**. Quando **a soja** foi introduzida no Brasil, defendia-se o gênero masculino, já que seria **o** [feijão] **soja**; com o tempo, os dicionários passaram a admitir os dois gêneros, e hoje, finalmente, registram apenas "s.f." ("substantivo feminino"). Acho que vai acontecer exatamente o mesmo com **champanha**. Como vocábulos com este perfil são basicamente femininos (**aranha**, **barganha**, **cabanha**, **castanha**, **entranha**, **façanha**, **montanha**, **picanha**), o gênero fixou-se no feminino, apesar do esforço das gramáticas escolares em mantê-lo no masculino. É apenas questão de tempo, e os dicionários estarão consagrando o feminino. Espere e verá.

Outra coisa: não me venha, meu caro Eduardo, com essa de invocar o Francês. Nos vocábulos importados, em nada interessa o gênero que eles têm no seu idioma de origem; seu gênero **no Português** só vai ser definido no momento em que ele entrar **no Português**. Um bom exemplo são os numerosos substantivos franceses terminados em ***-age***: ***sabotage***, ***mirage***, ***chantage***, ***garage***, ***camouflage*** – todos masculinos. Ao ingressarem em nosso léxico, sofrem duas adaptações indispensáveis: primeiro, recebem um **M** final, passando a fazer parte da numerosa classe de nossos substantivos terminados em **-agem**. Escrevemos **sabotagem**, **miragem**, **chantagem**, **garagem** e **camuflagem** do mesmo modo que escrevemos **abordagem**, **bobagem**, **calibragem**, **ferragem**. Além disso, assim como seus confrades brasileiros, esses vocábulos vindos do Francês recebem o gênero **feminino**. Quer outros exemplos? ***la cocarde*** virou **o cocar** (sim, é palavra de origem francesa, e não indígena!); ***la purée*** virou **o purê**; ***la enveloppe*** virou **o envelope**. E você quer negar que ***la fondue*** (***fonduta***, feminino no Italiano) já é, para nós, **o fondue**? Respeito a opinião dos professores que defendem **o champanha** (aliás, compartilhada pela maioria dos gramáticos escolares); apenas discordo dela, pelos argumentos que apresentei. Escolha a que mais lhe aprouver, porque em qualquer uma delas você vai andar em boa companhia.

P.S.: Como no caso de **vitrina**, **vitrine**, começa a ganhar corpo a variante **champanhe**.

mais bom ou **melhor**?

*O juiz Túlio M., do Rio Grande do Sul, assíduo leitor e importante colaborador desta página, provoca o tema: "Existe outro contexto – além de superlativo de **bom** – em que pode ser utilizada a palavra **melhor**?". E acrescenta: "A forma **melhor** pode sempre substituir **mais bem**, ou há casos em que não são intercambiáveis?". Minha resposta é a presente lição.*

Melhor, além de ser a forma comparativa de superioridade do adjetivo bom (mais bom = melhor), serve também como comparativo de superioridade do advérbio **bem** ("ele escreve melhor que o irmão, ele está passando melhor, ele corre melhor quando está descalço"). Em frases como essas, seria inaceitável usar a forma analítica **mais bem**; a substituição por **melhor** é obrigatória.

Antes de particípios, contudo, é a forma analítica a preferível: "casa **mais bem** construída, prédio **mais bem** desenhado". Esse é o uso culto, tradicional, de nossa língua. Pode ser substituído pela forma sintética: "casa **melhor** construída, prédio **melhor** desenhado" – embora os ouvidos educados registrem aqui uma nota de estranheza.

O problema é que, se às vezes é indiferente (a não ser pela elegância) optarmos por uma ou outra forma, outras vezes o emprego de **melhor** fica bloqueado. Quem conseguiu deslindar bem o problema foi, como sempre, Celso Pedro Luft, que distingue duas estruturas diferentes:

(1) mais bem [particípio]
(2) mais [bem + particípio]

Em (1), **mais** modifica **bem**, e os dois juntos vão modificar o particípio. Neste caso, podem-se usar ambas as formas:

Esta casa está mais bem [construída]
Esta casa está melhor [construída]

Em (2), **mais** modifica o conjunto [bem + particípio]; são vocábulos em que **bem** parece estar formando uma verdadeira unidade com o particípio,

funcionando como uma espécie de prefixo. Aqui NÃO poderíamos usar **melhor**.

A Alemanha ficou [bem colocada] na disputa, mas a França ficou ainda mais [bem colocada].

Isso fica ainda mais evidente nos casos grafados com hífen: se estou escrevendo, a presença do hífen em **bem-aventurado**, **bem-educado**, **bem-intencionado**, **bem-nascido**, **bem-vindo**, **bem-sucedido**, etc. me avisa que este bem não pode combinar com o **mais** para fazer **melhor**. Infelizmente o uso do hífen não é consistente e regular o bastante para nos trazer tranquilidade. Além disso, quando eu falo, desaparece esse recurso visual, e a instantaneidade da fala não me permite examinar cuidadosamente cada estrutura. Por essa razão, uma vez que **melhor** é, das duas formas, a que sofre restrições a seu uso, a solução é usar sempre **mais bem** antes de particípios. Assim estarei sempre certo.

plural das siglas

Prezado Professor Moreno: em um artigo seu, percebi que o senhor defende a pluralização das siglas, como ***PCs, ORTNs, CPIs****. Achei estranho tal assunto, haja vista nunca ter lido nada a respeito, quer do ponto de vista gramatical, quer sob outra ótica. Assim, estou tomando a liberdade de perguntar-lhe: onde está determinado ou definido que siglas possuem plural? Que convenção, acordo, tratado, etc. estabeleceu tal assertiva?*

Jorge S. – Salvador (BA)

Prezado Jorge: você ficaria surpreso ao saber o quão pouco, em nossa língua, está regulamentado por "convenção, acordo, tratado, etc.", como você mesmo diz. Na verdade, **apenas a ortografia** (emprego das letras e acentuação, mais uma partezinha do hífen) recebeu uma regulamentação. Todo o resto (quando eu digo **todo**, é **todo**) é objeto apenas de estudos, discussões, opiniões, posições divergentes, etc. **Nada** – mas nada mesmo, nem a crase, nem a pontuação, nem a colocação dos pronomes, nem a flexão das palavras, nem mesmo a conjugação dos verbos! –, nada mais tem lei, acordo, convenção, tratado, portaria ou aperto de mão. **Temos de ler os estudiosos, distinguir o que um ou outro tem de melhor e ir formando uma convicção sobre as infinitas escolhas que um idioma coloca para seu usuário, trabalho que leva a vida toda.**

Isso, Jorge, vale para qualquer língua do mundo que eu conheça; expressar-se bem é uma luta constante, e ninguém pode dizer que está pronto. No caso do Brasil, ainda temos de soltar foguetes, porque o Inglês e o Francês, por exemplo, nem mesmo lei ortográfica possuem!

Por que levar as siglas para o plural? Olhe, a julgar pela internet, os portugueses não costumam fazê-lo. Não existe ninguém (não há um **deus da gramática**, Jorge) que possa dizer se eles estão certos ou errados; podemos apenas comparar duas hipóteses e optar pela que parece ser mais lógica e consistente. Eu, por exemplo, sigo a lição do meu grande mestre Celso Pedro Luft, que ensinava que as siglas, no momento em que são substantivos (mesmo criados artificialmente, são substantivos, exercendo todas as funções sintáticas reservadas a essa classe de palavras), passam a ter plural, que é assinalado, no Português, pelo acréscimo do **S**: "a convenção anual das **APAEs**", "o valor

estava expresso nas antigas **ORTNs**"; "as **CPIs** estão paralisando o governo"; "o local parecia ser o preferido pelos **ETs**"; e assim por diante (como, aliás, é feito com as **abreviaturas**, das quais as siglas são irmãs: **drs**., **srs**., etc.).

Temos de perder essa ilusão legalista (de que existe uma "**lei**" do Português); se você ler o que escrevi sobre **tele-entrega**, no volume 1 deste mesmo livro, vai entender a necessidade de tomarmos decisões (individuais) na hora de escrever. O melhor que podemos fazer é cercar essas decisões de todo o apoio de autoridades e especialistas – mas não podemos esquecer que, na maioria dos casos, estaremos apenas embasando nossa **opinião** na **opinião** de outros. Se até em Direito é assim, apesar da Constituição, dos Códigos, das Leis, etc., por que seria diferente em linguagem, material muito mais amplo e movediço?

Curtas

plural de **porta-voz**

> A gentil Carla quer saber o **plural** de **porta-voz**; **porta-bandeira**, diz ela, faz o plural **porta-bandeiras**, mas isso não seria válido apenas para objetos? Como em **porta-voz** são várias pessoas que respondem por outras, o plural não poderia ser **portas-vozes**?

Minha prezada Carla: o problema nada tem a ver com objetos ou pessoas, mas sim com a formação do vocábulo composto. Qualquer combinação do tipo [**verbo** + **substantivo**] só pode flexionar, por motivos óbvios, no **substantivo**. Por isso, saca-**rolhas**, porta-**bandeiras**, porta-**vozes**, guarda-**chuvas**, etc. Sinto muito, mas ***portas-vozes** é completamente impossível.

plural de **garçom**

> Thiago Bahia quer saber qual é o plural de **garçom**; segundo o leitor, nos dicionários pesquisados na internet, a forma **garçons** é desconhecida, aparecendo **garção** e **garções**.

Meu caro Thiago: é porque os dicionários atualmente disponíveis na internet (de uso livre) são todos de **Portugal**, onde eles, apesar de chamarem o garçom de **moço**, registram sempre **garção**. No Brasil (basta ver no ***Aurélio*** e no ***Houaiss***), usamos **garçom, garçons**.

pastelzinho, **pasteizinhos**

Alexandre, de Limeira (SP), trabalha com propaganda e quer saber qual a forma correta para o plural de **pastelzinho**: **pastéiszinhos** (SZ), **pastéizinhos** (IZ) ou **pastelzinhos** (LZ).

Meu caro Alexandre, você conseguiu dar três na tábua e nenhuma no prego! O plural de **pastelzinho** é feito em duas etapas: (1) levamos para o plural ambos os elementos que o compõem: **pastéis** + **zinhos**; (2) unimos agora tudo de novo – ocasião em que **o acento** e o **S** vão desaparecer: **pasteizinhos**.

coletivo de **urso**

O leitor Alexandre Lazarini pergunta qual seria o coletivo de **urso**.

Meu caro Alexandre: e **urso** tem lá coletivo? A língua só produziu coletivos específicos para os animais gregários, que vivem em **rebanhos** ou **cardumes** (que já são coletivos). Para o resto, usamos vocábulos genéricos, como **bando**, **grupo**, **monte**, **turma**, etc. Escolha um para urso, e bom proveito.

elefanta, **elefoa**

> Janaína, de Belo Horizonte (MG), quer saber se o feminino de elefante é **elefanta** ou **elefoa**. Diz que já assistiu a vários programas de televisão que consideram **elefoa**, mas nas gramáticas que consultou ela encontrou **elefanta**.

Minha cara Janaína: as duas formas têm muitos registros nos textos clássicos; contudo, como sempre acontece quando duas formas disputam entre si, uma delas foi pouco a pouco sendo abandonada, ficando, soberana, a forma **elefanta**.

coletivo de **borboleta**

> Luiz Garfield traz sua dúvida: o coletivo de **borboleta** seria **panapaná** ou **panapanã**?

Meu caro Luiz: o ***Aurélio*** registra tanto **panapaná** quanto **panapanã**, embora prefira a primeira forma. Agora, um aviso: isso **não** é o coletivo de borboleta, mas um termo de origem indígena que designa um fenômeno específico, em que uma grande quantidade de borboletas – um **bando** – aparece em determinadas épocas do ano. Abraço. Prof. Moreno

gentílico de **Groenlândia**

A leitora Edna quer saber qual é o adjetivo pátrio de quem nasce na **Groenlândia**.

Minha cara Edna: o homem é o **groenlandês**; a mulher, a **groenlandesa** – da mesma forma que, para a Tailândia, temos **tailandês** e **tailandesa**.

macaco tem aumentativo?

> O leitor Hélio tem uma estranha dúvida: quer saber se a palavra **macaco** tem aumentativo e, se tiver, se é como o aumentativo de outras palavras similares.

Meu caro Hélio: não entendi a sua dúvida. É claro que o aumentativo de **macaco** é **macacão**. Não importa que este termo também sirva para designar um tipo de traje inteiriço; afinal, a forma normal, **macaco**, também designa, além do símio, a ferramenta de levantar o carro. A formação é canônica, em nossa língua: **cavalo**, **cavalão**; **cachorro**, **cachorrão**; **touro**, **tourão**; e por aí vai a valsa.

plural de **médico-hospitalar**

> Luís Henrique quer saber duas coisas: qual é o plural de serviço **médico-hospitalar**? Esse hífen é realmente necessário?

Meu caro Luís Henrique: serviços **médico-hospitalares** – só o segundo elemento do adjetivo composto vai variar. Se você não quiser usar o hífen, vai ter de decompor o adjetivo em dois elementos autônomos, unidos por conjunção – aí sim com flexão dupla: serviços **médicos** e **hospitalares**.

plural de **refil**

Danilo C., de São Paulo (SP), precisa saber o plural de **refil**.

Meu caro Danilo: apesar de refil ter vindo diretamente do Inglês (***refill***), ao entrar em nosso idioma passará a ter o plural dos vocábulos com o mesmo perfil fonológico: **barril**, **barris**; **funil**, **funis**; **refil**, **refis**.

plural de **beija-flor**

A leitora Mitiko gostaria de saber qual o plural de **beija-flor**.

Minha cara Mitiko: **beija-flor** faz o plural **beija-flores**, assim como **porta-estandarte** e **guarda-chuva,** também formados por [verbo + substantivo], fazem **porta-estandartes** e **guarda-chuvas**.

plural de **gado**

> Um leitor anônimo pergunta se a palavra **gado** pode ser usada no plural, em frase do tipo "Trezentos e vinte e três **gados** foram comprados".

Meu caro anônimo: é claro que **gado** tem plural, como qualquer substantivo, mas seu uso é muito raro (a doença atinge **os gados** vacum e ovelhum, por exemplo). Não é o caso, no entanto, da frase que você apresentou como exemplo. Ali não se trata de **gado**, mas de **reses**. Use, portanto, 323 **reses** ou 323 **cabeças de gado**.

diminutivo de **álbum**

A leitora Elaine gostaria de saber o diminutivo da palavra **álbum**.

Minha cara Elaine: o diminutivo de **álbum** é **albunzinho**, embora se ouça muito a forma popular (geralmente na linguagem infantil) **albinho**, que não deve ser usada em textos cuidados.

coletivo de **cobra**

O leitor Nilson Rossano vem com mais uma pergunta sobre os inúteis coletivos: qual seria o coletivo de **cobra**?

Meu caro Nilson: só têm coletivos próprios aqueles animais que nós, humanos, sempre tratamos como **grupos**: reses, lobos, elefantes, ovelhas, pássaros, cabras, porcos, camelos. Para os demais – tartaruga, jacaré, anta, preá, canguru, etc. – usamos os coletivos genéricos (**bando**, **grupo**, etc.). Para cobras, já vi **serpentário**, mas isso não é exatamente um substantivo coletivo.

feminino de **réu**

> Fábio Rodrigues ouviu de uma colega que a mãe dela poderia tornar-se **ré** num processo judicial e quer saber se isso está correto – ou seria **réu**, ainda que fosse ela?

Meu caro Fábio: claro que existe o feminino! “Esta companhia é **ré** em doze processos trabalhistas”, “O juiz condenou a **ré** a dois anos de detenção”. Isso você encontra em qualquer dicionário! Agora, em termos genéricos (os dois polos do processo), a mãe de sua amiga poderá figurar como **réu**: Quem é o **autor**? Quem é o **réu**?

anfitriã ou **anfitrioa**

O leitor Ubiratan diz que sempre tem ouvido **anfitriã**, mas que a forma **anfitrioa** lhe parece mais correta. E eu, o que penso?

Meu caro Ubiratan: pode ser tanto **anfitrioa** quanto **anfitriã**. Essa indefinição é uma das características dos nomes em **ÃO**, que apresentam flexões variadas, ora em gênero, ora em número. Só para exemplificar, dei uma recorrida no ***Aurélio*** e catei alguns vocábulos em **OA** que admitem a variante em **Ã**, além de anfitrioa: **alemoa**, **ermitoa**, **faisoa**, **tabelioa**, **teceloa** e **viloa**. Minha intuição linguística me diz, entretanto, que as formas em **Ã** são consideradas hoje mais cultas que as outras: **anfitriã**, **alemã**, **ermitã**, **vilã**.

plural de **vice**

> Taíse, de Nova Prata (RS), comenta uma manchete de jornal de sua cidade: “Vices-prefeitos governam municípios da região”. O plural da palavra **vice-prefeito** está correto?

Não, minha cara Taíse. O plural é **vice-prefeitos**. **Vice** é um prefixo invariável; só o veremos no plural quando estiver substantivado: “Na reunião, estavam presentes todos os diretores e os **cinco vices”**.

plural de **segunda-feira**

O leitor Moacir quer saber como se escreve **segunda-feira** no plural.

Meu prezado Moacir: todas as **segundas-feiras**, todas as **quartas-feiras**, etc. É muito simples.

feminino de **reitor**

> Acir C., do Paraná, pergunta: "Em nossa universidade, surgiram algumas polêmicas e ninguém chegou a conclusão alguma. Nosso reitor é um homem. A vice dele é uma mulher. Como ela deve ser chamada? **Vice-reitor** ou **vice-reitora**? As mulheres são **pró-reitores** ou **pró-reitoras**?"

Prezado Acir: nas universidades modernas pode haver **reitores** ou **reitoras**, **pró-reitores** e **pró-reitoras**. Com a inevitável ascensão da mulher, todos os cargos estão sendo flexionados no feminino: temos **desembargadoras**, **senadoras**, **prefeitas**, **reitoras**, **juízas**, **promotoras** (veja, anteriormente, o que escrevi sobre **generala**). O que as mulheres daí dizem dessa polêmica?

diminutivo de **vizinho**

Rosângela, professora de Língua Portuguesa em Sorocaba (SP), quer saber qual é o diminutivo de **vizinho**. Acrescenta que procurou no ***Aurélio***, que não traz nada sobre o assunto.

Minha cara Rosângela: a formação do diminutivo de **vizinho** é automática (e por isso o Aurélio não registra): **vizinho** + **zinho** = **vizinhozinho**. Como o de **vinho** (**vinhozinho**) , **pinho** (**pinhozinho**), etc. E não se esqueça de Guimarães Rosa: "Bala é um **pedacinhozinho** de metal".

plural de **guarda-sol**

> João Vicente quer saber o plural de **guarda-sol**; segundo ele, há autores que indicam **guardas-sol**, alegando que, por existir apenas um sol, esta palavra não se flexiona.

Meu caro João: para começar, o elemento "guarda" de **guarda-sol** é o verbo **guardar** e, portanto, fica invariável (como **guarda**-chuva, **guarda**-chuvas); nunca poderia flexionar em **guardas**. E que história é essa de só termos um sol? Não estamos falando do astro, o **Sol** (notou a maiúscula?), mas do **sol**, a luz deste astro.(Não devem ficar muito tempo no **sol**, meninos!) **Guarda-sol**, **guarda-sóis** – o plural é normal. Aliás, só na nossa galáxia há milhares de sóis...

plural de **quebra-sol**

> Ivan está em dúvida sobre o plural dos compostos. Sabendo-se que **guarda-roupa** no plural fica **guarda-roupas**, como ficaria **quebra-sol** no plural? **Quebras-sol** ou **quebra-sóis**?

Meu caro Ivan, sua resposta já está na sua pergunta. **Guarda-sol** e **quebra-sol** são compostos análogos, com a mesma estrutura [verbo + substantivo]. Se **guarda-sol** faz **guarda-sóis** (o verbo fica invariável; só o substantivo flexiona), então **quebra-sol** faz **quebra-sóis**. É exatamente a mesma coisa.

plural de **curriculum vitae**

> Giane gostaria de saber qual é o plural da palavra ***currículo vitae***.

Prezada Giane: não existe ***currículo vitae***. Ou você usa em Latim – ***curriculum vitae*** – ou em Português – apenas **currículo**. Se usar no Latim, o plural é ***curricula vitae***; no Português, é claro que é **currículos**.

feminino de **boi**

> Vi numa gramática que **vaca** não é feminino de **boi**. Então, como se chama a esposa dele?

Prezada Paula: acho que você fez uma pequena confusão com o que leu: **vaca** não é o feminino de **boi** no sentido morfológico, como **aluna** o é de **aluno** e **gata** de **gato** – mas continua a ser o feminino biológico! Não podemos misturar uma coisa com a outra. O feminino morfológico é formado pelo acréscimo de A ao masculino (**pato**, **pata**; **rato**, **rata**; **cantor**, **cantora**). Há femininos, contudo, que são indicados por uma palavra completamente diferente: **homem**, **mulher**; **boi**, **vaca**; **bode**, **cabra**.

plural de **pôr-do-sol**

Adrieli P. quer saber se a palavra **pôr-do-sol** tem plural.

Claro, Adriele: é **pores-do-sol**. O verbo substantivado vai se pluralizar normalmente, como acontece com os **haveres**, os **afazeres**, os **ires** e **vires**, etc.

curriculuns?

Carmem V. pergunta se está certo escrever **currículuns**.

Prezada Carmem: ou você usa a forma latina ***curriculum vitae***, cujo plural é ***curricula vitae*** (***curriculum*** é um neutro da 2ª declinação e faz o plural em A), ou opta pela forma simplificada (e mais moderna) **currículo**, cujo plural vai ser, naturalmente, **currículos** (Ontem examinei mais de dez **currículos**). A escolha é sua; agora, ***curriculuns*** é bicho bravio, que não existe.

plural de **curta-metragem**

Bel e Sandro querem saber qual é o plural de **curta-metragem**.

Prezados amigos: **curta-metragem** tem o plural **curtas-metragens**, assim como **longa-metragem** faz **longas-metragens**. Ambos os elementos do composto (adjetivo e substantivo) são normalmente flexionados.

coletivo de **corvo**

Adriano D. quer saber onde pode estudar os coletivos e qual seria o coletivo de **corvo**.

Meu caro Adriano: o estudo dos coletivos é extremamente limitado. São poucos os coletivos específicos que existem no Português; a maioria dos pássaros, por exemplo, vivem em **bandos** – e isso vale para corvo, pombo ou pardal. Não perca seu tempo com isso; quem valorizava isso eram os gramáticos do século passado, que faziam listas e listas, a maioria delas absolutamente fantasiosas e artificiais. Não admira que não se encontre quase nada na bibliografia moderna. O dicionário ***Houaiss*** (versão eletrônica) tem uma função específica que se ocupa disso.

coletivo de **mosquito**

Roberto, de Niterói (RJ), gostaria de saber qual é o coletivo de **mosquito**.

Meu caro Roberto: mas que pergunta! Uns usam **bando**, outros usam **nuvem**, outros usam **enxame** – não existem coletivos oficiais, como você bem sabe. Agora, um comentário: ninguém mais leva a sério os substantivos coletivos, exatamente porque eles estão ficando genéricos demais! Espero que não haja nenhum professor por aí perdendo tempo com essas chinesices.

segundas-vias

> Walda M. quer saber qual a forma correta – eu solicitei a **segunda via** ou as **segundas vias** das contas?

Minha cara Walda: você pode escolher a que mais lhe agradar. “Mandei **as cópias** das onze faturas” ou “mandei **a cópia** das onze faturas”; “arquivei **os canhotos** de todos os recibos” ou “arquivei **o canhoto** de todos os recibos”. Nesses exemplos, eu prefiro o singular – **segunda-via**, **cópia**, **canhoto** –, mas o plural também está correto.

tigresa

> Flávio S., de Vitória (ES), está num impasse: o Aurélio diz que o feminino de **tigre** é **tigresa**, mas seu professor discorda, afirmando que é **tigre fêmea**. Qual é o correto?

Meu caro Eduardo: tanto o ***Aurélio*** quanto o ***Houaiss*** registram **tigresa** como um feminino possível para **tigre**. Talvez essa forma tenha vindo do Espanhol, onde ela é comum, mas isso não importa. Tradicionalmente, aparece muito o "tigre fêmea", mas o século XX viu também o incremento do uso do feminino sufixado. Você pode escolher o que mais lhe aprouver.

autoelétrica

> Adalberto, de São Paulo (SP), gostaria também de saber qual é o correto, se é **autoelétrico** ou **autoelétrica**.

Meu caro Adalberto: **autoelétrico** é um adjetivo composto, do mesmo tipo que **médico-cirúrgico**. Como tal, ele vai concordar com o substantivo a que estiver ligado, flexionando sempre o segundo elemento do composto: tratamento médico-**cirúrgico**, clínica médico-**cirúrgica**, plantões médico-**cirúrgicos**. Da mesma forma, serviços auto**elétricos**, oficinas auto**elétricas**. Na rua, geralmente vemos **autoelétrica**, porque aqui se pressupõe claramente o vocábulo "**oficina"** (o mesmo substantivo feminino que está por trás da concordância de "**retificadora** de motores", "**vulcanizadora** de pneus", etc.).

federal, **federais**

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa: **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: os **policiais federais**, as **faculdades federais** – do mesmo modo como temos **leis municipais**, **impostos estaduais**, etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na concordância nominal.

plural de **fax**

A leitora Fabiana precisa saber como se escreve a palavra **fax** no plural.

Prezada Fabiana: é igual ao singular: eu prefiro um **fax**, dois **fax**, do mesmo modo que um **sax**, dois **sax**. No entanto, o ***Houaiss*** também admite as formas **faxes** e **saxes**, que o ***Aurélio***, por sua vez, recomenda como único plural.

gênero de **omelete**

É **um** ou **uma** omelete? – pergunta Valquíria C., de São Bernardo do Campo (SP).

Minha cara Valquíria: embora o ***Houaiss*** dê **omelete** como sendo indiferentemente masculino ou feminino, prefiro seguir aqui a lição do mestre ***Aurélio*** e considerar o vocábulo como **feminino**; não foi por acaso que a variante que se formou (e que ambos os dicionários registram) é **omeleta**. Portanto, diga vou comer **uma** omelete, e bom proveito.

tunelão?

> João F. C. conta que esteve em visita a uma empresa ferroviária em Minas e lá estava escrito **tunelão**, referindo-se a um túnel grande. Está correto?

Meu caro João, eu preferiria **tunelzão**, formado no mesmo padrão que **facilzão**; no entanto, ao que parece, optaram por **tunelão**, seguindo o modelo de **papelão**. Quer minha opinião? Ambas as formas são horríveis.

os guarani?

José Ricardo A., de São Paulo, diz ter lido num livro escolar uma frase que começava assim: “Os **Guarani”**. Isto está certo?

Não, meu caro José. Isso aí foi uma moda inventada pelos antropólogos: há uma convenção de uso, entre eles, de sempre deixar o nome das tribos indígenas no singular: os **bororo**, os **guarani**. Isso não vale, no entanto, para a linguagem das pessoas normais (como, aliás, convenções específicas usadas entre matemáticos ou químicos também não valem). Vamos escrever os **guaranis**, os **tupis**, os **tupinambás**, como sempre escreveram os nossos melhores autores (basta ler Vieira, Alencar e Gonçalves Dias, por exemplo).

plural de ***curriculum vitae***

> Ney C., professor de Português, pergunta se o plural de ***curriculum vitae*** não seria ***curricula vitarum*** (genitivo plural, 2ª declinação). "Afinal, temos de passar os dois termos para o plural, não?"

Meu caro Ney: não, não temos. Lembre que não precisamos (ou devemos) levar os adjuntos adnominais para o plural, automaticamente, quando flexionamos o núcleo do sintagma – e isso vale tanto para o Latim quanto para o Português. "Carreira de vida", "carreiras de vida". O plural de *curriculum vitae* é *curricula vitae*; ***vitae*** continua no genitivo singular – como, aliás, você pode ver no ***Aurélio***.

gênero de **marmitex**

As professoras Lena e Nilma perguntam se **marmitex** é palavra masculina ou feminina, formada por derivação de **marmita**.

Minhas caras: **Marmitex**, que eu saiba, não é palavra, mas uma marca comercial de papel aluminizado e afins (certamente derivada de **marmita**). Qual é o gênero? Não sei, porque a concordância, em casos como esse, é feita com relação ao objeto designado. Se for uma dessas quentinhas de alumínio, seria então **uma marmitex** – do mesmo modo que **uma gilete** (lâmina), **um modess** (absorvente), **uma havaiana** (sandália) – todas elas tradicionais marcas da indústria.

felicidade tem plural?

Walkyria G. pergunta se **felicidade** tem plural. Muito prática, quer saber como fica a letra do ***Parabéns a Você***: "**muita felicidade** ou **muitas felicidades**, muitos anos de vida?".

Prezada Walkyria, é claro que esse vocábulo flexiona em número. O dicionário ***Houaiss*** registra o plural exatamente com o sentido de **congratulações**: felicidades – votos de feliz êxito. Agora, quanto à letra da canção, acho que a escolha é livre, já que eu posso também desejar ao aniversariante **muita felicidade**.

plural de **troféu**

Paulo B., de Goiânia (GO), pergunta se o plural da palavra **troféu** é feito com alterações no vocábulo.

Caro Paulo: o plural dos nomes terminados em -**éu** é diferente do plural dos terminados em **-el**. Estes fazem o plural em **-is** (**papéis**, **pastéis**), enquanto aqueles simplesmente recebem o S (**chapéus**, **ilhéus**). Portanto, o plural é **troféus**.

plural de **arroz**

A leitora Luma R. gostaria de saber qual é o plural de **arroz**.

Minha prezada Luma, é **arrozes**. Embora pareçam estranhos esses plurais de nomes **não-contáveis**, eles são usados em contextos especiais. Existem **açúcares**, **feijões**, **arrozes**, **milhos**, **álcoois**, etc.

plural de **histórico-literário**

O leitor Ed S., de Porto Alegre (RS), precisa saber o plural de **histórico-literário**.

Meu caro Ed: panorama **histórico-literário**, revisão **histórico-literária**, panoramas **histórico-literários**, revisões **histórico-literárias**. Como você pode ver, os adjetivos compostos só flexionam o segundo elemento, seja em **gênero**, seja em **número**.

real tem plural?

O leitor Bruno, de Viçosa (MG), confessa que esteve debatendo com seus colegas de trabalho sobre o plural do **real** moeda: "Eu teimei que era 10 **real** e não 10 **reais**!".

Meu caro Bruno: você teimou de cabeçudo que é. Dizemos **dez reais** da mesma forma que vamos dizer **dez dólares**, **dez euros**, **dez marcos**, **dez pesos**. As moedas têm plural!

feminino de **beija-flor**

> Renata M. escreve da Virgínia, nos EUA, perguntando se a palavra **beija-flor** possui feminino, e por quê.

Minha cara Renata: não, **beija-flor** não tem feminino. As pessoas (e, consequentemente, o idioma) não distinguem os sexos das aves, exceto aquelas que, pela importância econômica (produção de ovos, por exemplo), precisam ser separadas em machos e fêmeas: **pato**, **pata**; **galo**, **galinha**; **peru**, **perua**; **marreco**, **marreca**. Os demais – **sabiá**, **pardal**, **tico-tico**, **bem-te-vi**, **currupião**, **pintassilgo**, etc. – são tratados como sendo de um só gênero. Às vezes há hesitação sobre o gênero de um deles, mas isso é outra coisa: uns dizem **um**, outros **uma sabiá**, mas vão usar consistentemente a sua opção tanto para machos quanto para fêmeas.

malas-diretas

> Rosangela e Silmeire, de São Paulo, precisam saber qual é o plural correto: as **mala-diretas** ou as **malas-direta**?

Prezadas leitoras: quando um composto contiver um **substantivo** e um **adjetivo**, na ordem normal do sintagma (que é S+A), ambos os elementos vão ser flexionados, assim como seriam flexionados se fossem apenas dois elementos independentes: **casa amarela**, **casas amarelas**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **mala-direta**, **malas-diretas**.

búfala

> Cleide A., de Diadema (SP), relata uma discussão com os amigos numa pizzaria: "O correto é pedir pizza de mozarela de **búfala**, como está no cardápio, ou mozarela de **búfalo**? Pois surgiu a dúvida de que **búfalo** não tem feminino...".

Prezada Cleide: como não tem feminino? Claro que tem! É **búfala** mesmo. Tome cuidado quando olhar no dicionário: quando ali diz "s.m.", isso não significa que não tenha feminino. Basta procurar **aluno**, ou **menino**, e você verá que o dicionário apenas diz qual é o gênero desta forma que está ali registrada – mas nada sobre a existência ou não da forma feminina. O ***Houaiss*** registra, com todas as letras, no verbete **búfalo**: "Fem.: búfala".

churros

> Antônio C., do Rio de Janeiro, não se conformou quando um amigo lhe disse que não se pede um **churros**, mas sim um **churro**. O leitor alega que (1) nem sempre o **S** indica o plural (como **ônibus**); (2) a palavra é de língua estrangeira, não sabendo como ela funciona no original; (3) o Português é uma língua viva, sempre se adaptando ao falar das pessoas. Conclui: "Sendo assim, dizer que **um churros** custa 50 centavos está errado?".

Meu caro Antônio, está completamente errado. É um **churro**, dois **churros**. Seu argumento de que o **S** não indica necessariamente o plural é irrelevante: você não conseguirá reunir dez substantivos assim (**ônibus**, **pênis**, **tênis**, **lápis**, **pires**), contra mais de duzentos mil que marcam o plural com esta terminação. Quanto ao Português mudar, lembre-se de uma coisa: ele muda nos detalhes, jamais no essencial; a flexão do plural é um dos fundamentos de qualquer idioma e não vai mudar enquanto nosso idioma for uma língua viva. Por último, em Espanhol, de onde veio o vocábulo, também é **churro**, **churros**. Dizer um **churros** é como pedir **um chopes**: as pessoas entendem, mas estranham.

muito dó

> A leitora Tânia C., gaúcha, mantém uma discussão cordial com alguns amigos mineiros, que juram que a palavra **dó** ("pena") é do gênero feminino, empregando expressões como "tenho **uma dó** de fulano" ou "me dá **uma dó daquelas**". Qual é a forma correta?

Minha cara Tânia: **dó**, no sentido de pena, piedade, é um substantivo **masculino** – tanto na opinião de ***Houaiss*** como na de ***Aurélio***, nossos dois dicionaristas mais abalizados. Aliás, a quase totalidade dos oxítonos em **Ó** são masculinos, como **xodó**, **cipó**, **pó**, etc., o que me faz estranhar muito essa tendência de certos estados do país usarem **dó** como feminino. A única explicação seria uma confusão semântica com "pena", a partir de analogias do tipo "estou com muita pena" = "estou com *muita dó".

gênero de **paradigma**

> Rita, de Belo Horizonte (MG), que trabalha em um escritório de advocacia, escreve para dizer que o seu chefe, ao falar de um acusado, costuma dizer que ele é **um** paradigma; se for uma acusada, diz que ela é **uma** paradigma. Afinal, **paradigma** é um substantivo de dois gêneros?

Prezada Rita: se entendi bem, o problema é saber se **paradigma** se comporta como **analista**: **um** analista, **uma** analista. Ora, é claro que não; **paradigma** é similar a **testemunha**: ele é **uma** testemunha, ela é **uma** testemunha; ele é **um** paradigma, ela é **um** paradigma.

formanda

> Ronaldo S. gostaria de saber se é correto o uso da palavra **formanda**. Acrescenta:" Já procurei no dicionário, e aparece apenas 'formando, s.m.'".

Meu caro Ronaldo: você também só vai encontrar **aluno**, **porco**, **professor**, **candidato**, etc., porque os femininos **aluna**, **porca**, **professora** e **candidata** estão implícitos. A meu ver, é uma falha técnica em nossos dicionários, que deveriam diferençar substantivos que só têm um gênero, como **alfinete**, em que caberia a indicação "s.m.", de substantivos que têm flexão, como **lobo**, que deveria trazer a indicação "s. 2 gên.".

situação-problema

> De Maria Laís P., tradicional leitora de São Paulo: “Recorro mais uma vez aos seus vastos conhecimentos para perguntar qual o plural de **situação-problema**”.

Prezada Maria Laís, é o mesmo de **aluno-problema**. Como o segundo substantivo está na função de adjetivo, ele fica invariável: **horas-aula**, **alunos-problema, folhas-padrão**, **situações-problema**.

normas-padrão

> Marlon P., de Vila Velha (ES), quer saber se o plural de **norma-padrão** é **normas-padrões** ou **normas-padrão**. Acrescenta: "Não seria o mesmo caso de **palavras-chave**, que tanta gente anda escrevendo **palavras-chaves**?".

Meu caro Marlon: quando o segundo substantivo de um composto serve para restringir o primeiro, ele fica invariável: operários-**padrão**, palavras-**chave**, horas-**aula**. Essa é a forma preferível; é claro que, no uso, muita gente está flexionando também o segundo (palavras-**chaves**, funcionários-**fantasmas**, horas-**aulas**), mas isso é ainda visto com muito maus olhos por quem escreve bem. Eu usaria, sem hesitar, **normas-padrão**.

gênero de **mascote**

Vera H. vem gentilmente perguntar se **mascote** é masculino ou feminino.

Minha cara Vera: **mascote** é um substantivo **feminino**; "aquele carneiro é a **mascote** do regimento", "o papagaio era **a mascote** preferida dos indígenas", e assim por diante. Assim vem no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***; acho que há, contudo, uma forte tendência a considerar este substantivo como um comum-de-dois, como **estudante** (**O** mascote, **A** mascote), dependendo do gênero do animal a que se refere. Em breve os dicionários vão ter de registrar essa dupla possibildade.

masculinos terminados em A

> Kleber S. escreve de Hannover (Alemanha), indagando sobre substantivos masculinos que terminam em A. Diz ele: “Conheço uma exceção clássica como **planeta** e sei que existem aqueles que admitem os dois gêneros, como **pateta**. Existe algum outro substantivo masculino terminado em **A** ou feminino com final **O**?”.

Meu caro Kleber: existem vários substantivos masculinos terminados em A: **planeta**, **cometa**, **mapa**, **tapa**, **tema**, **diadema**, **sofisma**, **diagrama**, **telefonema**, **aneurisma**, etc. – muitos deles, não por acaso, considerados **femininos** até o século XVI (Camões usava **A** cometa, **A** planeta). Agora, femininos em **O** são raríssimos; temos **tribo**, **libido** e reduções de vocábulos maiores, como **foto** e moto.

3. Como se conjuga

A flexão do nosso verbo é bem mais complexa que a dos substantivos e adjetivos, pois sua terminação vai refletir o **tempo**, o **modo**, a **pessoa** e o **número**. Uma forma como **estávamos**, por exemplo, nos fornece várias informações simultâneas: trata-se do verbo estar, na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo. Como temos **nove** tempos verbais, e cada tempo geralmente é conjugado nas **seis** pessoas gramaticais (eu, tu, ele/você, nós, vós, eles/vocês), a quantidade de formas que precisamos dominar para conjugar nossos verbos corretamente é realmente muito maior do que a exigida para a correta flexão nominal. No entanto, conjugar não é difícil como parece, e milhões de brasileiros aprenderam a fazê-lo com um pouco de estudo e de esforço – auxiliados, mais uma vez, pela extraordinária regularidade que existe em todo o sistema. As antigas professoras da escola primária sabiam disso muito bem: ao mandar que seus aluninhos decorassem um verbo terminado em **-AR** (geralmente era **cantar**, evitando assim o embaraço inevitável que traria o verbo **amar**), estavam fornecendo àquelas cabecinhas o domínio sobre 70% dos verbos de nosso idioma. Acrescentem a isso um verbo em **-ER** e um verbo em **-IR**, e terão quase a totalidade de nossos verbos na ponta da língua. Depois, era estudar as irregularidades (que não são muitas) e trazer debaixo do olho o verbo **ser** e o verbo **ir**, completamente especiais, fora de qualquer modelo conhecido (como, aliás, também o são no Inglês, no Francês ou no Espanhol).

É evidente que as páginas que se seguem vão tratar das dificuldades mais importantes e discutir os casos mais frequentes de dúvida, mostrando, como sempre tem sido a minha preocupação, o padrão que se esconde por trás da aparente irregularidade das formas flexionadas.

pego e **chego**

O ladrão foi **pego** ou **pegado** em flagrante? Eu tinha **chego** ou **chegado** tarde em casa? **Pegar** e **chegar** têm duas formas para o particípio, ou apenas uma?

Dois leitores perguntam sobre facetas diferentes do mesmo item:

*Doutor: o particípio passado do verbo **chegar** é **chegado**, mas eu gostaria de saber se **chego** também pode ser usado como forma do particípio.*

Fabiana L. C., Londres (Inglaterra)

*Tenho visto com muita frequência em nossos jornais e na televisão usarem a forma reduzida **pego**, que encontrei até mesmo no* **Aurélio**. *Outro dia, assistia a um programa da TVE, no qual um professor de Português classificava **pego** como uma forma popular do particípio, mas não disse que seu uso era incorreto. Continuo firme usando **pegado**, apesar das acirradas discussões que travo com colegas e amigos. Estou errado, Professor?*

Paulo D. – advogado

Meus caros: alguns (poucos) verbos de nossa língua têm um particípio curto, irregular, ao lado do particípio normal que todo verbo tem (com a terminação **-ado** ou **-ido**). Por ter essas duas formas, esses verbos são chamados **abundantes**: **pagar**, pagado e pago; **acender**, acendido e aceso; **imprimir**, imprimido e impresso; e assim por diante. Qualquer gramática razoável tem uma lista desses verbos. Cuidado, contudo, com o poderoso efeito da analogia, que pode criar (ou tentar criar) novos verbos abundantes. Isso já aconteceu com **pegar**. Para a

língua culta formal, só existe **pegado**; o povo, por analogia com **pagar** (**pagar** está para **pagado** e **pago** assim como **pegar** está para **pegado** e...), criou **pego**, que ainda é visto com desconfiança pelos acadêmicos (eu, particularmente, nem uso; aliás, nem sei qual é a pronúncia do **E** da primeira sílaba – já ouvi aberto, como em **prego**, e fechado, como em **preto**).

Na esteira dessa analogia proporcional (**X** está para **Y**, assim como **A** está para **B**), já me perguntaram se **trazer**, além de **trazido**, tem a forma **trago** (!); se **cegar**, além de **cegado**, tem a forma **cego**; se **pregar**, além de **pregado**, tem a forma **prego**; se **chegar**, além de **chegado**, tem a forma **chego**. A resposta é NÃO para todos eles. Ou melhor: não que eu saiba; afinal, a Linguística me ensinou que nada impede que venham a existir essas formas algum dia – quando espero estar debaixo de sete palmos de terra. O que diria um estudioso do século passado se lhe perguntassem se **pegar** tinha dois particípios? É claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido **pego** vinha vindo a galope...

No momento, Fabiana – ao menos pelos próximos trinta anos –, você não vai encontrar pessoas articuladas utilizando o particípio **chego** (?). O que eu conheci, no meu tempo de faculdade, foi o **substantivo** coloquial criado pela nominalização do verbo: vou dar um **chego** ali na praça – mas isso era malandragem dos ingênuos anos 60, tempo em que se usava **do balacobaco** sem ruborizar.

Quanto a você, Paulo, pode continuar firme no **pegado**; por enquanto, essa é a forma abonada e justificada em todos os bons autores. No entanto, ninguém pode negar que **pego** já existe, uma vez que milhões de brasileiros o utilizam alegremente. A maioria dos gramáticos concorda que esta forma mais curta ainda não tem o **status** da forma mais longa; basta ver que a pronúncia do **E** ainda não foi fixada pelos usuários. A língua que a gente usa é como nossa vestimenta: bermuda também é roupa e atende às necessidades básicas do decoro; numa recepção, contudo, o paletó e a gravata sempre serão a opção de quem quer se vestir bem.

particípios abundantes

Quando um verbo tem dois particípios, como **ganho** e **ganhado**, **pago** e **pagado**, você sabe qual das duas formas deve ser usada?

*Professor: minha dúvida é com o uso dos verbos **ter/haver** e **ser/estar** como auxiliares do particípio. Sei que os primeiros exigem os particípios **regulares** (Tinha **matado**, havia **gastado**), enquanto os últimos exigem os particípios **irregulares** (Foi **morto**, estava **gasto**). Porém, encontro frequentemente nos jornais (e na fala coloquial) frases como, por exemplo, "o time **tinha ganho** o primeiro tempo da partida". Gostaria de esclarecer se a regra que citei permite exceções.*

Nivaldo N. – São Paulo (SP)

Meu caro Nivaldo: os verbos que têm particípios duplos são poucos (não chegam a **cem** – perto dos 50 ou 60 mil verbos de nossa língua). Os gramáticos tentam fazer listas completas; contudo, se cotejarmos duas ou três listas, veremos que há uma razoável discrepância entre elas. De qualquer forma, **quando houver dois particípios**, funciona um princípio geral de uso: a forma longa, **regular** (em **-ado** ou **-ido**) é usada nas locuções verbais na **voz ativa**, com os auxiliares **ter** ou **haver**, enquanto a forma mais curta, **irregular**, é usada com **ser** ou **estar**: "Eu **tinha acendido** o fogo", mas "o fogo já **estava aceso**"; "a gráfica **havia imprimido** as cédulas falsas", mas "as cédulas **foram impressas** no exterior".

Note que esse é um princípio geral. Em primeiro lugar, muitos verbos abundantes estão perdendo a forma regular, em virtude da preferência do falante pela forma mais curta em qualquer situação: "a conta já **foi paga**/ela **tinha pago** a conta", "este dinheiro **foi ganho** com meu trabalho/eu **tinha ganho** este dinheiro com meu trabalho". Eu ainda uso **pagado** e **ganhado** com os auxiliares **ter** e **haver**, mas percebo que meus ouvintes estranham; isso significa que, em breve, esses verbos deixarão de ser abundantes e ficarão, como **dizer** e **fazer**, apenas com o particípio curto (**dito**, **feito**).

Em segundo lugar, a língua, em seus caminhos misteriosos, se encarrega de anular, às vezes, o princípio geral: é o caso de **imprimir**, que, se é abundante em seu sentido normal (dei exemplos acima), no sentido de "introduzir, incutir" só

vai ter o particípio regular, mesmo em locução com o verbo **ser**: “A entrada do atacante **tinha imprimido** maior velocidade ao ataque/Um novo ritmo **foi imprimido** ao trabalho da equipe” (e não ***impresso**). E assim por diante; continuamos a usar aquele princípio geral porque ele é didático, sabendo, no entanto, que não é absoluto.

eu tinha "**compro**"?

Não vou fazer de novo, porque eu já tinha **feito**; não vou dizer de novo, porque eu já tinha **dito**. E aí? Não vou comprar de novo porque eu já tinha **compro**? Ou é **comprado** mesmo?

*Professor Moreno: tenho ouvido com muita frequência expressões do tipo "eu tinha **compro** uma caneta", "nós deveríamos ter **compro** aquele carro". Qual o motivo dessas expressões se tornarem tão usadas? Do jeito como as coisas estão indo, daqui a pouco passaremos a ouvir "Nós perdemos a oportunidade de ter **fecho** o negócio". Explique-nos onde está o erro, se é que está errado. Já estou começando a ter dúvidas. Um abraço.*

Bruna – Goiânia (GO)

Minha cara Bruna: não sei onde você tem ouvido essa barbaridade, mas aconselho-a a evitar as pessoas que falam desse jeito. Imagine se os verbos regulares começassem a formar esse particípio mais curto, ao lado da tradicional forma terminada em **-ado** ou **-ido**! Íamos ouvir "eu tinha **lavo**", "eu tinha **vendo**", "eu tinha **falo**" – ou, como você tão bem notou, "eu tinha **fecho**". Alguns verbos (poucos, na verdade) têm dois particípios, mas eles não passam de uma centena, perto dos 50 mil verbos que o Português tem hoje. Dê uma lida no que escrevi sobre **pego** e **chego** e escolha melhor as suas companhias.

soer

"No tempo que de Amor viver soía", diz o belo soneto de Camões, escrito no século XVI. E hoje? Como se conjuga o verbo **soer**? Ele ainda é usado?

Caro Doutor: Saúde e Paz! Como conjugar e usar com propriedade o verbo ***soer,*** *tão pouco conhecido da nossa gente?*

Revdo. Clayton – Botucatu (SP)

Meu caro Clayton: o verbo **soer** é conjugado exatamente pelo modelo do verbo **roer**. A única – e importante – diferença é que **soer** é considerado um verbo **defectivo** no presente do indicativo; falta-lhe a **primeira pessoa do singular**: **eu** [...], **tu sóis**, **ele sói**, **nós soemos**, **vós soeis**, **eles soem**. Como a pessoa que falta é exatamente a formadora do **presente do subjuntivo**, este tempo inexiste, na sua totalidade. Enquanto temos, para **roer**, "que eu **roa**, que tu **roas**, que ele **roa**, que nós **roamos**, etc.", o verbo **soer** não possui pessoa alguma.

Soer já foi um verbo de largo emprego no Português do século XVI (Camões usava muito), com o sentido de nosso **costumar**: "No tempo em que os homens **soíam** respeitar sua palavra". No entanto, hoje seu emprego ficou praticamente restrito aos textos e discursos eruditos, em expressões mais ou menos pré-fabricadas do tipo "**como sói acontecer**", "**como soía ocorrer**". Sempre que você tiver dúvidas sobre a conjugação de algum verbo, Clayton, eu lhe recomendo consultar o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** na edição eletrônica (para computador), que dá a conjugação de todos os verbos de nosso idioma.

abram alas

Veja como um erro de Português na letra do samba-enredo impediu que uma escola saísse vitoriosa no desfile de carnaval.

*Prezado Professor: infelizmente passamos por uma situação inusitada na Quarta-Feira de Cinzas, quando da apuração do carnaval de rua de nossa cidade. Minha escola teria ganho o título, não fosse por um jurado ter aplicado uma penalidade de dois pontos na letra do samba. Em determinado momento, há a seguinte frase: "…Ô **abram-alas**, que a Vila vai passar...", fazendo uma alusão às pessoas (**imperativo** – plural) para que abram caminho que a escola vai passar. Nem mesmo o jurado soube explicar o motivo da penalidade; ele escreveu "...acho que ficaria melhor **abre-alas**...", o que mudaria completamente o sentido da frase. Minha dúvida é a seguinte: o verbo contido na expressão **abre-alas** não pode ser conjugado?*

Luciana – Campinas (SP)

Minha cara Luciana: não, os verbos que estão dentro de um substantivo composto jamais são conjugados. Eles ficam ali como cristalizados: o **saca**-rolha, os **saca**-rolhas (e não ***sacam**-rolhas); o **porta**-bandeira, os **porta**-bandeiras (e não ***portam**-bandeiras). Infelizmente, a letra da sua escola contém um pequeno equívoco, que terminou comprometendo sua classificação: ela confunde o **abre-alas** ("tabuleta, dístico, ou carro alegórico, que abre o desfile duma entidade carnavalesca", diz ***Aurélio***) com **abram alas**, aí sim o imperativo plural, avisando às pessoas que a Vila vai passar. "**Ô, abram alas**, que a Vila vai passar" – essa seria a forma correta (sem hífen, porque não é um composto). Sinto muito.

adequo rima com **continuo**?

Como se conjuga o verbo **adequar** no presente do indicativo? É um verbo **defectivo** (daqueles que não podem ser conjugados em todas as pessoas) ou tem conjugação completa?

Prezado Professor, ajude-me numa dúvida que tenho: o verbo ***adequar*** *– muito usado por autoridades em cerimônias de inaugurações – ficaria, na terceira pessoa do singular,* ***adéqua*** *(com a tônica no* ***E****) ou* ***adequa*** *(com a tônica no* ***U****)? Penso que a última forma seria a mais correta, dada a situação anômala do verbo, mas gostaria de uma confirmação.*

Olga T. – Professora – Itajaí (SC)

Minha cara Olga: quanto ao **adequar**, temos um problema: os gramáticos o classificam como um daqueles verbos defectivos que só podem ser conjugados nas **formas arrizotônicas**. Não para você, que é professora, mas para os outros leitores, explico que assim se chamam as formas cuja vogal tônica fica **fora** do radical (le**VA**mos, le**VA**is), ao contrário das **rizotônicas** (**LE**vo, **LE**vas, **LE**va, **LE**vam). Isso nos deixaria, no presente do indicativo, apenas com o **nós adequamos**, **vós adequais**. Para que os alunos entendam rapidamente, basta assinalar que esse verbo, segundo a opinião dos gramáticos (é bom deixar isso bem claro: **opinião**), não poderia apresentar nenhuma das formas em que a tônica seria o **U** (o que condenaria **adequo**, **adequas**, etc.).

Ora, como bem sabemos, esse negócio de **verbo defectivo** é muito mais uma questão de uso e de época; gramáticos tradicionais implicavam com a forma **compito**, do **competir**, que hoje é aceita pela maioria dos autores. Acho que o mesmo está acontecendo com o **adequar**; vai terminar sendo aceito por todos como um verbo completo. Talvez esse consenso demore um pouco, mas a resposta sobre a prosódia correta deste verbo já foi dada de antemão, pela própria restrição que hoje ainda (?) se aplica a ele: não deve ser usado nas formas em que o **U** for tônico! Está dito com todas as letras: o **U** é **tônico**; ele vai ter (ou já tem?) a mesma conjugação do **obliquar**, que é **obliquo**, **obliquas**, **obliqua**. Eu, pessoalmente, evito conjugá-lo porque, como você sabe, os olhos e

ouvidos estão sempre focados na linguagem do professor de Português; sinto, contudo, que formas como **adequo**, **adequas**, **adequam** são extremamente necessárias, e aposto que a pressão do uso vai dar-lhes, logo, logo, o direito à cidadania gramatical.

eu compito

Cresci ouvindo dizer que não se devia dizer **eu compito**; os "sabidos" ridicularizavam esta forma com um miserável trocadilho: "Eu **com pito** e tu **sem pito**". Quanta asneira, meu Deus!

*Caro Professor, tenho dúvida quanto à conjugação daqueles verbos considerados anômalos. Apostei com um amigo meu que existe sim a conjugação do verbo **competir** na 1ª do singular (eu **compito**). Já busquei a resposta em várias gramáticas, mas até agora não consegui nada. O senhor poderia me ajudar nesta questão?*

Antonio M. S. – Cuiabá (MT)

Prezado Antônio: em primeiro lugar, você deve estar falando em verbos **defectivos** – aqueles que normalmente não são usados em todas as suas formas. **Anômalos** são apenas dois – **ser** e **ir** –, que foram compostos pelos radicais de três verbos diferentes (compara **sou**, **és** e **fui**, por exemplo).

Quem decide se um verbo é normal, com a conjugação completa, ou **defectivo?** É aqui, Antônio, com o perdão da expressão grosseira, que a porca torce o rabo: o critério é a sensibilidade do gramático que elabora a lista. Uns acham que **emerjo** é horrível e põem **emergir** na sua lista; outros aceitam essa forma. A maioria dos gramáticos diz que **adequar** só deveria ser conjugado, no presente, nas formas arrizotônicas (**adequamos** e **adequais**); no entanto, a forte pressão do uso está tornando comum eu **adequo**, tu **adequas** (com o **U** tônico). Ora, todos percebemos que esse critério estético é absolutamente subjetivo; se fosse por feiura, eu votaria na inexistência de **cri** (de **crer**), **freges** (de **frigir**), d e **remedeio** (**remediar**), entre outros. Além disso, o que alguns acham inaceitável para **colorir** (eu **coloro**, por exemplo, é condenado), aceitam para **colorar** (verbo, aliás, que eu nunca tive a oportunidade de usar). Compare a lista de dois gramáticos quaisquer e verá grandes divergências entre elas.

Quanto ao seu **competir**, com certeza é conjugado em todas as suas formas, exatamente como **repetir**: **repito**, **repetes**, **repete**; **compito**, **competes**, **compete** (segundo o dicionário ***Houaiss*** e a ***Moderna Gramática*** de Evanildo Bechara,

nosso melhor gramático vivo). Quando eu era criança, ouvia muito aqueles "ensinamentos" totalmente furados, vindos de professores sem qualquer formação linguística, que viviam dando palpites sobre nossa língua; alguns ridicularizavam **compito** com um trocadilho infame, "eu **com pito** e tu **sem pito**" – e você pode ver que a pouca ciência deles estava aliada a um humor de terceira... Fique em paz, Antônio: você ganhou a aposta.

presente histórico

Para narrar coisas passadas, que já aconteceram, estamos limitados a usar o **pretérito do indicativo**, ou podemos fazer isso também com o **presente** dos verbos?

Prezado Professor: na minha tese, na seção em que faço a revisão de literatura especializada, utilizo sempre o ***presente do indicativo****, independentemente da época da publicação. Ex.: "Borges (1988) estuda os implantes ósseo-integrados e verifica que os mesmos são uma alternativa viável...". Fui informado que isto se chama* ***presente histórico*** *e é utilizado em trabalhos acadêmicos. Há outras justificativas?*

André – Dentista

Meu caro André: o tempo que você empregou está mais do adequado. Alguns diriam que esse é o famoso **presente histórico**, ou **presente narrativo**, que pode ser usado no lugar do pretérito ("Em 58 a.C. César **invade** a Gália e **inicia** uma das mais famosas campanhas da história militar"). Pode ser; é defensável, e você pode ficar tranquilo quanto a qualquer investida da banca contra este emprego. Acho que aqui, no entanto, poder-se-ia traçar uma sutil diferença. Podemos entender que, no caso, você não está dizendo que, em 1988, alguém chamado **Borges** estudou o problema: está falando do texto, e não propriamente de seu autor.

Em outras palavras: quando você diz "Borges (1988) estuda", não está se referindo ao fático, ao pesquisador e à sua ação de estudar (que pode, inclusive, ter ocorrido em 1987), mas sim ao **texto** identificado na bibliografia médica como "**Borges (1988)**" – e este estuda, e vai continuar assim, para todo o sempre. Note que essa personificação de um determinado trabalho acadêmico é o que justifica a concordância com o masculino, mesmo quando se trata de uma autora: "Neste particular, Mary Kato (1983) é muito mais **completo** e **exemplificativo**". ***Mutatis mutandis***, é a concordância que fazemos com os títulos das obras: "Falando de Machado, o crítico dizia que ***Helena*** era **romântico**, enquanto ***Iaiá Garcia*** era **melancólico**". De qualquer forma, você está amparado

para o que der e vier.

quer que eu vou?

Nem todo o mundo usa o subjuntivo quando deveria.

Prezado Professor: tenho escutado muitas vezes perguntas feitas deste modo: "Você quer ***que eu vou****?" ou "Você quer* ***que eu faço****?". Eu sempre disse: "Você quer* ***que eu vá****?", "Você quer* ***que eu faça****?", mas são tantas as pessoas que falam do outro modo que já começo a achar que a errada sou eu.*

Regina B. – Cuiabá (MT)

Minha cara Regina: o uso do subjuntivo nessas construções de oração subordinada é obrigatório. Está corretíssima a maneira como você fala ("você quer **que eu vá**?"). Não sei de onde saíram esses, aí em Cuiabá, que deixam de usá-lo, mas aqui no Sul eu já percebi que o pessoal que fala outra língua em casa (alemão, polonês, etc.) comete o mesmo equívoco: "*Se vocês querem **que eu ajudo**, eu ajudo"; "*Ele não se importa **que eu vendo** meu carro"; "*É melhor **que vocês ficam** calados". Esses exemplos parecem-me soar tão mal que só posso atribuí-los a ouvidos estrangeiros, acostumados às sequências temporais próprias de seus idiomas de origem.

P.S.: É interessante acrescentar que não é só aqui que existe essa dificuldade em empregar o subjuntivo. O grande humorista francês da *Belle Époque*, Allan Allais, intitulava-se um dos fundadores da **Liga para a Propagação do Subjuntivo entre as Classes Trabalhadoras...** Puro veneno!

suicidar-se

Se **suicídio** já quer dizer matar a si mesmo, não é uma redundância dizer que ele se suicidou?

*Dois leitores me escrevem sobre o verbo **suicidar-se**. Paulo, de Salvador, pergunta: "Sabemos que **suicídio** é o ato de matar-se; **suicidar-se** é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões deveríamos usar: 'o homem **se suicidou**', 'o homem **suicidou-se**' ou 'o homem **cometeu suicídio**'? Todas estariam corretas"? Já Hilda, de Brasília, quer saber: "Por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?".*

Em primeiro lugar, Paulo, todas estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e o "homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome antes ou depois do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português. Note que o elemento ***sui-***, que em Latim quer dizer "a si mesmo", não mais é reconhecido como tal, o que permite que se diga **eu me suicido**, **nós nos suicidamos**; é por isso que **ele se suicidou** não apresenta redundância alguma. O ato de tirar a própria vida, no entanto, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um exagero do tipo "Ele se suicidou-se a si mesmo" – isso se aquele que conta o fato ainda não acrescentar: "Tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões.

Agora, quanto à sua pergunta, Hilda: no Português, temos um grupo de verbos que sempre são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome é quase vazio semanticamente (não tem o seu significado usual), mas aparece em todas as pessoas. Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu me orgulho, tu te orgulhas, ele/você se orgulha, nós nos orgulhamos, vós vos orgulhais, eles/vocês se orgulham). Você jamais aceitaria **eu orgulho**, até mesmo porque este verbo nunca será transitivo (eu não posso orgulhar alguém; só posso me orgulhar **de** alguém). É exatamente o caso do **suicidar-se**.

vimos ou **viemos**?

Se o presente do verbo **vir** é eu **venho**, tu **vens**, ele **vem**, nós **vimos**, como é que se explica que a famosa frase do baixinho da cerveja – "Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?" – esteja correta?

Eu tenho uma dúvida: qual é a forma correta? "Nós ***viemos*** *aqui para beber ou para conversar?" ou "Nós* ***vimos*** *aqui para beber ou para conversar?". Por gentileza, explique os motivos fundamentados da resposta.*

Cristina – Santos (SP)

Minha cara Cristina: ambas podem estar corretas. Depende do tempo verbal que resolvermos usar. Para ficar mais claro, vou traçar uma analogia com a 1ª pessoa do singular (EU): (1) "Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?" corresponde a "Eu **vim** aqui para beber ou para conversar?"; (2) "Nós **vimos** aqui para beber ou para conversar?" corresponde a "Eu **venho** aqui para beber ou para conversar?".

É evidente que estamos (em ambos os casos) diante de uma pergunta que não está perguntando; isto é, a pessoa que profere qualquer uma dessas frases não está indagando o que ela **veio** (ou **vem**, se for habitual) fazer ali, mas sim lembrar ao interlocutor que ele está ali para beber. É uma pergunta retórica: ela, na verdade, usa a interrogação para afirmar, com ênfase, alguma coisa. Se alguém me perguntar "Você veio aqui para dançar ou para ficar sentado?", é claro que vou entender que ela não quer uma resposta minha; na verdade, está afirmando que eu estou ali para dançar, não para ficar sentado. Não é assim?

Na forma (1), estamos usando o **pretérito perfeito** de **vir** (vim, vieste, veio, **viemos**, viestes, vieram); na forma (2), o **presente do indicativo** (venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm). Geralmente usamos o presente quando se trata de um fato habitual, costumeiro (compare, por exemplo, "visitei sua página" com "visito sua página"; "vim a este bar no verão" com "venho a este bar no verão"). Espero ter solucionado sua dúvida.

lê ou **leia**

O Professor alerta para a dificuldade de usar corretamente o **tu** e mostra uma escorregadela no CD de Mílton Nascimento e Gilberto Gil.

*Professor, responda-me, por favor, qual a forma correta: **ouve** o que eu falo ou **ouça** o que eu falo; **olhe** esta flor ou **olha** esta flor; **cheire** este perfume ou **cheira** este perfume? Abraço.*

Lucília L. – São Paulo (SP)

Minha cara Lucília: todo brasileiro tem o direito de escolher entre **tu** ou **você** para tratar seu interlocutor. Geralmente, a turma aqui do Sul prefere **tu**, enquanto o pessoal de Santa Catarina para cima prefere **você**. De qualquer forma, a escolha é livre. Acontece que, feita a escolha, as consequências gramaticais (verbos, pronomes, etc.) devem estar de acordo com a opção, já que **tu** é um pronome de 2a pessoa, enquanto **você** é de 3a. Por isso, eu, que sempre uso **tu**, vou dizer: "**lê** isto aqui, **ouve** bem o que te digo, **fica** quieta, **presta** atenção". Alguém que use **você** vai dizer: "**leia** isto aqui, **ouça** bem, **fique** quieta, **preste** atenção".

Um aviso, no entanto, minha cara leitora: o uso do **tu** é para quem está acostumado. Essa forma, que está progressivamente sendo abandonada pelo Português do Brasil, pode tornar-se uma armadilha fatal para recém-chegados. Quem ouvir o CD do Milton Nascimento e do Gilberto Gil vai entender o que digo. Na faixa *Dinamarca*, os dois (que usam **você** desde pequeninos) resolveram dirigir-se a um homem do mar tratando-o por **tu** – e não deu outra: escorregaram duas vezes na flexão verbal. A primeira, no imperativo: "Capitão do mar... **lembres** que o mar também tem coração" – deveriam ter usado ou **lembra** (tu), ou **lembre** (você). A segunda, no pretérito perfeito: "Depois do dia em que tu **partistes**". Aqui houve uma confusão entre **tu** e **vós**; a segunda pessoa do singular é **partiste**. Para um especialista, esses são claros sinais de que **tu** está desaparecendo como pessoa gramatical, sendo preservado apenas como uma forma de tratamento. É uma questão de tempo, apenas.

Chico também escorrega no imperativo

Um leitor de Fortaleza, fã de Chico Buarque, sente-se no dever de apontar um deslize de seu ídolo no emprego do imperativo.

Prezado Professor: minha dúvida se encontra na letra de uma música de Chico Buarque, compositor pelo qual tenho uma grande admiração. A referida música intitula-se **Fado Tropical**. *Sua primeira estrofe nos diz:*

Ó, musa do meu fado

Ó, minha mãe gentil,

Te deixo, consternado,

No primeiro abril.

Mas não sê tão ingrata,

Não esquece quem te amou

E em tua densa mata

Se perdeu e se encontrou.

Não deveria o ilustre compositor ter utilizado o imperativo negativo na forma "não ***sejas*** *tão ingrata"? Ou será que a língua escrita em Portugal, notoriamente presente na letra da música, permite aquela outra construção? Agradeço sua atenção.*

João Marcelo S. – Fortaleza (CE)

Meu caro João Marcelo: o Chico – quem diria! – também tropeçou no imperativo, como seus colegas Gil e Mílton Nascimento, como vimos no artigo anterior. Na verdade, errou duas vezes: deveria ter escrito "não **sejas**" (como você bem percebeu) e "não **esqueças**". Para sua informação, o imperativo em Portugal é igualzinho ao nosso, e os dois versos do Chico estão errados deste e

daquele lado do Atlântico. Agora, esse equívoco, vindo de quem vem, o melhor letrista de nosso cancioneiro popular, serve para confirmar duas teses com que concordo: (1) o imperativo na 2ª pessoa está morto para a maioria dos falantes; (2) não é qualquer um que pode arriscar o emprego do **tu** e sair sem arranhões. Veja só: nesse redemoinho, caíram três dos nossos maiores compositores da MPB! O que sobra, então, para os falantes comuns?

vem pra Caixa você também

Veja como, às vezes, a forma culta não é a maneira mais adequada de passar uma mensagem ao leitor.

*Professor, há cerca de dez anos foram lançadas duas propagandas em veiculação nacional, mas que parecem estar com problemas de concordância. A primeira é "**Vem** pra Caixa **você** também"; a segunda, "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **te** pegar". A primeira, propaganda da Caixa Federal, não teria de ser "**Venha** pra caixa **você** também"? A segunda, lema da campanha contra a AIDS, não teria de ser "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **lhe** pegar"?*

Norma C. A. – Rio Preto (MG)

Minha cara Norma: sua pergunta mexe em dois abelheiros – o uso do imperativo e o emprego dos pronomes pessoais –, dois pontos em que o uso vem deixando para trás aqueles padrões que a Gramática Tradicional teima em defender. Já tive oportunidade de comentar o problema do imperativo em **lê** ou **leia**; há muito tempo o modelo que os manuais recomendam deixou de ser usado na fala, ficando restrito à língua escrita culta formal. Além disso, nas duas frases aparece a tendência atual de mesclar formas da 2a e da 3a pessoas gramaticais para a pessoa a quem nos dirigimos.

Você já deve ter percebido que a linguagem da publicidade – mesmo quando se trata de mensagens escritas – procura ficar o mais próximo possível da língua falada. No caso da Caixa, os redatores perceberam que as duas opções formais da língua culta não atendiam suas necessidades: "Venha pra Caixa você também" mandaria a rima às urtigas, e "Vem pra Caixa tu também" só seria bem aceita no Rio Grande do Sul. Por isso, além de usarem o "**pra**", informal, optaram por aquela mistura do **tu** e do **você**, atualíssima: "**Vem** (tu) pra Caixa **você** também. **Vem**!".

Os criadores da campanha contra a AIDS esbarraram no mesmo rochedo: as duas formas corretas não são aceitáveis numa campanha que precisa, pela própria natureza, alcançar todos os estratos da população. "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai pegá-**lo**" ficaria horrível, porque perderia a rima, o paralelismo e – pior ainda! – usaria o pronome oblíquo **O**, que a maioria dos falantes já não sabe

usar. "Se tu não te **cuidares**, a AIDS vai **te** pegar" perderia a rima e teria um áspero sotaque gaúcho. A frase que produziram segue a tendência, consagrada no Português atual, para o tratamento da 2a pessoa do discurso (lembra? aquela com quem se fala...): usamos o verbo na 3a do singular e o pronome oblíquo da 2a ("te"): "Se **você** não se **cuidar**, a AIDS vai **te** pegar".

As duas frases são aceitáveis no Português culto formal escrito? É claro que não; a flexão incorreta do imperativo e a mistura de tratamento devem ser evitadas por todos os que tentam escrever com rigor. Deveriam ter sido, então, corrigidas? É claro que não. Para o fim que pretendiam, estão na forma mais adequada possível. Acredite, Norma: isso é saber escrever.

irregular defectivo

Um verbo pode ser **regular** e **defectivo** ao mesmo tempo? É claro que sim; o Professor explica como.

Caro Professor, tenho dúvida sobre os verbos defectivos, pois um amigo meu, estudante igual a mim, disse que o verbo ***polir*** *é* ***irregular,*** *e eu disse que achava que era* ***defectivo****, por não possuir a 1ª pessoa do singular. Apostei com ele que este verbo é* ***defectivo****. O senhor poderia me ajudar?*

Vilma S. L. – São Paulo (SP)

Minha cara Vilma: não é bem assim. Para começar, os verbos dividem-se, quanto à sua conjugação, em **regulares** (a maioria) – os que não mudam o radical em toda a sua conjugação – e **irregulares** (os que sofrem alterações no radical). Há outra divisão, que nada tem a ver com essa, em verbos **completos** e verbos **defectivos**. Estes seriam aqueles que não podem ser conjugados em todas as formas, por motivos (absolutamente discutíveis) de eufonia. Portanto, admitindo-se que haja verbos defectivos (repito: não se conjugam em todas as suas formas; têm lacunas no quadro da conjugação), eles ainda podem ser **regulares** ou **irregulares**.

Posso exemplificar com os verbos **precaver** e **reaver**. O primeiro é **defectivo** e **regular** (não possui todas as formas, mas, nas que existem, conjuga-se como o modelo da 2ª conjugação); o segundo é **defectivo** e **irregular** (nas formas que existem, segue o verbo **haver**, completamete irregular). Aqui você percebe que uma coisa não exclui a outra. Agora, especificamente quanto ao verbo **polir**, (1) ele é um verbo **completo** (não é defectivo), (2) mas **irregular**; conjuga-se, no presente, **pulo**, **pules**, **pule**, **polimos**, **polis**, **pulem**. Consegui ser claro? Desta vez, é o amigo que está com a razão.

por que o **O** vira **LO**?

Uma leitora de Paris quer saber por que o pronome **O** às vezes vira **LO**; vamos acompanhá-la numa interessante visita pelos bastidores de nossa língua.

*Caro Professor Moreno: escrevo-lhe para que o senhor me esclareça uma questão em que eu jamais teria pensado, se não fosse uma estrangeira me ter perguntado. Nas frases, "Eu gostaria de vê-**lo**", "Deixem-**no** em paz", eu não sei explicar por que se usa o **N** e o **L** para ligar o verbo com o pronome. Obrigada.*

Aida S. – Paris (França)

Minha cara Aida: nada como o olhar de estrangeiros para nos fazer estranhar o que sempre nos pareceu óbvio! Essas consoantes adicionais a que você se refere aparecem para permitir a harmonização da forma verbal com o pronome a ela ligado. Explico: dentre os pronomes átonos do Português, o pronome **O** (e suas flexões **A**, **OS** e **AS**), por ser vocálico, precisa sofrer pequenas alterações fonológicas para que possamos ligá-lo com naturalidade à forma verbal; em outras palavras, o conjunto [**verbo + pronome**] deve ser bem ajustado para que não se torne um estorvo para a nossa pronúncia.

Tenho certeza de que você (e a maioria dos meus leitores) ficaria espantada com a quantidade de teses que já foram escritas sobre o tema dos **clíticos** (assim são chamadas essas pequenas partículas átonas, como os artigos e os pronomes oblíquos átonos, que vivem na periferia dos vocábulos tônicos); posso assegurar que no ar mais rarefeito do Everest acadêmico as pesquisas continuam – e devem continuar. Minha missão, contudo, é traduzir, na linguagem usual da planície em que todos vivemos, um pouco do que já se descobriu, a fim de ajudar falantes interessados como você a perceber que existe um padrão coerente por trás de todos os fatos de nossa língua. No fundo, não há acasos, nem exceções; o que às vezes parece um simples capricho termina se revelando uma necessidade interna do organismo do Português.

É fácil visualizar o que acontece no caso dos pronomes: uma forma verbal qualquer é formada por uma sequência de sons (que chamamos de **fonemas**). O pronome, por sua vez, também é um fonema (ou dois, quando está no plural). Quando o último fonema do verbo se encontra com o fonema do pronome,

acontece o mesmo que no encontro entre duas pessoas: ou há empatia entre os dois e as coisas vão bem, ou alguma coisa desagradável termina transformando o encontro num verdadeiro choque. Em termos objetivos, todas as formas verbais do Português podem ser classificadas em três grupos distintos quanto à sua terminação: (1) as terminadas em **vogais** (**vendi**, **comprou**, **devolva**, **procuro**); (2) as terminadas em **nasal** (**fazem**, **vão**, **estudam**, **põe**); e (3) as terminadas em **R**, **S** ou **Z** (essas duas letras representam o mesmo fonema, /s/). O pronome **O**, imitando o genial personagem **Zelig**, do Woody Allen, vai alterar sua forma para **NO** ou **LO** de acordo com a circunstância, conseguindo assim adaptar-se perfeitamente ao "ambiente" fonológico:

Hipótese 1 – A forma verbal termina em VOGAL – Como o pronome também é uma vogal, não há necessidade de adaptação alguma, uma vez que o Português lida muito bem com encontros vocálicos: **vendo-o**, **devolvo-as**, **encontrei-os**, **perdeu-a**.

Hipótese 2 – A forma verbal termina em NASAL – Agora o pronome vai aparecer na sua forma nasalizada, permitindo uma conexão suave com o verbo: **fazem-na**, **dão-nas**, **estudaram-no**. Quem quiser fazer um teste doméstico, experimente pronunciar esses exemplos aí de cima usando o pronome **sem** a nasal – *fazem-a, *estudaram-o – e vai ver o que é bom!

Hipótese 3 – A forma verbal termina em R, S ou Z – Este é o caso mais drástico: o fonema final do verbo terminaria formando sílaba com a vogal do pronome, criando pérolas do tipo *estudar-o (/estudaro/) ou *fiz-o (/fizo/). Por isso, uma regra interna suprime aquela consoante final e o pronome aparece encabeçado pela consoante L: **comprá-lo**, **fi-lo**, **encontramo-lo**. Não se esqueça de reexaminar a forma verbal quanto às regras de acentuação, já que seu perfil vai ser alterado quando a consoante for suprimida; escrevi sobre isso em **acento em verbo com pronome**, no primeiro volume deste ***Guia***.

Quando eu prestei meu exame vestibular para o curso de Letras, uma das questões era (ô, tempinho difícil aquele!) "conjugue o verbo **pôr**, no presente do indicativo, com o pronome **O** enclítico". Hoje eu sei a resposta:

eu ponho [+ O] = PONHO-O
tu pões [-S + LO] = PÕE-LO
ele põe [+ NO] = PÕE-NO
nós pomos [-S + LO] = POMO-LO
vós pondes [-S + LO] = PONDE-LO
eles põem [+ NO] = PÕEM-NO

Deu para enxergar a sutil diferença entre o **põe-lo** (2ª pessoa) e o **põe-no** (3ª)? Outra coisa que você deve ter percebido é a esquisitice de algumas dessas

formas. Na verdade, elas raramente são vistas em uso, porque preferimos, no Brasil, a **próclise** (o pronome antes do verbo) na maioria dos casos (a correta colocação do pronome em relação ao verbo é outro assunto; um dia vou escrever a respeito). Continuam vivas, mas lá no zoológico; de vez em quando levo as crianças para olhar um **fá-lo** (faz+o), um **di-lo** (diz+o), um **qué-lo** (quer+o). Elas acham muito divertido.

cumprimentamo-lo

Veja como se junta o pronome **O** à forma verbal **cumprimentamos**.

Prezado Professor: nunca sei se devo escrever ***cumprimentamos-o*** *ou* ***cumprimentamos-no****? Poderia tirar-me essa dúvida?*

Susana Soares

Minha cara Susana: prepare-se, que o resultado é um verdadeiro monstrengo: **cumprimentamo-lo**. As formas verbais terminadas em **R**, **S** ou **Z** perdem sua letra final antes do pronome **O**, que assume a forma **LO**: **comprar** + **o** = **comprá-lo**; **conduz + o** = **condu-lo**; **encontramos + o** = **encontramo-lo**. Por isso mesmo, recomendo que você avalie a conveniência de utilizar uma forma tão desagradável aos ouvidos normais. Talvez fosse melhor evitar o uso do pronome nessa posição e partir (1) ou para uma forma de tratamento (cumprimentamos **o senhor**, cumprimentamos **V. Sa.**), (2) ou para uma outra volta na frase, que evite esse encontro indesejável (temos o prazer de cumprimentá-lo, queremos cumprimentá-lo, aproveitamos para cumprimentá-lo, etc.). Escrever bem, Susana, não é escolher entre uma forma certa e uma errada, mas escolher, entre formas certas, as que soam melhor. Pense nisso.

presente indicando futuro

Podemos usar o **presente** para indicar algo que vai acontecer no **futuro**, assim como podemos usar o futuro para indicar algo presente.

*Meu caro Professor: o noticiário de rádio e televisão não emprega o tempo do verbo corretamente quando se refere a uma situação futura. Por exemplo: "**Acontece** amanhã o lançamento do novo livro de Lya Luft....". Isso é correto? Existe uma outra gramática que só os jornalistas de rádio e televisão conhecem?*

Edgar Barros

*Caro Professor, li sua resposta acerca do **presente histórico** e fiquei curioso. Posso me referir a um acontecimento **futuro** usando o verbo no **presente**? Por exemplo, "O Desembargador **toma** posse mês que vem"? Ou o certo mesmo seria **tomará**, sem exceção?*

David Azevedo

Meus caros Edgar e David: as dúvidas de vocês só poderão ser esclarecidas quando desfizermos a tradicional confusão entre o **nome do tempo verbal** e a **situação temporal** que ele indica (ou seja, se algo já aconteceu, acontece ou vai acontecer). Nada nos impede de usar um verbo conjugado no **presente do indicativo** para designar também uma ação situada no passado ou no futuro:

(1) Em 1845, quando termina a Revolução Farroupilha, Garibaldi **retira-se** para Montevidéu. (passado)

(2) Alguém **duvida** de mim? (presente – agora)

(3) Cão que **ladra** não **morde**. (presente constante, permanente)

(4) Amanhã a gente se **reúne** de novo. (futuro)

O **futuro do indicativo**, apesar do seu nome, hoje raramente é usado para expressar ações futuras. Estaria totalmente fora do Português moderno culto quem dissesse "Em 2002, juro que não **cometerei** os erros do ano passado"; a forma mais recomendável (e, portanto, a mais adequada para quem procura a "correção") é "Em 2002, juro que não **vou cometer** os erros do ano passado", ou mesmo, em segundo lugar, "Em 2002, juro que não **cometo** os erros do passado". O **futuro do indicativo** (tempo verbal) é mais usado, na verdade, com outras intenções semânticas que não o **tempo** futuro. Em frases como "Onde **andará** Maria?" e "Não **será** ele o culpado?", exprime dúvida ou possibilidade (jamais a ideia de "ação futura"); em frases como "Não **matarás**" (lembrem-se dos dez mandamentos), é um substituto do modo imperativo.

No entanto, Edgar, sua intuição é válida quando você se impacienta um pouco com o estilo dos jornalistas; é que a mídia impressa – principalmente nas manchetes – está elegendo o presente do indicativo como pau para toda obra, exatamente por essa polivalência que ele apresenta e por outras razõe específicas, que agora estão sendo pesquisadas. Ou usam o presente para indicar passado ("Avião **cai** na Guatemala", "Maníaco **atira** contra multidão e se suicida"), ou para indicar futuro ("Chile **entra** no Mercosul até 2010", "Fulano só **sai** da cadeia depois do carnaval"), ou para nos deixar confusos mesmo, forçando-nos a ler a matéria toda: em frases como "Brasil **toma** medidas contra a tatuagem de menores" ou "**Muda** o vestibular das Federais", só o texto vai nos dizer se **tomou** ou **vai tomar**, se **mudou** ou **vai mudar**. Notem que não estou condenando essa opção dos jornais (a não ser nos casos ambíguos, que são imperdoáveis); é evidente que não se trata de uma escolha motivada por preguiça ou comodismo, mas sim ditada por características intrínsecas do discurso jornalístico, que agora estão sendo estudadas seriamente pela Linguística; registro apenas o que está acontecendo.

vou ir

O Professor explica como se forma o futuro no Português e por que a chamada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

Caro Professor: a minha dúvida é quanto ao uso da expressão ***vou ir****, que é condenada por muitos gramáticos tradicionais. Gostaria de compreender melhor a razão para tal condenação. Há quem tenha tentado dar uma explicação dizendo que não se pode usar o mesmo verbo como auxiliar e principal. Contudo, sempre achei que a locução* ***tenho tido****, por exemplo, não ferisse as regras da gramática. Obrigada.*

Andrea L. – Rio de Janeiro (RJ)

Prezado Professor Moreno, estamos com uma dúvida, eu e um amigo: afinal de contas, a expressão ***vou ir*** *– muito utilizada no Rio Grande do Sul – está correta ou não? Eu penso que não; ele acha que sim. Podemos dizer* ***vou fazer****,* ***vou trabalhar****, etc., dando ideia de futuro, mas* ***vou ir****?*

Rodrigo

Minha cara Andrea, você tem toda a razão: há vários exemplos de locução verbal, em nossa língua, em que aparece o mesmo verbo, tanto na posição de auxiliar quanto na de principal; os mesmos fariseus que condenam **vou ir** aceitam **há de haver**, **vinha vindo**, **tinha tido**. É evidente que o verbo só tem o seu significado pleno, originário, quando está na casa da direita, na posição de **principal**; em "**há de haver** uma solução para este problema", o auxiliar (**há**) exprime a ideia de "desejo" (leia-se: eu gostaria que houvesse) ou de "obrigatoriedade" (leia-se: deve haver), enquanto o principal é que tem o sentido usual de "existir". Já falei sobre isso quando analisei a locução **vinha vindo**.

No caso de **vou ir**, Rodrigo, vem agregar-se um outro fato linguístico muito importante: a forma preferida de expressar o futuro, no Português moderno, é uma locução verbal com a estrutura [**ir** no pres. do indicativo + qualquer verbo no infinitivo]. Essa estrutura (**vou sair**, **vou poder**, **vou ficar**, **vou ser**) concorre

com outras possibilidades, também usadas, mas em menor escala: (1) o próprio presente do indicativo ("Amanhã eu **posso**", "No ano que vem eu **saio**"); (2) o futuro do presente (**sairei**, **poderei**, **ficarei**, **serei**); (3) a locução [**haver** + infinitivo]: **hei de sair**, **tu hás de entender**.

Estudos atualizados mostram que as hipóteses (2) e (3) são, no fundo, no fundo, a mesmíssima coisa. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que parece ser uma forma una, na verdade é uma locução invertida, com o auxiliar **haver** à direita. Exemplifico: se pegarmos "eu **hei de comprar**, tu **hás de comprar**, ele **há de comprar**" e invertermos a ordem dos verbos (**comprar hei**, **comprar hás**, **comprar há**), uma pequena adaptação ortográfica, com a óbvia queda do **H**, vai nos dar **comprarEI**, **comprarÁS**, **comprarÁ**! Portanto, o que parece ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma forma composta (**comprar+ei**, **comprar+ás**, etc.).

Não é por acaso que esse futuro não admite **ênclise**, segundo as gramáticas tradicionais (que não entenderam ovo do problema, como sempre), mas exigiria (segundo essas mesmas gramáticas...) uma coisa chamada de **mesóclise**, definida sinistramente como "o pronome no meio do verbo". Na verdade, só existem duas posições para o pronome – **próclise** ou **ênclise** –, mesmo para verbos no futuro: ou usamos o pronome **antes** do verbo, como em "Eu TE PAGARei", ou usamos o pronome **depois** do verbo, como em "PAGAR-TE-[ei]" (quando digo **antes** ou **depois**, estou falando em relação apenas ao verbo **pagar**). O **EI**, que alguns confundem com uma terminação verbal, é só o nosso velho amigo, o verbo **haver**, desfigurado pela ausência do **H**, e a chamada **mesóclise** é apenas a colocação do pronome **entre** o verbo principal e o verbo auxiliar.

O que está acontecendo no Português moderno, ao que parece, é uma **troca de auxiliar**: em vez de usar o auxiliar **haver**, como nas hipóteses (2) e (3) acima, estamos utilizando cada vez mais o auxiliar **ir**. Isto é: quando queremos expressar a ideia de futuro, ou empregamos o presente do indicativo (menos usado) ou empregamos a locução [**vou + infinitivo**]. Como todo e qualquer verbo pode, em tese, ocupar a casa da direita, vão formar-se locuções do tipo **vou vir**, **vou ir**. Erradas elas não são; podem soar ainda um pouco estranho para muitos ouvidos, mas muitos outros já se acostumaram a elas, inclusive escritores e compositores de renome. Só para adoçar toda essa explicação, dou um exemplo saudoso, de um escritor de respeito: Vinícius de Moraes, na música ***Você e Eu***, feita em parceria com Carlos Lyra, usou muito simplesmente (e em dose dupla):

Podem preparar

Milhões de festas ao luar
Que eu não **vou ir**
Melhor nem pedir
Que eu não **vou ir**, não quero ir.

vinha vindo

Veja como construções do tipo **vinha vindo**, **tinha tido**, **ia indo** não têm nada de errado.

*Caro Professor: lendo sua resposta sobre **pego e chego**, pude observar uma expressão que muitas vezes reluto em usar por julgá-la incorreta: **vinha vindo** não seria uma forma redundante de dizer que alguma coisa vinha? Eis a frase usada em sua resposta: "Claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido **pego vinha vindo** a galope...*

Sônia – São Vicente (SP)

Minha prezada Sônia: o verbo **vir**, quando for usado como auxiliar em locuções, introduz um aspecto **continuativo**. Com certeza, você percebe que **eu fazia** ou **eu lia** não é a mesma coisa que **vinha** fazendo, **vinha** lendo. Por isso, nada contra o **vinha vindo**. O que a intrigou foi o uso do mesmo verbo duas vezes? Pois não se preocupe; eles não estão sendo usados com o mesmo valor. O **principal** (que é sempre o verbo da direita em qualquer locução) é que significa "aproximar-se"; o outro é apenas **auxiliar**. Compare com **ia indo**, **tinha tido**, **há de haver**: você também acha estranho?

Para tranquilizá-la (e para alegria e deleite de nossos leitores), acrescento três bons exemplos do emprego de **vinha vindo**. Um, maroto, é da ***Capoeira do Arnaldo***, do Paulo Vanzolini, um dos maiores letristas de nossa música popular:

Quando eu vim da minha terra,
vim fazendo tropelia;
nos lugá onde eu passava,
a estrada ficava vazia;
quem vinha vindo, vortava
quem ia indo, não ia;
o padre largava da missa,
a onça largava da cria...

Depois, Augusto dos Anjos, no seu famoso ***Poema Negro***:

E quando vi que aquilo **vinha vindo**
Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio...

Para rematar, ninguém menos que o mestre Drummond, na ***Balada do Amor Através das Idades*** (quem não conhece?):

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que **vinha vindo**
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

explodo?

O verbo **explodir** é defectivo ou tem conjugação completa? O Professor ajuda um tradutor a sair deste dilema.

*Prezado Professor: faço traduções de filmes, na área de legendação, e preciso traduzir a seguinte frase: "Find something for this kid to do before he blows up", ou seja "Ache algo para esse garoto fazer antes que ele **exploda**". Sei que o verbo **explodir** é defectivo. O **Aurélio** diz que essa conjugação não existe. O **Manual do Estadão** também a proíbe. Só que o dicionário **Houaiss** conjuga o verbo em todos os tempos e explica que, embora seja considerado defectivo, tem sido usado com conjugação completa, incluindo-se aí o **expludo**, da 1ª pessoa do singular. O que faço?*

Arnaldo P. – Miami Beach – Flórida (EUA)

Meu caro Arnaldo: quem tem o ***Houaiss*** do seu lado, o que poderá temer? Como já tive a oportunidade de ressaltar várias vezes, os verbos defectivos sempre o são apenas temporariamente, isto é, até as formas consideradas "inexistentes" passarem a ser usadas pelas novas gerações de falantes, que teimam em continuar nascendo. Na ordem (temporal), primeiro veio o ***Aurélio***, mas depois veio o ***Houaiss***, sem dúvida o melhor dicionário jamais publicado sobre nosso idioma (incluindo os portugueses). Eu não hesitaria duas vezes: fique com **explodo**, **exploda** – e trate de desconfiar sistematicamente do manual do Estadão. Esses manuais são feitos por jornalistas de pouca ciência e muita opinião; são úteis para padronizar o jornal lá deles, mas quase nada valem no mundo aqui fora e não servem como fonte a ser citada em caso de polêmica.

Outra coisa: eu ainda não tive a oportunidade de empregar esse verbo e confesso que não sei se gostaria de conjugá-lo; talvez, se tivesse de traduzir a frase daquele filme, eu optasse por um rodeio do tipo "ache algo para esse garoto fazer antes que ele possa explodir", ou "se você não encontrar algo para esse garoto fazer, ele vai explodir", e coisas do gênero. No entanto, se eu decidisse usá-lo, minha preferência recairia em **explodo**, no presente do indicativo, com o consequente **exploda** do presente do subjuntivo. Embora Houaiss registre ambas as formas (**explodo** e **expludo**), uma passada pelo Google nos aponta 95

ocorrências de **expludo** e 230 de **expluda**, contra 1.210 de **explodo** e 8.690 de **exploda**. Note que não se trata de decidir entre o certo e o errado por meio de um plebiscito (que, para cada voto que desse para a peça ***Édipo Rei***, de Sófocles, daria um milhão para qualquer novela de televisão); trata-se apenas de verificar, já que a forma existe, qual é a direção de tendência.

Curtas

comunicamos-lhes

Paulo P., de Porto Alegre pergunta qual é a forma correta? "**Entregamo-lhes** ou **entregamos-lhes**? **Conhecemo-nos** ou **conhecemos-nos**?".

Prezado Paulo: além dos pronomes **O**, **OS**, **A** e **AS** (cujo comportamento você deve conhecer), o único pronome que ocasiona alguma alteração no verbo a que se liga é o **NOS**, quando vier depois da forma correspondente à 1a do plural: **encontramos** + **nos** = **encontramo-nos**; **conhecemos** + **nos** = **conhecemo-nos** (com o **VOS** também acontece isso, mas ninguém vai usá-lo mesmo). O pronome **LHE(s)** é acrescido ao verbo sem que ocorra mudança alguma: **informamos-lhe**, **comunicamos-lhes**, e assim por diante.

tu foste, **tu foi**

> Álvaro, de São Carlos (SP), envia um SOS, perguntando se o certo é "**tu foste** a pessoa que me levou à loucura" ou "**tu foi** a pessoa que me levou à loucura"? Ou seria **foste tu**? Ou quem sabe **foi tu**?

Meu caro Álvaro: você pretende escrever algum cartão inflamado para ela? Então é bom mesmo escrever certo: "**Tu foste** a pessoa que me levou à loucura". Se quiser inverter a ordem (tanto faz), fica "**Foste tu** a pessoa que me levou à loucura". ***Tu foi** ou ***foi tu** é erro brabo.

se eu vir você

> José Aranha Pacheco, de Gaspar (SC), precisa saber qual é a forma correta: "Se você vier para cá e não nos **VER/VIR**, certamente ficará aborrecido".

Meu caro José: vou trocar o verbo **ver** por **fazer** para facilitar a explicação: "Se você **vier** e não nos **FIZER** uma visita...". Como você pode perceber, nessa frase o verbo **fazer** está no futuro do subjuntivo. Se colocar, em seu lugar, o verbo **ver**, a conjugação correta é "se você **vier** e não nos **VIR**"... (que é o fut. subj. de **ver:** quando eu **vir**, quando tu **vires**, quando você **vir**).

trazido, **trago**

> Antônio Calvosa diz que aprendeu, nos seus áureos tempos de estudante, que o verbo **trazer** seria verbo **abundante**, com os particípios **trazido e trago;** desconfiado, quer saber: "Isso procede, ou estaria cometendo uma grande gafe?".

Meu caro Antônio: como você já desconfiava, está cometendo mesmo uma grande gafe. O verbo **trazer** jamais figurou nas listas dos verbos abundantes. A forma **trago**, do presente do indicativo, é às vezes confundida com um particípio irregular por sua semelhança com o **pago**, mas este verbo só tem a forma **trazido**. Dê uma olhada no que escrevi sobre **pego** e **chego**: lá você vai encontrar mais sobre o assunto.

possuir e **concluir**

Liz F. escreve de Nova Iorque porque tem dúvida quanto à conjugação da 3a do singular do presente dos verbos **concluir**, **existir** e **possuir**: é **conclui** ou **conclue**? **Possui** ou **possue**? **Existe** ou **existi**?

Minha cara Liz: todos os verbos em **-UIR** (**possuir**, **concluir**, **retribuir**, etc.) mantêm o **I** em sua conjugação: ele **influi**, **possui**, **conclui**. A sequência **-UE** só vai aparecer no subjuntivo dos verbos terminados em **-UAR**: continuar, **continue**; habituar, **habitue**; e assim por diante. Quanto a **existir**, é **existe**. Liz, se você se interessa pelo Português, recomendo que compre o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** em CD-ROM e o deixe residente no seu PC. Além de ser um excelente dicionário, ele dá a conjugação completa de qualquer verbo em que clicarmos com o mouse.

se eu vir

A pequena leitora Lívia C., de 11 anos, escreve de São José do Rio Preto perguntando se o correto é “se eu o **ver**” ou “se eu o **vir**”, “quando eu o **ver**” ou “quando eu o **vir**”.

Minha cara Lívia: o futuro do subjuntivo de um verbo sempre usa o mesmo radical do imperfeito do subjuntivo: se eu **fosse**, quando eu **for**; se eu **trouxesse**, quando eu **trouxer**; se eu **pusesse**, quando eu **puser**; se eu **visse**, quando eu **vir**. “Você já viu o filme?”. “Não, mas quando eu **vir**...”.

intermediar

Renata diz que está encontrando problemas com a conjugação do verbo **intermediar**, que ela acha estranha.

Minha cara Renata: segundo a gramática tradicional, **intermediar** é conjugado da mesma forma que **odiar**: **odeio**, **odeias**, **odeia**; **intermedeio**, **intermedeias**, **intermedeia**. É horrível demais! Os autores mais modernos – entre eles, Houaiss – já registram a tendência de conjugá-lo como **assobiar**, ficando **intermedio**, **intermedias**, **intermedia**, seguindo o padrão regular dos verbos terminados em **-iar**. Acho que esta última vai suplantar a primeira.

deparar é pronominal?

> Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou, em artigo que escrevi, a frase: "...e **me deparo** com um verdadeiro..."; ela quer saber se é correta essa regência, pois aprendeu que é errado o emprego do pronome **me** quando este verbo é usado no sentido de **afrontar**.

Minha prezada Karina: não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete "deparar", do ***Aurélio***: "E **deparou-se** com um jovem forte, alto, de grande beleza" (Clarice Lispector, *A Via-Crúcis do Corpo*, p. 95.). A regência originária desse verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

ungir

> Levi S., de Vitória da Conquista (BA), quer saber como se conjuga o verbo **ungir** no presente do indicativo.

Meu caro Levi: este verbo é considerado **defectivo** no presente do indicativo – isto é, não é conjugado em todas as formas, como seria **fugir**, que é um verbo normal. **Ungir** tem todas as pessoas, **exceto** a 1a do singular: eu (...), tu **unges**, ele **unge**, nós **ungimos**, vós **ungis**, eles **ungem**. Como diziam os antigos, ele terá todas as formas que apresentarem **E** ou **I** depois do **G**.

falir no presente

Natália R., de São Paulo, que saber como se conjuga o verbo **falir** no presente do indicativo.

Minha cara Natália: o verbo **falir**, no presente do indicativo, é considerado **defectivo**, isto é, tem várias lacunas na sua conjugação. Neste tempo, ele só apresenta as duas formas **arrizotônicas** (as que têm a tônica fora do radical): **nós falimos** e **vós falis**. **Eu**, **tu**, **ele** e **eles** simplesmente **não existem**.

conjugação de **rir**

A leitora Lilian, de Içara (SC), não sente firmeza ao conjugar **rir** na 1a pessoa do singular, pois, cada vez que diz **rio**, ouve piadas do tipo "tu **rio** e eu **lagoa**", ou "tu **rio** e eu **praia**"

Minha cara Lilian: eu **rio**, tu **ris**, ele **ri**, do mesmo modo que eu **sorrio**, tu **sorris**, ele **sorri**. Parece com o rio que corre para o mar? Bom, tanta coisa parece com tanta coisa... Leia o que eu escrevi a respeito do **compito** e não faça caso dessas piadinhas ditadas pela ignorância.

eleito e **elegido**

> A leitora Ives Machado pergunta qual seria a forma adequada: “Ele foi **eleito**” ou “Ele foi **elegido**”?

Minha cara Ives: em princípio, usamos o particípio irregular (o mais curto) com o verbo **ser**; portanto, “ele **foi** eleito”. A forma regular (em **-ado** e **-ido**) é usada com os auxiliares **ter** ou **haver**: “O PT só tinha **elegido** doze representantes”. Há, contudo, algumas peculiaridades, como você pode ler em **particípios abundantes**.

o presente como futuro

> Maris gostaria de saber se pode considerar correta a frase "Um dia ainda **vou** ao cinema com você".

Sim, minha cara Maris, a frase está correta. Agora, não percebo muito bem qual o motivo para a dúvida. Seria o emprego do presente (**vou**) com valor de futuro? Essa é a forma atual utilizada pelo nosso idioma: "No ano que vem, **consigo** um emprego e **junto** dinheiro para viajar"; "Não **vou** à festa no sábado"; e assim por diante. Era isso?

perda e **perca**

Robson P., de São Caetano do Sul (SP), pergunta como deve escrever: (1) Não **perda** tempo ou (2) Não **perca** tempo.

Meu caro Robson: o presente do subjuntivo de todos os verbos do Português é formado a partir da 1a pessoa do singular (eu) do presente do indicativo. Eu **caibo** = que eu **caiba**; eu **peço** = que eu **peça**; logo, eu **perco** = que eu **perca**, que tu **percas**, que você **perca**, etc. Você não deve confundir este caso com o substantivo **perda**: "Não **perca** tempo com isso; sua **perda** vai ser indenizada".

mais-que-perfeito

> Apesar de estar estudando frequentemente, Manoel A., de Cuiabá (MT), diz que ainda tem dificuldade em usar as formas **foi** e **fora** (m.-q.-perfeito de **ser**). "Quando me refiro, por exemplo, a uma pessoa querida e que não vive mais, uso 'ele **fora** um homem de bem' ou 'ele **foi** um homem de bem' "?

Meu caro Manoel: **fora** é o mais-que-perfeito **simples**; se você quer ter uma ideia de como ele pode ser usado, experimente colocá-lo nas mesmas frases em que se pode empregar **tinha sido** (mais-que-perfeito **composto**). "O rei **tinha sido** avisado na véspera do ataque" é igual a "O rei **fora** avisado na véspera do ataque". Isso é o básico; há outras sutilezas, mas você vai apanhá-las mais tarde. Na frase que você enviou, só pode ser usado **foi**.

premia ou **premeia**?

> Marcelo F., de Londrina (PR), estranha ter visto a conjugação do verbo **premiar** na 3a pessoa do singular como **premia** – e não **premeia**. O que tenho eu a dizer?

Meu caro Marcelo: digo apenas que você tem visto a forma correta. **Premiar** é conjugado como **negociar** (**premio**, **premias**, **premia**, **premiamos**, **premiais**, **premiam**), e não como **odiar**.

interveio

> Ricardo Thompson gostaria de saber como deve usar o verbo **intervir**: "Eles **interviram** em assuntos" ou "Eles **intervieram** em assuntos"?

Meu caro Ricardo: o verbo é **interVIR** (é o verbo **vir** com o prefixo **inter-** na frente). Portanto, se temos eu **vim**, tu **vieste**, ele **veio**, nós **viemos**, vós **viestes**, eles **vieram**, vamos ter **intervim**, **intervieste**, **interveio**, **interviemos**, **interviestes**, **intervieram**.

mais-que-perfeito simples e composto

> Fabrício T., de Sorocaba (SP), gostaria de saber a diferença entre dizer "Ele **havia encontrado** a mulher no local" e "Ele **encontrara** a mulher no local", e aproveita para declarar que, na sua opinião, a segunda opção é mais bonita.

Meu caro Fabrício: ambos estão no **mais-que-perfeito** do indicativo; um é a forma **composta**, o outro é a forma **simples**; ambas estão corretas. Eu concordo com você: a forma simples, que pouco se usa no Português falado, é um dos tempos mais bonitos no Português escrito. Acho-o extremamente elegante e refinado e uso-o sempre que tenho a oportunidade. "Quando o Rei se apercebeu, seu conselheiro já **fizera** todo o mal que podia" – isso é Português de lei, dos bons!

imperativo do verbo **ser**

> Micheli Bock pretende tatuar uma frase no corpo e quer saber se está corretamente escrito o seguinte provérbio: "**Sê** como o sândalo, que perfuma o machado que o fere".

Prezada Micheli: a frase está certa; embora pareça um tanto estranho, **sê** é o imperativo afirmativo de **ser**, na 2a pessoa do singular. Agora, não tatue uma frase tão extensa assim no seu corpo; quando você quiser removê-la (e um dia isso vai acontecer, acredite), vai dar muito trabalho e custar muito caro. Escolha uma coisinha menor. Além disso, você vai ter de viver explicando o que é esse **sê**, que a maioria das pessoas não reconhece.

o imperativo no **pai-nosso**

César, de Curitiba (PR), escreve: “Desde que eu era coroinha e o padre nos mandava rezar o pai-nosso, aprendi a frase “Não nos **deixeis** cair em tentação”. Agora estou em dúvida: não deveria ser **deixai**?”.

Meu caro César: e eu, que ainda aprendi como **padre-nosso**... O texto que você traz na memória está correto: “Não nos **deixeis**” é o imperativo **negativo** do **vós**; “**livrai**-nos”, que aparece na mesma oração, é o **afirmativo**. Não tem lógica nenhuma, mas, nas segundas pessoas (tu e vós), o imperativo negativo é sempre **diferente** do afirmativo (**compra**, não **compres**; **escreve**, não **escrevas**; **comprai**, não **compreis**). É por isso que essas duas pessoas verbais são cada vez menos usadas no Português.

temos de fazermos?

Luiz Barros pergunta se o correto é "Nós temos que nos **conscientizarmos**" ou "Nós temos que nos **conscientizar**".

Prezado Luiz: "eu tenho de **fazer**", "tu tens de **fazer**", "nós temos de **fazer**", "eles têm de **fazer**" – note que o verbo **fazer** não se flexionou; isso sempre acontece com o último verbo à direita de qualquer locução verbal. A mesma coisa vai ocorrer na frase que você enviou: "Temos de nos **conscientizar**".

vigendo

Maria do Carmo, de Belo Horizonte (MG), estranha a frase "Vale a lei que estiver **vigendo**". Pergunta ela: "O correto não seria **vigindo**?"

Prezada Maria do Carmo: o verbo **viger**, nas formas que possui, segue o modelo normal da 2a conjugação: **escrevendo**, **comendo**, **vigendo**. ***Vigindo** é erro de advogado de pouco estudo.

foi e **fora**

> Roberto, de Cuiabá (MT), gostaria de saber quando se usa o mais-que-perfeito **fora**, pois sempre entende que o correto seria **foi**.

Prezado Roberto: jamais **fora** terá o mesmo sentido que **foi**; na verdade, ele é sinônimo de **tinha sido**, que é o mais-que-perfeito **composto**. “Quando fiz o convite, já era tarde: ela **fora** convidada por outro” (entenda-se: **tinha sido**). Não poderíamos usar **foi** em seu lugar, pois se trata de uma ação anterior àquela expressa pelo pretérito perfeito.

adivinha quem vem para jantar

Hélia D., de Goiânia (GO), quer saber qual a forma correta: "**Adivinha** quem vem para o jantar" ou "**Adivinhe** quem vem para o jantar"?

Prezada Hélia: se você chamar seu interlocutor de **você**, deve dizer "**Adivinhe** quem vem para jantar"; se o tratar por **tu**, dirá "**Adivinha** quem vem para jantar". Escolha.

flexão do infinitivo

O leitor Pedro Z., de Barra do Ouro (TO) quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro: as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

casar, **casar-se**

> A leitora Natália S., de Aracruz (ES), quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, Natália, é do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. São verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (ele é chamado, por isso, de “partícula expletiva”).

prouve

A leitora Cecília K. estranhou muito a frase "**Prouvera** a Deus que ele voltasse". Pergunta ela, curiosa: "Mas que verbo é esse??!!".

Minha cara Cecília: trata-se do verbo **prazer**, forma variante de **aprazer** que, além de ser defectivo (só é conjugado na 3a pessoa), é irregular nos tempos derivados do pretérito perfeito. Confesso que é esquisito mesmo, mas você já deve ter ouvido frases como "Faça como lhe **aprouver**".

baixai a gasolina

> Luiz A. Rech pergunta: “Aprendi uma oração que diz ‘Oh! **Meu** Jesus, **perdoai**-nos, **livrai**-nos...’. Está certo empregar a 2a pessoa do plural?”.

Meu caro Luiz: nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje a maior parte emprega a 3ª pessoa). Como no texto do pai-nosso que aprendíamos na escola: “Pai Nosso, que **estais** no céu”... No exemplo mencionado, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que você grifou o **Meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, eu poderia dizer: “Meu Rei, **concedei**-me um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina” – sem a menor incompatibilidade.

emprego do futuro do pretérito

> Marco Antônio, de Belo Horizonte (MG), estranhou a frase "**Gostaria** de ser excluído desta lista". Diz ele: "Acredito que o tempo futuro do pretérito representa uma ação que não irá ocorrer. Se eu estou correto, a frase acima está errada".

Ora, Marco, como você está errado, a frase é que está correta. O Português sempre usou o futuro do pretérito como modalizador de **gentileza**, i. é, como uma forma quase obrigatória de atenuar um pedido que, feito de outra maneira, seria considerado impolido pela sociedade. Se prestarmos atenção em nossas leituras, veremos que Machado, Alencar, Macedo, Eça, Drummond, Guimarães Rosa – todos eles! – usam, por polidez, esse futuro do pretérito. "Eu **gostaria** de ser excluído dessa lista" é uma forma aceitável de dizer o que, em versão ***hard***, seria "**quero** ser excluído dessa lista". É por isso que dizemos "o senhor **poderia** alcançar o sal?", "eu não **saberia** responder neste momento", "eu não **diria** isso", e assim por diante. Examine, numa boa gramática, o capítulo sobre "Emprego de tempos e modos"; vai encontrar isso bem explicadinho ali.

redescubramos

Carlos Pinto gostaria de saber se a frase "É preciso que **redescobrimos** a Páscoa" está correta.

Prezado Carlos: "É preciso que **redescubramos** a Páscoa". O fato de ser uma oração subordinada exige o verbo no **subjuntivo**: "É preciso que nós **façamos**" (e não ***fazemos**), "É preciso que nós **viajemos**" (e não ***viajamos**). O presente do subjuntivo de **redescobrir** é que eu **redescubra**, que tu **redescubras**, que nós **redescubramos**.

indicativo *versus* subjuntivo

Ana Paula C. gostaria de saber se as frases “A firma gera produtos que **produzem** lucros” e “A firma tem o objetivo de gerar produtos que **produzam** lucros” estão corretas; elas aparecem em páginas diferentes no seu livro de Economia, o que gerou sua dúvida.

Prezada Ana Paula: a diferença entre elas é que a primeira está no **indicativo**, e a segunda está (como deveria estar) no **subjuntivo**: “Os alunos que **leem** jornal” está para “Quero alunos que **leiam** jornal” assim como “A firma gera produtos que **produzem** lucros” (indicativo – fato real) está para “A firma tem por objetivo gerar produtos que **produzam** lucros” (subjuntivo – fato hipotético). Seu livro está correto, não se preocupe.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português***;** em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho***,** da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010)**.** Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Sumário